



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

**ENTRE O SIMBÓLICO E O REAL: UM OLHAR GEOGRÁFICO DAS PRÁTICAS  
TERRITORIAIS DAS TORCIDAS ORGANIZADAS FACÇÃO JOVEM E  
JOVEM DO GALO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB**



**JEFFERSON ORIENTE DA SILVA**

Campina Grande – PB

2014

## **DESENHO DA CAPA**

O contorno da imagem faz referência ao mapa urbano de Campina Grande no qual os cidadãos estão representados pelos torcedores do Campinense Clube e do Treze Futebol Clube, unidos no sentimento de pertencimento à cidade e na emoção de fazerem parte de forma direta ou indireta a um dos maiores clássicos do futebol paraibano. Os escudos dos clubes da cidade apresentam-se quebrados pelo fato da sensação positiva vir há algum tempo se desmaterializando no espaço em decorrência do surgimento das torcidas organizadas e as consequentes práticas violentas que se tornam constantes no espaço e se infiltram no imaginário urbano reproduzindo a sensação de insegurança. O galo, mascote do Treze e principal símbolo da Torcida Jovem do Galo e a raposa, mascote do Campinense e principal símbolo da Torcida Facção Jovem exibem-se em uma cena de briga, que representa o medo, a violência e os requintes de crueldade de alguns torcedores organizados da cidade. Desse modo, as torcidas, mediante práticas ilícitas promovem uma fragmentação da imagem de ambos os clubes, afastando torcedores e famílias inteiras dos estádios de futebol da cidade

**Ideia:** Xisto Souza Júnior e Jefferson Oriente.

**Desenho:** Philippe Alves e Jefferson Oriente.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**JEFFERSON ORIENTE DA SILVA**

**ENTRE O SIMBÓLICO E O REAL: UM OLHAR GEOGRÁFICO DAS PRÁTICAS  
TERRITORIAIS DAS TORCIDAS ORGANIZADAS FACÇÃO JOVEM E JOVEM DO  
GALO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB**

**Campina Grande – PB**

**2014**

**JEFFERSON ORIENTE DA SILVA**

**ENTRE O SIMBÓLICO E O REAL: UM OLHAR GEOGRÁFICO DAS PRÁTICAS  
TERRITORIAIS DAS TORCIDAS ORGANIZADAS FACÇÃO JOVEM E JOVEM DO  
GALO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso modalidade Monografia apresentado à Coordenação de TCC como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)-Campus Campina Grande.

**Orientador: Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior**

**Campina Grande – PB**

**2014**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG**

S586e

Silva, Jefferson Oriente da.

Entre o simbólico e o real : um olhar geográfico das práticas territoriais das torcidas organizadas facção jovem e jovem do galo na cidade de Campina Grande-PB / Jefferson Oriente da Silva – Campina Grande, 2014.

140 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior".  
Referências.

1. Território - Conflitos Sociais. 2. Torcida Organizada. 3. Símbolos.  
4. Violência. I. Souza Júnior, Xisto Serafim de Santana de. II. Título.

CDU 911:316.48(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES - CH  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA - CGEO

BANCA EXAMINADORA DE: **JEFFERSON ORIENTE DA SILVA**


**TÍTULO: ENTRE O SIMBÓLICO E O REAL: UM OLHAR  
GEOGRÁFICO DAS PRÁTICAS TERRITORIAIS DAS  
TORCIDAS ORGANIZADAS FACÇÃO JOVEM E JOVEM  
DO GALO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB**

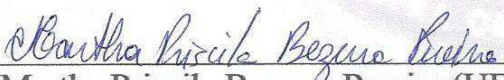
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

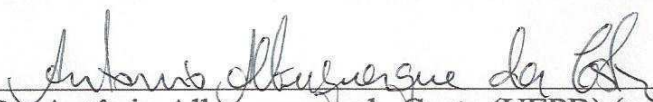
**MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
Curso de Licenciatura em Geografia**

Campina Grande (PB), 26 de março de 2014.

  
Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior (UFCG) (orientador)

  
Profa. Dra. Martha Priscila Bezerra Pereira (UFCG) (examinador)

  
Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa (UEPB) (examinador)

*Dedico este trabalho à minha querida e maravilhosa mãe (Maria Valéria Oriente), ao guerreiro e grande exemplo de homem que sempre foi, e ainda continua sendo, meu pai (Heronides Rodrigues Filho) e aos meus amados irmãos (Jéssica Oriente e Joalysson Oriente) que sempre me acompanharam nas idas ao estádio, onde vibramos, cantamos, gritamos e choramos pelo nosso time de coração.*

*Amo vocês!*

## AGRADECIMENTOS

Ao término de mais um desafio, estou ciente de que os resultados alcançados não foram influenciados apenas por um esforço particular de dedicação e estudos, mas por poder contar com a participação e colaboração de pessoas importantes que muitas vezes suportaram os meus momentos de fraqueza incentivando-me a superá-los.

Diante destas palavras, gostaria de agradecer primeiramente a Deus por tudo que tem proporcionado em minha vida, pelos bons momentos com pessoas maravilhosas durante a graduação, por me dar forças para continuar diante das dificuldades e também pela coragem ao enfrentar os desafios.

Deixo meus sinceros e profundos agradecimentos a meu orientador Xisto Souza Júnior, que se preocupou constantemente e me guiou no caminho científico durante toda graduação e também na realização da presente pesquisa.

Agradeço também a minha tutora do PET-Educação Conexões de Saberes Keila Queiroz e Silva que durante os quatro anos de Ensino, Pesquisa e Extensão contribuiu significativamente para minha formação e profissionalização.

Agradeço aos membros da banca examinadora Xisto Souza Júnior, Martha Priscila Pereira e Antônio Albuquerque, por terem aceito o convite e disponibilizarem o pouco tempo que têm para leitura e avaliação do presente trabalho de conclusão de curso, nesse momento tão especial em minha vida em que se está fechando um ciclo e abrindo outro.

Agradeço ao Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial (GIDS) por ter me acolhido e me dado toda base necessária para a pesquisa em Geografia, em especial aos amigos Dênnis Cláudio, Jordânia Alyne, Joalysson Oriente, Marcicleide Milanez, Kátia Nóbrega, José Evaldo, Ivna Morgana e Jéssica Oriente, em que juntos compomos a geração “AFROGIDS”, que me ajudaram significativamente na realização da Entrevista com o Grupo Focal.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa para a promoção da Saúde em Geografia (PRÓ-SAÚDE GEO) pelos debates e contribuições acadêmicas concedidas.

Agradeço aos Docentes e Funcionários do Curso de Geografia da UFCG pelo carinho e consideração que me propuseram, em especial às professoras Martha Priscila, Débora Coelho e Maria do Carmo (UAEA), que sempre estiveram à disposição nos momentos de dificuldades.

Agradeço aos colegas de Universidade, de sala, e do PET-Conexões de Saberes Educação, em especial Laís Rodrigues, Valéria da Silva, Jean de Lima e Edilson Ramos, por me proporcionarem diversos momentos de alegria e companheirismo.



Agradeço às Instituições de Ensino que me ofereceram apoio durante a graduação, em especial à Escola Estadual Virgínius da Gama e Melo (VGM) onde fui aluno e atuei como professor estagiário, e principalmente ao Ministério da Educação (MEC) por me fornecer a bolsa de estudos durante quatro anos para financiar meus trabalhos e pesquisas acadêmicas.

Agradeço aos entrevistados do Grupo Focal, Francisco Filgueira, Kleber Cabral, Gustavo Carneiro, Kaio Breno, Alexsandro Bezerra e José Otoni Neto, por terem aceito o convite, comparecido nesta etapa tão importante da pesquisa e contribuído com profundas e importantes respostas às questões propostas no tópico-guia.

Agradeço aos clubes de Futebol Campinense Clube e Treze Futebol Clube, em especial às suas charmosas torcidas, por abrilhantarem e apimentarem o “clássico dos maiorais” na Rainha da Borborema.

Agradeço a todos os meus amigos, em especial: Hugo Rennan, Taffarel Montenegro, Thúlio Vasconcellos, Thércio Vasconcellos, Carlos Alberto, Charles Wendell, Davyson Odilon, Gilson Júnior, José Otoni, Iranildo Brandão, Augusto Ferreira, Jollyson Sajid, Kaio Breno, Maxtone, Nallysson Náddeo, Weverton David, Deigle Maikssoney, Philippe Alves, Gryzinski Ishihara, Expedito de Araujo, Anderson Rennan, Andrews Digson e Djalma Alves, que ao estarmos reunidos me proporcionam diversos momentos de descontração e alegria.

Agradeço significativamente à minha família que sempre esteve presente nos bons e maus momentos durante a graduação e acreditaram no meu potencial, em especial Maria Valéria Oriente, Heronides Rodrigues Filho, Jéssica Oriente, Joalysson Oriente, Dapaz Oriente, Maria Carolina, Jailma Gerlane, Joilson Batista, Elizabeth Oriente, Eduardo Jorge, Edineide Oriente e Erivan Oriente.

Agradeço à grande amiga Jessica Dwanssênia por disponibilizar o pouco de seu tempo livre para realizar as correções ortográficas de meu TCC.

Agradeço profundamente à minha namorada Ivna Morgana, por estar ao meu lado e me apoiar na realização de mais um sonho, ser um profissional da Geografia.

Por fim, e não menos importante, agradeço aos que já se foram, mas que estarão sempre em minha memória e me fortalecendo em pensamento.

Se esqueci de alguém peço desculpas, pois a torcida é grande! Deixo neste trabalho todo o carinho, respeito e admiração pelos acima citados, pois sem estes pilares que me sustentaram por todo esse tempo de graduação, e suas significativas contribuições a elaboração deste trabalho de conclusão de curso não teria acontecido.

*“...É gol, que felicidade!  
É gol, o meu time é a alegria da cidade!”*  
Trecho da música Replay - Trio Esperança

## **RESUMO**

Criadas com o objetivo de tornar as partidas de futebol mais empolgantes, as torcidas organizadas têm contraditoriamente se constituído como uma das principais tensões sociais na medida em que os conflitos existentes entre as mesmas, além de presentes durante as partidas, ultrapassam os limites do estádio e se materializam no próprio ambiente urbano através de fortes embates socioterritoriais. Em Campina Grande duas torcidas se destacam: a Torcida Organizada Facção Jovem (TFJ), dos torcedores do Campinense Clube, e a Torcida Jovem do Galo (TJG), dos torcedores do Treze futebol Clube. Tais torcidas expressam uma geograficidade na medida em que, independentemente da existência de partidas, influenciam na formação das identidades urbanas, especialmente no que se refere à reprodução de um imaginário social. Diante do exposto, a presente proposta de pesquisa buscará analisar, sob um olhar geográfico, as consequências das práticas territoriais das torcidas organizadas de Campina Grande e sua influência na formação de identidades com o espaço urbano. Para isto utilizaremos os fundamentos do método qualitativo pautado na análise do discurso do sujeito coletivo. Espera-se que a discussão aqui proposta possa contribuir de forma construtiva na elaboração de políticas, por parte governamental, de combate às ações violentas proporcionadas pela categoria, as quais, na maioria das vezes, ao invés de serem elaboradas de forma consistente são incentivadas somente perante atitudes repressivas e violentas uma vez que, através dos resultados obtidos, constatou-se expressões geográficas das práticas territoriais dessas torcidas através da fala emitida pelos sujeitos entrevistados em Grupo Focal, que vivem este universo repleto de simbologia, mitos e realidades, a torcida organizada.

**Palavras-chave:** Campina Grande, Torcida Organizada, Símbolos, Território, Violência.

## ABSTRACT

Created with the goal of making the matches more exciting football, organized supporters have paradoxically been constituted as a major social tensions in that the existing conflicts between them , and present during the matches , beyond the limits of the stadium and materialize in the urban environment itself through strong socio-territorial conflicts. For two Campina Grande twisted stand: Twisted Youth Organized Faction (TFJ), Campinense Club of fans, and Young Twisted Rooster (TJG), fans of the Thirteen Club Soccer. Such twisted express a geographicity, regardless of the existence of matches, influences the formation of urban identity, especially with regard to the reproduction of a social imaginary. Given the above, the proposed research will seek to analyze, from a geographic look at the consequences of territorial practices of the organized fans of Campina Grande - PB and its influence on the formation of identities with the urban space. For this we will use the fundamentals of qualitative method guided the analysis of the collective subject discourse. It is hoped that this discussion proposed here can contribute constructively in policy by government party , fighting the proportionate category violent actions , which in most cases , instead of being prepared are consistently encouraged only upon the attitudes repressive and violent since, by the results obtained , it was found geographical expressions of territorial practices of these twisted through speech emitted by the subjects interviewed in focus group , living this universe full of symbols , myths and realities , organized supporters.

**Keywords:** Campina Grande, Fans Organized, Symbols, Territory, Violence.

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização da cidade de Campina Grande.....	23
Mapa 2: Deslocamento dos torcedores organizados em dia de “clássico dos maiorais” .....	36
Mapa 3: Esboço da cidade de Campina Grande-PB em 1864.....	45
Mapa 4: Localização dos estádios de futebol da cidade de Campina Grande.....	53

## LISTA DE FOTOS

Foto 1a, 1b e 1c: Entrevista com Grupo Focal.....	38
Foto 2: Primeira equipe profissional do Campinense Clube em 1919.....	49
Foto 3a e 3b: Estádio Renato Cunha Lima (O Renatão).....	50
Foto 4: Primeira equipe profissional do Treze Futebol Clube.....	51
Foto 5a, 5b e 5c: Estádio Presidente Vargas (PV).....	52
Fotos 6a, 6b e 6c: Clássico dos Maiorais.....	55
Foto 7a e 7b: Bandeirões das torcidas organizadas de Campina Grande.....	62
Foto 8a e 8b: Faixas das Torcidas organizadas de campina Grande.....	62
Foto 9a e 9b: Tatuagens dos integrantes das torcidas organizadas de Campina Grande.....	63

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1a e 1b: Símbolos oficiais representativos das torcidas organizadas Facção Jovem e Jovem do Galo.....	59
Figura 2a e 2b: Camisas representativas das torcidas organizadas de Campina Grande.....	61

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1: Dimensões latentes sobre as quais se constrói a Representação Social.....	31
Gráfico 2: Funções da Representação Social.....	32



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Roteiro de perguntas para Entrevista com Grupo Focal.....	40
Quadro 2: Análise de Discurso do Sujeito Coletivo da Entrevista com Grupo Focal.....	41
Quadro 3: Músicas da TFJ.....	64
Quadro 4: Músicas da TJG.....	64
Quadro 4: Músicas com palavrões das torcidas organizadas de Campina Grande.....	75

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Evolução populacional da cidade de Campina Grande.....	47
--	----

## **LISTA DE APÊNDICES**

Apêndice 1: Termo De Consentimento Livre e Esclarecido aplicado durante a entrevista.....	87
Apêndice 2: Roteiro De Entrevista com Grupo Focal.....	90
Apêndice 3: Análise de Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).....	91
Apêndice 4: Transcrição literal da Entrevista com Grupo Focal.....	115

## **LISTA DE SIGLAS**

<b>CG</b>	CAMPINA GRANDE
<b>DSC</b>	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
<b>EGF</b>	ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL
<b>GRTOTJG</b>	GRÊMIO RECREATIVO TORCIDA ORGANIZADA TORCIDA JOVEM DO GALO
<b>GRSCTOTFJ</b>	GRÊMIO RECREATIVO SÓCIO-CULTURAL TORCIDA ORGANIZADA TORCIDA FACÇÃO JOVEM
<b>IBGE</b>	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
<b>PV</b>	ESTÁDIO PRESIDENTE VARGAS
<b>PB</b>	PARAÍBA
<b>TCLE</b>	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO
<b>TFJ</b>	TORCIDA FACÇÃO JOVEM
<b>TJG</b>	TORCIDA JOVEM DO GALO
<b>TO</b>	TORCIDA ORGANIZADA
<b>TONA</b>	TORCIDA ORGANIZADA NÚCLEO ALVINEGRO
<b>TORA</b>	TORCIDA ORGANIZADA DA RAPOSA
<b>TRS</b>	TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
<b>TTA</b>	TORCIDA ORGANIZADA TOCHA ALVINEGRA
<b>UEPB</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
<b>UFCG</b>	UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>I CAPÍTULO: CAMINHOS PERCORRIDOS NA ANÁLISE DAS TERRITORIALIDADES DAS TORCIDAS ORGANIZADAS EM CAMPINA GRANDE.....</b>	<b>27</b>
1.1-“CLÁSSICO DOS MAIORIAS” E PRÁTICAS TERRITORIAIS: A GEOGRAFIA DOS TORCEDORES ORGANIZADOS.....	34
1.2-REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL.....	37
1.3-DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: A PESQUISA QUALITATIVA NO UNIVERSO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS.....	38
1.3.1-A ESCOLHA DOS SUJEITOS PESQUISADOS.....	39
1.3.2-A ELABORAÇÃO DO TÓPICO-GUIA.....	39
1.3.3-ANÁLISE DE DISCURSO DOS ENVOLVIDOS COM AS TORCIDAS ORGANIZADAS.....	40
<b>II CAPÍTULO: CAMPINA GRANDE, FUTEBOL E AS TORCIDAS ORGANIZADAS: UMA LEITURA HISTORIOGRÁFICA.....</b>	<b>43</b>
2.1-CAMPINENSE CLUBE E TREZE FUTEBOL CLUBE: NASCEM AS PAIXÕES E RIVALIDADES NO FUTEBOL DE CAMPINA GRANDE.....	47
<b>III CAPÍTULO: SÍMBOLOS, IMAGENS E IDENTIDADES: A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO MOTIVADO PELAS TORCIDAS ORGANIZADAS NOS HABITANTES DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE.....</b>	<b>56</b>
<b>IV CAPÍTULO: AS TORCIDAS ORGANIZADAS NO OLHAR DE QUEM FAZ E NA PERSPECTIVA DE QUEM OBSERVA: OS DOIS LADOS DO DISCURSO.....</b>	<b>68</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>86</b>

## INTRODUÇÃO

Quase todos os meninos já sonharam algum dia em se tornar jogador de futebol profissional, e sonho este muitas vezes é reprimido pelas condições de vida que a sociedade vivencia. Questões como sonhar ou sobreviver permeiam a vida de inúmeras famílias de classes sociais menos favorecidas e o desejo de ser um ídolo do esporte acaba ficando de lado, dando vez ao trabalho infantil na busca de uma melhoria na renda para a contribuição com as despesas financeiras da residência. Quando não ocorre desta forma, os jovens seguem caminhos profissionais totalmente distintos daquele que um dia sonharam, cabendo-lhes somente estar na figura de espectador das partidas de futebol exibidas pela televisão, pelo rádio ou nos estádios.

Estar entre os jovens que não alcançaram esse sonho me fez buscar outra saída profissional em um caminho totalmente diferente do que queria seguir. Porém o destino me aproximou novamente desse sonho, mas de uma forma distinta, através da Ciência. Ciência esta que de forma indireta está intimamente ligada com minha paixão de infância: o futebol. A Geografia me trouxe de volta a vontade de me destacar no futebol, só que “fora das quatro linhas”, de forma a tornar-me um ser social preocupado com os interesses dos torcedores e órgãos que lutam pela paz dentro e fora dos estádios.

Ao escolher este objeto de estudo houve um autoquestionamento sobre a natureza geográfica da investigação. Desse modo, durante as disciplinas da graduação foi se configurando uma possível resposta para essa indagação: se a Geografia é a ciência do espaço e se preocupa com sua dinâmica e transformações, o futebol é uma prática espacial que modifica o espaço significativamente perante as suas práticas em dias de partidas ou não.

Foi a partir dessa hipótese que foram estruturados os primeiros parâmetros da problemática durante a componente curricular Projeto de Pesquisa, na qual observamos que se por um lado o futebol provoca aglomeração, sendo uma atividade de inclusão, por outro, o posicionamento das torcidas organizadas tem influenciado no agravamento dos problemas urbanos de Campina Grande. A pesquisa foi, portanto, pautada na motivação pessoal e profissional.

Como torcedor, busco contribuir para uma melhor imagem das torcidas dentro e fora dos estádios, mostrando também, que ser torcedor é muito mais do que somente ir ao estádio, vestir a camisa do clube e maltratar verbalmente e fisicamente o adversário, é querer mudança no quadro social existente na atualidade. Como profissional da Geografia, mediante a elaboração deste trabalho, busco fazer com que as autoridades competentes e os torcedores organizados considerados como violentos percebam a importância de trazer a família para presenciar esse

“espetáculo de massa” e ver seus ídolos de perto sem se preocupar com o retorno para casa em dia de jogo.

Estudar as consequências das ações das torcidas organizadas requer uma certa delicadeza, uma vez que estamos tratando de segmentos da sociedade altamente articulados, cuja prática social resulta, na maioria das vezes, em episódios de violência.

É importante serem mencionados os debates formados e idealizados em torno desses segmentos na sociedade e na própria ciência geográfica, pois o trato destas informações sobre este tipo de torcedor está significativamente distorcido pelos veículos midiáticos, não só no espaço urbano da cidade de Campina Grande, mas em todo país.

Segundo Pimenta (2000), as primeiras torcidas organizadas datam do final dos anos 1960 e começo dos anos 1970 e geraram um novo tipo de torcedor dentro e fora das arquibancadas. Para Azevedo (2008), esses torcedores, em seu surgimento tinham como principal característica o fato de simplesmente torcerem, sem nenhum tipo de organização sistemática ou administrativa. Estamos nos referindo às charangas, que tinham como principal objetivo apenas reunir ou aglomerar torcedores nas arquibancadas durante o jogo, que muitas vezes iam para o estádio com a simples função de fazer animação musical, quase sempre esses encontros pouco se referiam ao clube, mas ao evento desportivo no geral.

É importante destacar que estes torcedores passaram a ser identificados ou percebidos dentro e fora dos estádios pela vestimenta, virilidade e masculinidade, cânticos de guerra, transgressões das regras legais, coreografias, sentimento de pertencimento ao grupo, necessidade de autoafirmação e oposição aos modelos considerados, demasiadamente pacíficos, adotados pelas “charangas” (PIMENTA, 2000).

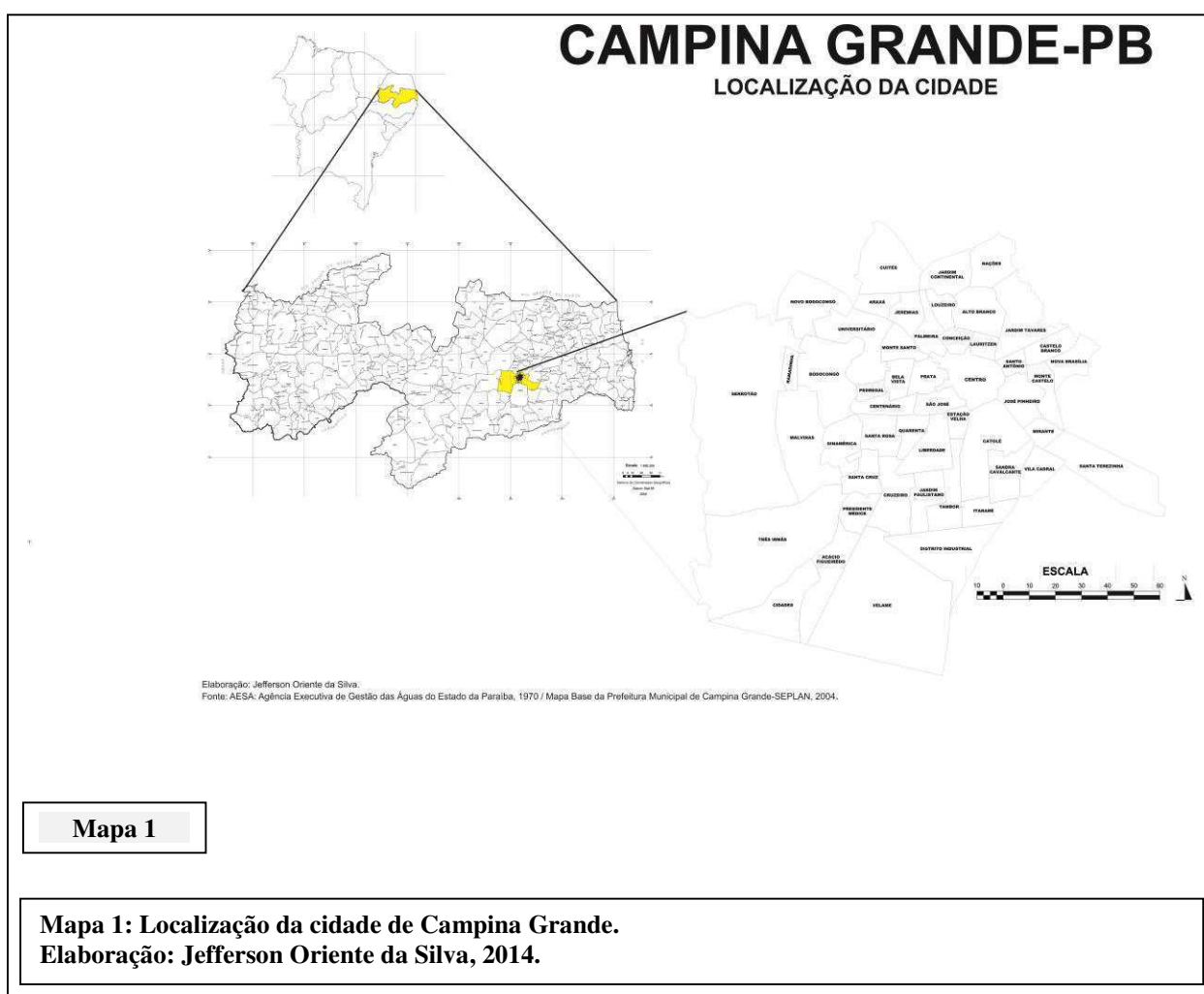
Ainda segundo Pimenta (2000), a Torcida Organizada “Gaviões da Fiel”, do Sport Clube Corinthians Paulista, é concebida como o segmento de torcedores articulados mais antigo do país, tendo sido criada em 01/07/1969, com a finalidade de fiscalizar e apontar todos os erros cometidos pelos dirigentes do clube. Vale salientar que esta torcida representa o primeiro segmento a ter uma estrutura organizativa regida por regras estatutárias, características burocráticas/militares, sendo administrada por presidente e vice, conselheiros e diretores eleitos periodicamente, assim compondo uma instituição privada sem fins lucrativos com seus sócios tratados de forma “impeccable”.

No caso da cidade de Campina Grande, o fenômeno torcida organizada vem influenciando em sua dinâmica urbana, a partir da promoção de identidades no urbano, desde a primeira década do ano 2000, momento em que se evidenciaram vários acontecimentos envolvendo conflitos



armados expressos principalmente nos ambientes de uso público (praças e ruas) a partir de práticas agressivas de pessoas vinculadas a estas torcidas.

A cidade de Campina Grande está localizada no Estado da Paraíba, especificamente na Mesorregião do Agreste (Mapa 1) e conta com um contingente populacional de 385.213 habitantes (IBGE, 2010), e desde o período de sua emancipação vem reconfigurando seu espaço de acordo com as necessidades populacionais. No que se refere à ação das torcidas organizadas, Campina Grande encontra maior expressividade nos dois principais Clubes de Futebol profissional: o Campinense Clube e o Treze Futebol Clube.



O Campinense clube foi criado em 12 de Abril de 1915, por cerca de 26 jovens torcedores da cidade. Inicialmente tratava-se de uma sociedade dançante, objetivando a demonstração de orgulho pela terra natal e também a crença no futuro promissor para esta, mediante esses dizeres

o nome do clube foi sugestivo. De acordo com seu site oficial<sup>1</sup>, nasce o clube de futebol nomeado inicialmente de Campinense Club. Outros pontos importantes associados à discussão anterior dizem respeito ao ano de 1955, em que o Campinense Clube disputou a sua primeira competição organizada pela Liga Campinense de Futebol e também à década de 1960 ao conquistar o Hexacampeonato estadual de futebol profissional.

Na data de 07 de Setembro de 1925, nasce através de uma reunião coordenada por Antônio Bióca<sup>2</sup>, a agremiação esportiva Treze Futebol Clube. Vale destacar que o nome dado ao clube tratou-se de uma sugestão de José Casado, que por sua vez esteve baseada na quantidade de sócios que haviam assinado a primeira ata da reunião, como consta no site oficial do clube<sup>3</sup>.

Em meados do início do século XX, tem-se um marco importante na história da cidade de Campina Grande, a chegada da ferrovia em seu espaço urbano no ano de 1907, desta forma propiciando o ciclo algodoeiro, assim a riqueza da cidade e sua acumulação permitiu que os cidadãos pensassem em outras formas de lazer.

As origens das agremiações futebolísticas na cidade e sua relação com os eventos que marcaram seu desenvolvimento urbano, estão baseadas no processo de migração territorial, criando condições e possibilidades de se torcer por clubes da própria localidade. É possível afirmar que esta rivalidade até o surgimento das torcidas organizadas locais era expressa de forma amadora e configurada em moldes aceitos pela sociedade.

A análise das práticas territoriais desses “novos” sujeitos sociais torna-se de interesse científico, uma vez que as estratégias e táticas dos mesmos acabam influenciando no cotidiano urbano, conforme evidenciado por Pimenta (2000) ao estudar a relação desses novos sujeitos sociais nos espaços dos grandes centros urbanos do país.

De acordo com Pimenta (2000), as torcidas organizadas contam com uma organização administrativa articulada que faz alusão a organizações que agem de forma militar, como por exemplo batalhões policiais e facções criminosas, pelo grande número de confrontos em que se envolvem, capaz de decidir as ações que serão tomadas pelos torcedores organizados.

Nesse contexto compõem essa comissão: o Presidente, responsável pelas alianças com outras torcidas e pelo desenvolvimento de atividades ligadas diretamente ao cotidiano da torcida; Vice-presidente, que atua como uma espécie de auxiliador nas decisões tomadas pelo presidente; os Conselheiros e Diretores, incumbidos de gerenciar os setores de bens materiais (bandeiras,

---

<sup>1</sup> <http://campinenseclube.net>. Acesso em 03/01/2014.

<sup>2</sup> Antônio Carlos Bióca foi uma das principais referências no futebol campinense e paraibano, alguns autores afirmam que este cidadão foi o primeiro a introduzir o futebol na cidade.

<sup>3</sup> <http://trezefc.com.br>. Acesso em: 03/01/2014.

faixas e instrumentos), arte e lazer (promoção de ações sociais como doação de sangue e realização de festividade para arrecadar dinheiro para a própria subsistência da Torcida) e organizar as caravanas para dentro ou fora do Estado. Cabe lembrar também que esse segmento é composto por diversos indivíduos, associados ou não, da sociedade, tais como pessoas que respondem ou já responderam a processos criminais, viciados, estudantes, trabalhadores das mais variadas profissões, pais de família, mulheres, jovens, etc.

As torcidas estabelecem práticas territoriais nos espaços urbanos que influenciam significativamente em seu redimensionamento, haja visto a interferência produzida na mobilidade temporária, uma vez que nos dias de jogo a dinâmica urbana é reestruturada, já que os torcedores tomam conta das ruas e avenidas de acesso ao principal estádio da cidade, Governador Ernani Sátiro (O Amigão), além de serem responsáveis pela mudança no contingente policial que passa a ser concentrado nas principais vias de acesso e no próprio estádio, assim como no redimensionamento do número de ônibus que fazem o percurso para o local das partidas. Diante desse contexto, os espaços de circulação pública tornam-se predominantemente dos torcedores, que ao darem ação as suas práticas territoriais, obrigam os veículos e outros cidadãos a se deslocarem por outros caminhos no interior da cidade.

Diante destas palavras, o objetivo principal do presente trabalho é identificar as práticas territoriais das torcidas organizadas Facção Jovem e Jovem do Galo na cidade de Campina Grande – PB, desta forma, os propósitos científicos específicos versam na busca da compreensão da percepção dos integrantes das torcidas organizadas quanto à sua influência no processo de apropriação e produção espacial; analisar como os habitantes da cidade de Campina Grande percebem e pensam sobre a apropriação dos espaços pelo segmento organizado e sua influência no redimensionamento urbano da cidade em dias de jogos ou não; e por fim, identificar a influência dessas torcidas na formação de identidades urbanas observando as ações e as contradições no espaço.

O presente trabalho está estruturado em quatro capítulos que versarão em torno da temática abordada.

Intitulado como *Caminhos percorridos na análise das territorialidades das torcidas organizadas em Campina Grande*, o primeiro capítulo aborda os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, assim como uma abordagem preliminar sobre a técnica da Entrevista com Grupo Focal (EGF).

O segundo capítulo intitula-se *Campina Grande, Futebol e as Torcidas Organizadas: uma leitura historiográfica*, que traz uma análise do processo histórico de formação da cidade de

Campina Grande, da chegada do futebol e da origem do segmento torcida organizada em seu espaço urbano.

O terceiro capítulo aborda a seguinte contexto: *Símbolos, Imagens e Identidades: a construção do imaginário motivado pelas torcidas organizadas nos habitantes da cidade de Campina Grande*. Nesta parte do trabalho se estabelece uma discussão em torno da simbologia ocasionada pelos acessórios utilizados pelos torcedores e acerca das identidades geradas pela integração na agremiação.

O quarto e último capítulo: *As torcidas organizadas no olhar de quem faz e na perspectiva de quem observa: os dois lados do discurso*. Através de uma análise de discurso, esta parte do trabalho apreciará as falas dos entrevistados com Grupo Focal, desse modo estabelecendo as regras metodológicas das figuras de linguagem estabelecidas.

Mediante estas palavras espera-se que este trabalho contribua para uma mudança no contexto social dos torcedores e dos segmentos que estão envolvidos de forma direta e indireta com suas práticas, bem como, sirva de referência a desdobramentos de outros estudos por geógrafos ou demais profissionais interessados pela temática.

## I CAPÍTULO

### CAMINHOS PERCORRIDOS NA ANÁLISE DAS TERRITORIALIDADES DAS TORCIDAS ORGANIZADAS EM CAMPINA GRANDE

*“(...)Porque eu não quero cadeira enumerada, eu vou pra arquibancada pra sentir mais emoção (...)”*

Trecho cantado durante “clássico dos maiorais”

A partir da realização de trabalhos de campo exploratórios e observações identificadas em matérias audiovisuais dos principais telejornais da cidade, percebe-se que o “fenômeno” Torcida Organizada vem reconfigurando significativamente os espaços de lazer e recreação da cidade. Não é raro nos depararmos nos espaços públicos, principalmente em dia de jogo, com torcedores uniformizados e muitas vezes armados, caracterizando o universo simbólico desses indivíduos que, em grupo, demonstram um sentimento de segurança e homogeneidade entre si, como afirma Pimenta (2000):

“Dos anos 80 para cá, sabe-se que, no Brasil, o comportamento do torcedor nas arquibancadas dos estádios de futebol modificou-se consideravelmente. Isso se deu pelo surgimento de configurações organizativas com característica burocrática/militar, fenômeno essencialmente urbano que cria uma nova categoria de torcedor, ou seja, o chamado “torcedor organizado” (Pimenta, 2000, p. 123).

A situação torna-se ainda mais complexa em sua análise quando se percebe a não diferenciação dos indivíduos quanto à faixas etária e setor econômico, uma vez que, apesar de uma maior predominância de jovens, os indivíduos integrantes das Torcidas Organizadas partilham de diferentes idades, etnias, e classes sociais tornando-se. Segundo Pimenta (2000), as novas filiações/associações são realizadas em sua maioria por jovens entre 12 e 18 anos de idade, que são atraídos pelas vestimentas, força e coesão do grupo, estilo de vida, prazer da violência e sobretudo o que motiva todos os participantes: os aspectos estético-lúdico-simbólicos disponibilizados não somente à massa jovem, mas a sociedade de consumo instaurada em nosso país.

Nesse contexto, busca-se, através desta pesquisa monográfica, pensar a configuração do espaço de Campina Grande através das duas torcidas organizadas mais expressivas da cidade: a Torcida Organizada Facção Jovem do Time do Campinense Clube e a Torcida Organizada Jovem do Galo, segmento representativo do Treze Futebol Clube, assim como também perceber as práticas de ocupação territorial e a percepção do espaço perante as visões dos torcedores tidos como “comuns” frente aos organizados.

Os Times de futebol da cidade de Campina Grande não possuem apenas uma torcida organizada. O campinense clube possui como forte apoio nas arquibancadas a Torcida Organizada da Raposa (TORA), a Torcida Organizada Raposa Chopp (TORC) e a Torcida Organizada Facção Jovem (TFJ). No caso do Treze Futebol Clube, este detém como forma de incentivo as Torcidas Tocha Alvinegra (TTA), Torcida Jovem do Galo (TJG) e Torcida Núcleo Alvinegro (TONA).

A opção pela escolha de apenas uma torcida de cada clube, no caso as organizadas TFJ e TJG, justifica-se pelo fato de que estas se caracterizam por deter um maior número de integrantes nas arquibancadas em relação às demais torcidas de cada clube e por terem grande parte dos torcedores representados por jovens da cidade, que muitas vezes são oriundos de áreas periféricas e partilham de uma situação social menos favorecida. Além disso, por falta de instrução, estes estão mais vulneráveis à desordens sociais causadas por suas participações nas ações das torcidas organizadas. Também é possível afirmar que esta faixa etária de torcedores organizados são apresentados na mídia por possuírem maior envolvimento em conflitos armados e fazerem dos estádios e espaços públicos da cidade de Campina Grande verdadeiros campos de batalha. Desde o surgimento das torcidas organizadas, nota-se que os acontecimentos negativos envolvendo estes cidadãos ocorrem independentemente do dia de realização das partidas envolvendo os clubes.

Diante do quadro de referência apresentado, evidencia-se como relevante o estudo das práticas socioterritoriais das torcidas organizadas na cidade de Campina Grande no que concernem as suas influências na estrutura urbana da cidade, uma vez que o redimensionamento, bem como as suas práticas de apropriação espacial se expressam em confrontos e disputa de poder por parte dos membros vinculados às torcidas organizadas. Cabe destacar que existem diversos tipos de práticas e disputas territoriais com a torcida tida como rival, além de conflitos dentro do mesmo segmento, pois com a divisão da cidade em Zonas<sup>4</sup> (Norte, Sul, Leste e Oeste) o sentimento de superioridade cresce constantemente no interior das torcidas organizadas, que buscam através de gritos, bandeiras, faixas, pirotecnia, e uniformes homogêneos se destacarem diante das demais torcidas.

Além disso, da mesma forma que ocorre com outras torcidas organizadas, é comum o estabelecimento de alianças ou amizades com as torcidas dos outros Estados do Brasil, que segundo Azevedo (2008), entende-se como uma relação, de certa forma, pacífica para que quando haja jogos fora de seus domínios, uma torcida aliada possa recepcioná-la e auxiliá-la em sua segurança contra possíveis ataques de rivais. Para serem representadas e “respeitadas” as torcidas organizadas têm por obrigação a adoção de um símbolo que imponha medo e autoridade, podendo ser o mascote do clube ou não, mas que denote violência.

---

<sup>4</sup> A cidade de Campina Grande está subdividida em quatro zonas. Esta subdivisão proposta pela secretaria de planejamento de cidade de Campina Grande (SEPLAN) leva em consideração o posicionamento ou localização geográfica dos seus bairros componentes

A pesquisa está estruturada a partir das Teorias Representações Sociais e Intencionalidades, análise dos conceitos de Insegurança e Território e fundamentada nas concepções de imaginário e apropriação territorial.

Para Rodrigues (2002), vivemos na era dos ataques à integridade física e à propriedade pessoal pelo uso da força ou da coação, remetendo-se ao conceito de Insegurança. Ressalta-se a ideia de que há grupos organizados que têm como marca explícita a violência e esta, por sua vez, remonta o pensamento frente a outros conceitos imprescindíveis a este estudo, tais estão expressos na sensação de medo, tanto dos indivíduos que presenciam de fora as ações desses segmentos quanto os que convivem cotidianamente na realização das práticas desenvolvidas pelas agremiações.

Como fundamento importante no tratamento das informações referentes aos segmentos organizados, em nosso caso as torcidas organizadas de clubes de futebol, a Teoria das Representações Sociais (TRS) proporciona elementos importantes no entendimento das intencionalidades dos indivíduos, uma vez que, segundo Santos (2005), consiste em um modelo teórico ou um saber científico que objetiva a compreensão e a explicação da elaboração e desenvolvimento desse conhecimento obtido mediante informações do senso comum, requerendo um estudo detalhado e específico. Ainda para esta autora:

“Não é portanto, todo e qualquer conhecimento do senso comum que pode ser denominado de representação social. Para gerar representações sociais o objeto deve ser polimorfo, isto é, passível de assumir formas diferentes para cada contexto social e, ao mesmo tempo, ter relevância cultural para o grupo.” (Santos & Almeida, 2005, p. 22).

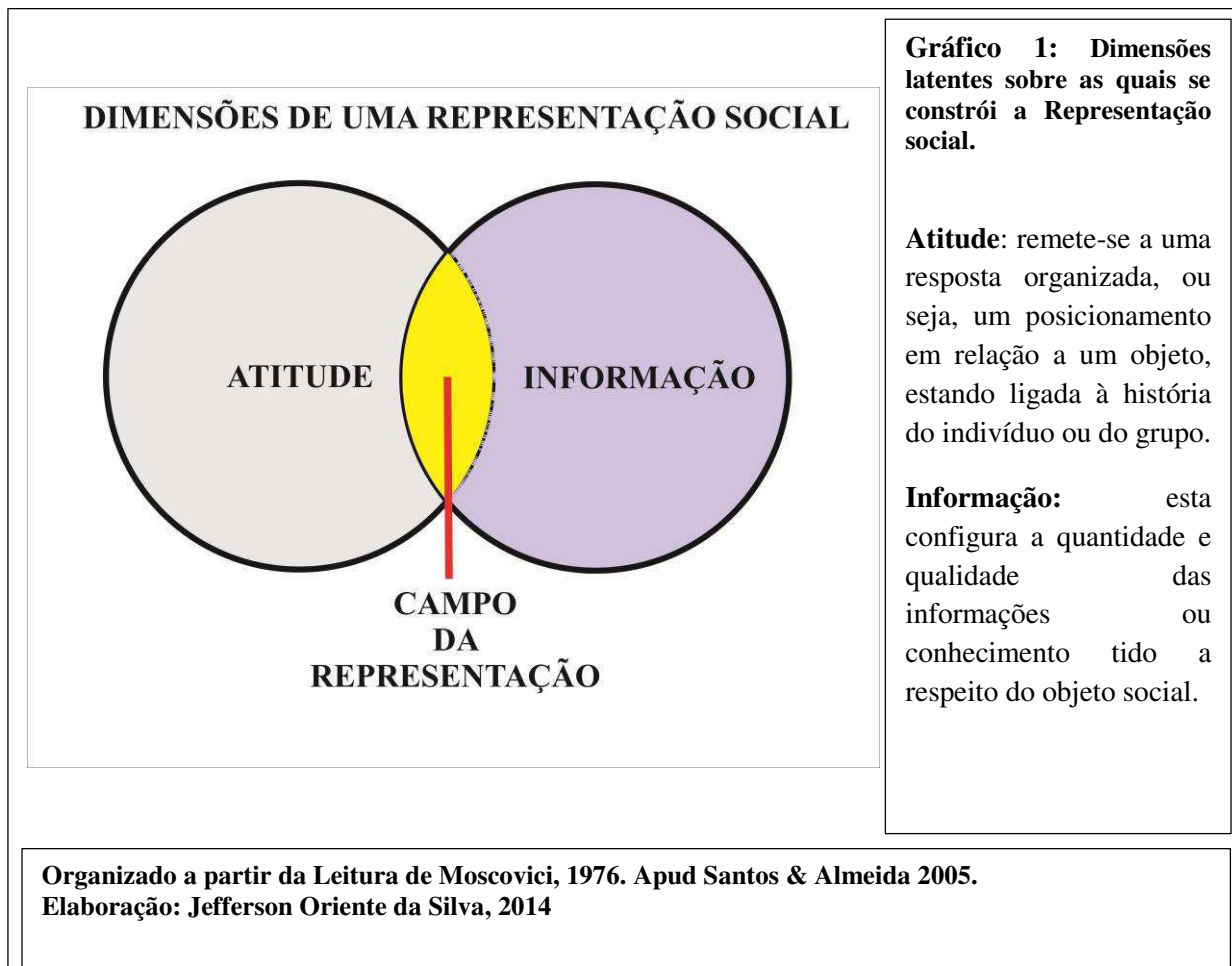
Essa teoria não corresponde somente ao campo da ciência geográfica, uma vez que tem sua origem na Psicologia e remete-se a um estudo do senso comum. Contudo, não é qualquer saber desse tipo de senso comum que pode ser caracterizado como componente da representação social, uma vez que para ser considerado como parte da teoria das representações sociais necessita ter um objeto de estudo capaz de se adequar ao contexto social e ter relevância cultural para o grupo que se está sendo pesquisado. O processo de construção social da realidade contido na proposta básica desta teoria busca a compreensão na relação entre sujeito e objeto. Outro fato importante a ser pontuado está na relação entre as representações e a comunicação, pois para sua elaboração tem-se que levar em consideração a associação entre indivíduo e sociedade.

Trabalhar a Teoria das Representações Sociais requer o entendimento de associação entre conteúdo e processo, pois como afirmam Santos & Almeida (2005):



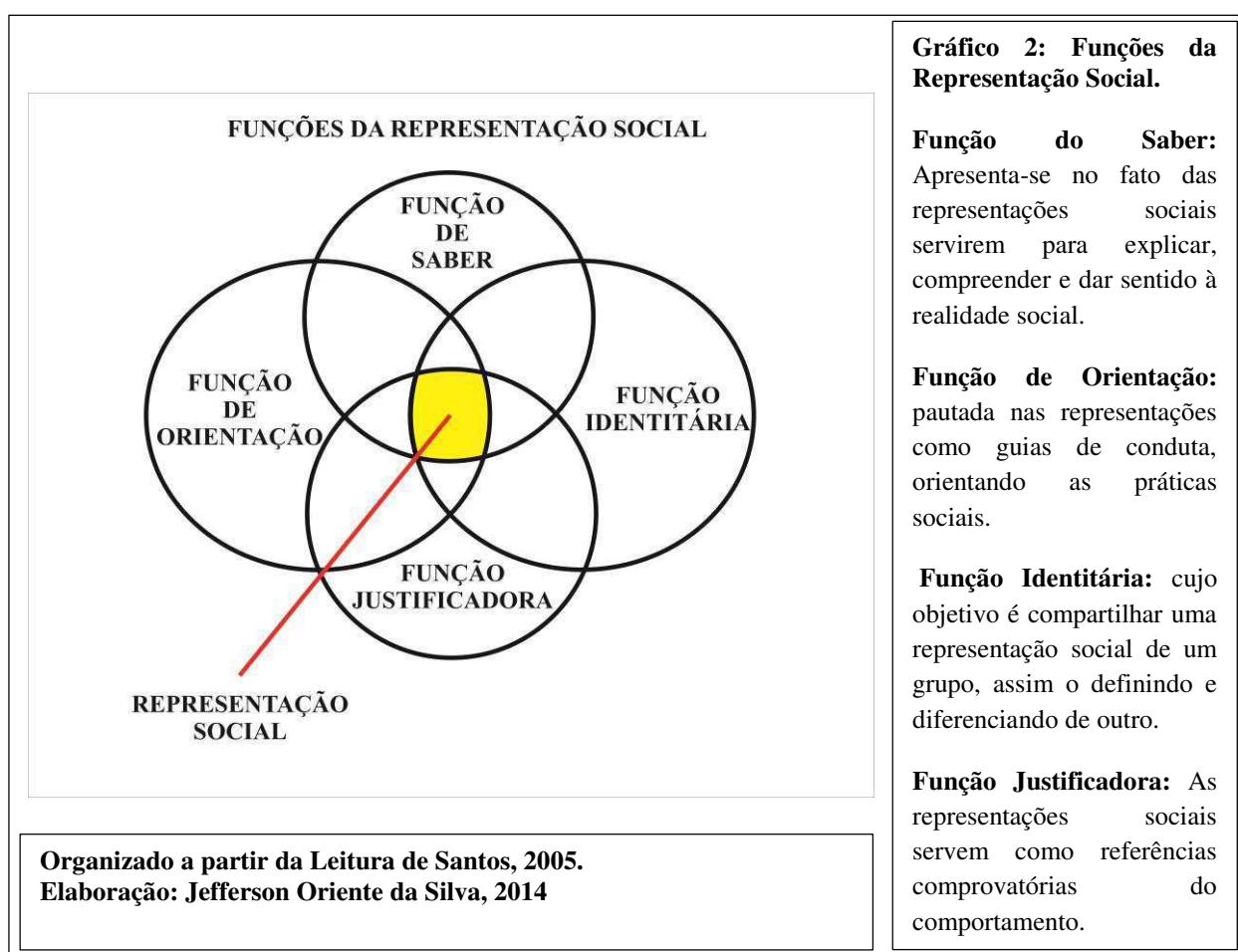
“(…) Seu estudo remete necessariamente aos processos perceptivos e imaginários do sujeito, às forças sociais e aos conteúdos culturais subjacentes às relações numa sociedade determinada bem como a sua função mediadora entre indivíduo e sociedade.” (Santos, 2005, p. 26).

É necessário pensar e estudar as dimensões da Representação Social tomando por base o trabalho com três dimensões que fazem referência ao seu conteúdo, e ao mesmo tempo, ao meio social em que o indivíduo está inserido (Gráfico 1). Nesse caso a atitude, remete-se a uma resposta organizada, ou seja, um posicionamento em relação a um objeto, estando ligada à história do indivíduo ou do grupo. Com relação à informação, esta configura a quantidade e qualidade das informações ou conhecimento tido a respeito do objeto social. Por fim, o campo da representação faz referência a uma unidade conjunta dos elementos que apresenta a organização desse conteúdo, assim como as suas características (MOSCOVICI, 1976. *Apud*, SANTOS & ALMEIDA, 2005). Confirmando o que Santos & Almeida (2005) apontam como campo da representação social, este é pautado em uma estrutura organizada hierarquizada dos elementos da informação apreendida e elaborada.



Novamente tomando por base a ideia Santos & Almeida (2005), vemos que a Representação Social trata-se de um agrupamento de conceitos interligados originados de práticas sociais individuais ou grupais, cujo o intuito é dar sentido à realidade social, produzir identidades, organizar as comunicações e orientar as condutas. Estes autores apresentam ainda quatro funções que se destacam no estudos da TRS (Gráfico 2).

Inicialmente destaca-se a **Função do Saber**, que apresenta-se no fato das representações sociais servirem para explicar, compreender e dar sentido à realidade social. Posteriormente identifica-se a **Função de Orientação**, pautada nas representações como guias de conduta, orientando as práticas sociais e a **Função Identitária**, cujo objetivo é compartilhar uma representação social de um grupo, assim o definindo e diferenciando de outro. Por fim, tem-se a **Função Justificadora**, em que as representações sociais servem como referências comprovatórias do comportamento (SANTOS, 2005).



As ações das torcidas organizadas giram em torno de várias ideias, entre as quais uma é merecedora de destaque: representar de forma intensa o clube no qual os torcedores possuem laços afetivos. Nesse cenário podemos perceber que por trás da beleza promovida por esses segmentos dentro dos estádios de futebol existem diversas intencionalidades.

Para a promoção dessa Teoria, Searle (2002) evidencia que existem estados intencionais que se apresentam de forma direcional, ou seja, com a intenção de se fazer algo, desse modo temos:

(...) alguns exemplos de estados que podem ser intencionais: crença, temor, esperança, desejo, amor, ódio, aversão, agrado, desagrado, dúvida, imaginação, alegria, exaltação, depressão, ansiedade, orgulho, remorso, pesar, culpa, regozijo, irritação, perplexidade, aceitação, perdão, hostilidade, afeição, expectativa, ira, admiração, desprezo, respeito, indignação, intenção, anseio, vontade, imaginação, fantasia, vergonha, luxúria, nojo, animosidade, terror, prazer, abominação, aspiração, divertimento e desapontamento. (Searle, 2002, p. 04).

Segundo Searle (2002), as intencionalidades caracterizam-se como sendo a propriedade de muitos estados e eventos mentais pela qual estão dirigidos para ou acerca de objetos e estados de coisas de mundo. Assim, quando há intenção, esta comumente será de fazer alguma coisa. Para este autor se há uma intenção deve ser a intenção de se realizar algo que, por sua vez, remete-nos à direcionalidade ou aproximação. Vale ressaltar também que alguns estados mentais não possuem intencionalidade, estes para serem considerados parte da teoria, necessitam atender à questionamentos fundamentais como: “A que se refere? Em que consiste? E o que é um, tal que?”.

Nessa ideia de intenções sobre algo, podemos nos referir à materialização destas ações no espaço, uma vez que o espaço geográfico caracteriza-se por ser dinâmico e detentor de uma totalidade em constante mudança, desse modo, podemos nos reportar à ideia de Santos (2006). O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, nesse sentido, podemos considerar que os torcedores modificam totalmente a dinâmica urbana de Campina Grande em dias de jogos, pois em dia de “clássico dos maiores” a cidade se torna significativamente diferente do que os cidadãos campinenses estão acostumados a presenciar.

Foram adotados como procedimentos metodológicos para a presente pesquisa os aportes do método qualitativo, que para Minayo (*apud*, SOUZA JÚNIOR, 2009), possibilita ao pesquisador a compreensão interpretativa da ação social.

## 1.1- “CLÁSSICO DOS MAIORIAS” E PRÁTICAS TERRITORIAIS: A GEOGRAFIA DOS TORCEDORES ORGANIZADOS.

Para Sousa (1995), o Território, se constitui como um espaço definido e delimitado a partir de relações de poder. Partindo do entendimento de que não há território sem relações sociais inseridas no espaço, as territorialidades estabelecidas pelas Torcidas Organizadas se dão mediante a uma espécie de fortalecimento do grupo, já que quanto mais adeptos na cidade mais a torcida fica vista e respeitada. Para Raffestin (1993), esse poder caracterizado nas práticas de estabelecimento de território se dá em duas formas que diferenciam seu sentido ao serem gramaticalmente escritos no que diz respeito às iniciais maiúscula e minúscula. Tem-se, assim, o **P**oder como a soberania de estado e o **p**oder como a parte intrínseca imanente das relações sociais que, por sua vez, serão tratadas na pesquisa.

Para compreender o processo das práticas violentas acionadas pelas principais torcidas presentes no espaço de Campina Grande foi necessário recorrermos ao conceito de violência discutido por autores que tratam do assunto. Diante disso, Eufrásio (2009) afirma que a violência caracteriza-se como sendo um fenômeno da humanidade que abarca as relações de conflito e poder, em que o indivíduo encontra-se munido da possibilidade de subjugar o outro pela força, pela dissimulação ou pela coação.

Diante destas palavras, percebemos o quão é importante serem levantados dados que contribuam com o processo de expansão da cidade de Campina Grande, uma vez que mediante o crescimento populacional aumentam também os problemas de ordem pública em seus domínios.

Como primeira prática territorial, temos o deslocamento dos torcedores para o estádio. Os torcedores se organizam nos chamados arrastões, prática em que os torcedores se reúnem na sede da torcida para irem caminhando para o estádio. Em conjunto, os torcedores seguem em caminhada pelas ruas impondo gritos e cânticos, balançando suas bandeiras e devidamente uniformizados com os trajes da sua respectiva torcida.

Os trajetos seguidos dizem respeito aos arrastões ocasionados em dias de jogos entre o Treze e o Campinense (Clássico dos maiorais). Vale salientar que estes itinerários modificam-se raramente aleatoriamente, podendo ocorrer o fato de uma torcida organizada adentrar no território ocupado pelos seus adversários. Para evitar confrontos diretos entre os torcedores mais fervorosos, a diretoria de ambas as torcidas organizadas, juntamente com os órgãos de segurança pública sugeriram que os torcedores adeptos às torcidas organizadas não cruzassem o caminho da torcida adversária, embora alguns indivíduos burlem essa regra imposta por esses segmentos.

Como outras práticas territoriais, foram identificados locais de permanência dos torcedores organizados antes do início das partidas, tais como shopping centers, bares, restaurantes, lanchonetes e até mesmo espaços públicos da cidade de Campina Grande, como ruas, praças, pontos de parada de ônibus, etc. Estes espaços se modificam à maneira em que a própria torcida o preenche e impõe suas práticas e domínios, tendo em vista que suas ações interferem diretamente no dinamismo cotidiano desses locais que estão sendo ocupados momentaneamente.

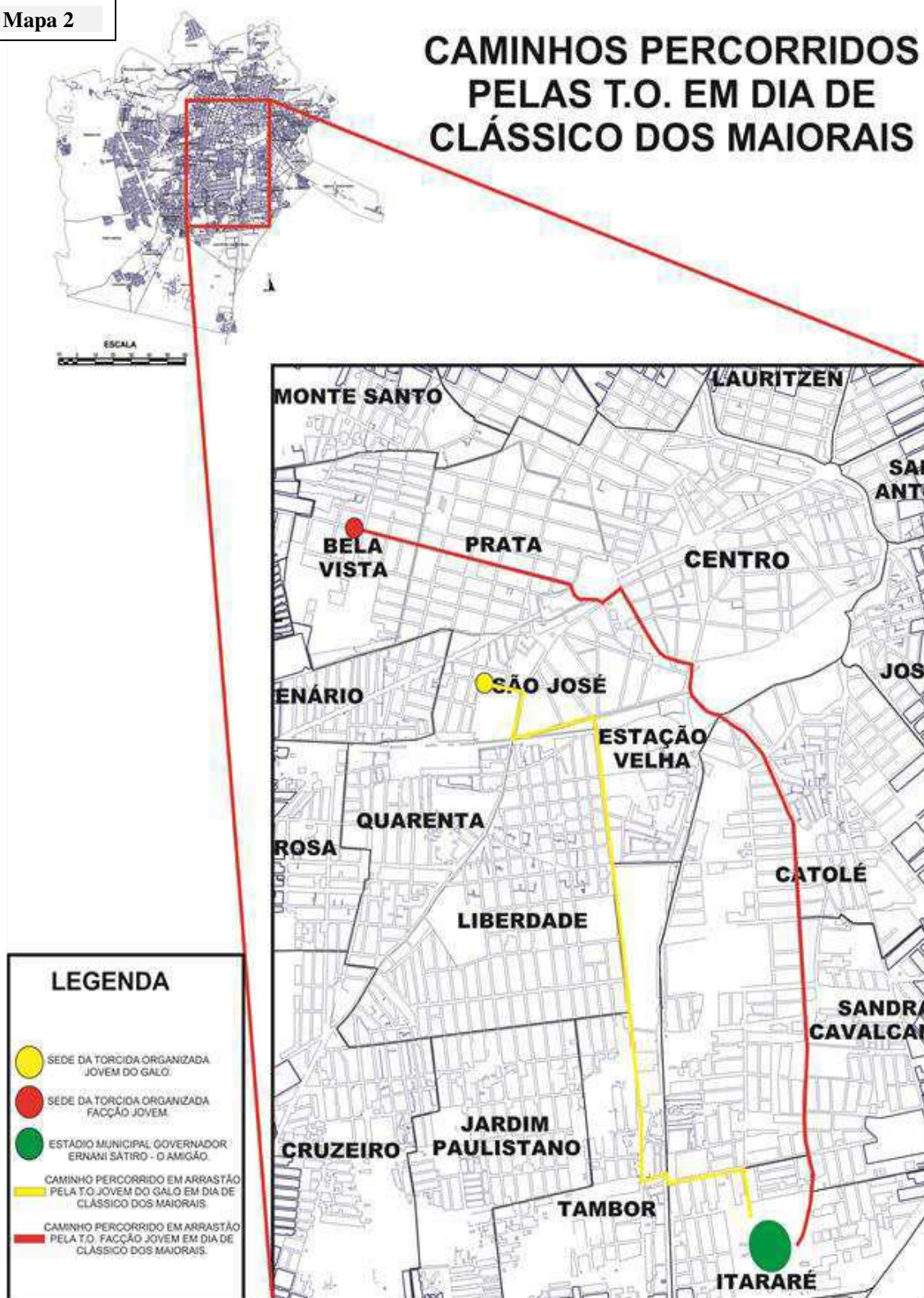
Na maioria das vezes, estas ruas são tomadas por esses torcedores no período que corresponde ao momento de realização do Campeonato Paraibano de Futebol. A situação se torna ainda mais delicada em momento decisivo entre os clubes de maior prestígio em Campina Grande. Segue abaixo um traçado da rota tomada por estes indivíduos:

Saindo a partir das 12:00 horas (meio dia) de suas sedes oficiais, os caminhos percorridos pelas torcidas organizadas de Campina Grande se diferem (Mapa 2). Em dia de “clássico dos maiores” há dois trajetos distintos que chegam a um só destino: o estádio Amigão.

A torcida organizada Facção Jovem até chegar ao seu destino passa por cinco (05) ruas (Rua Rodrigues Alves, Rua Santa Clara, Rua Sebastião Donato, Rua Paulo de Frontin e Rua Vigário Calixto), assim cortando 08 bairros até seu ponto chegada (Bela Vista, Prata, São José, Centro, Estação Velha, Catolé, Sandra Cavalcante e Itararé).

No caso da torcida organizada Jovem do Galo, esta percorre um total de quatro (04) ruas, duas (02) avenidas e uma (01) Travessa. Respectivamente: Rua Teixeira de Freitas, Rua Doutor Carlos Chagas, Avenida Professor Almeida Barreto, Avenida Jornalista Assis Chateaubriand, Travessa do Juá 1 e, por fim, as ruas Manoel Alves de Oliveira e José Félix da Silva, cruzando um total de cinco (05) bairros (São José, Estação Velha, Liberdade, Tambor até chegar ao destino final no bairro do Itararé).

Mapa 2



Organizado por: Jefferson Oriente da Silva.

Elaborado a partir das informações de ex-integrantes das torcidas organizadas Fação Jovem e Jovem do Galo.

Fonte: Mapa Base da Prefeitura Municipal de Campina Grande-SEPLAN, 2004.

**Mapa 2- Deslocamento dos torcedores organizados em dia de “clássico dos maiorais”.**  
**Elaboração: Jefferson Oriente da Silva, 2014.**

## 1.2-REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL

Como procedimentos metodológicos recorreremos às entrevistas com Grupo Focal através da qual são destacadas as visões sob diferentes óticas, buscando apreender como são percebidas e entendidas as práticas das torcidas organizadas no contexto de Campina Grande. Esse processo embasou o presente trabalho de tal modo que foi possível analisar com profundidade as ações que permeiam o cotidiano dos torcedores organizados antes de irem para as “batalhas” dentro dos estádios campinenses. Para VÍCTORA (2000):

(...) A técnica do Grupo focal vem sendo utilizada também em pesquisa qualitativa resgatando uma tradição de entrevista em grupo (uma família, um grupo de amigos, líderes comunitários, entre outros) que é bastante comum em antropologia. O fundamental, para o sucesso da técnica, é que exista um foco, isto é, um tópico a ser explorado. Assim um grupo focal pode abordar: I. um tema específico, a fim de captar as diferentes visões sobre o mesmo. (...) II. um grupo, a fim de captar sua visão de mundo ou determinados temas. (...) III. Ou ambos, tema e grupo, quando se pretende entender em profundidade um comportamento dentro de um grupo determinado. (VÍCTORA, 2000. Pag. 66).

A realização do Grupo Focal desenvolveu-se mediante a presença de sujeitos envolvidos diretamente com o segmento torcida organizada na cidade de Campina Grande. Para que o momento de concretização desta etapa metodológica ocorresse de forma agradável foi escolhido e preparado previamente um ambiente bastante central que garantisse a presença de todos os convidados. Para a realização da entrevista selecionamos o espaço do Museu de Arte e Cultura Assis Chateaubriand da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) localizado no Centro da cidade. O local foi escolhido devido à sua centralidade e facilidade de acesso, por se localizar atrás do terminal de integração.

Por se tratar de um auditório, o espaço tem à disposição uma mesa de reuniões e uma quantidade considerável de cadeiras, o que favoreceu a ocorrência da atividade. Os convidados (sujeitos entrevistados) ao acessarem a sala perceberam que haviam plaquetas de identificação colocadas na mesa fazendo referência aos seus respectivos assentos, os quais foram postos estrategicamente de forma a evitar possíveis conflitos verbais e físicos, exaltação de ânimos entre os participantes, desse modo, houve uma separação estratégica dos sujeitos na mesa para entrevista (Fotos 1a, 1b e 1c).



A utilização desta técnica permite a formulação de questionamentos e desenvolvimento de propostas para amenização da problemática em questão através da fala dos envolvidos. Assim é possível se chegar à elaboração de políticas de combate à violência dentro e fora dos estádios de futebol, com o intuito de serem apresentadas aos órgãos governamentais, clubes de futebol mediadores e fomentadores destas torcidas e também aos indivíduos (sujeitos pesquisados) responsáveis pelo setor administrativo da própria torcida, tendo em vista que estamos lidando com um segmento organizado da sociedade detentor de características burocrático-militares<sup>5</sup>, em que o envolvimento em conflitos armados já não é mais tão raro de se presenciar, principalmente em datas das partidas.

### **1.3-DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: A PESQUISA QUALITATIVA NO UNIVERSO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS**

<sup>5</sup> Termo utilizado por Pimenta (2000) para designar e caracterizar as ações das torcidas organizadas.



A análise de discurso do sujeito coletivo consiste na tentativa de se saber o que um conjunto de indivíduos pensa sobre determinado tema. Assim tendo-se uma análise de material verbal, na qual se retira ou se organiza as ideias centrais e as suas correspondentes expressões-chave. Ainda pode-se dizer que este vem a ser um *eu* sintático, em que ao mesmo tempo que remete-se a um sujeito individual do discurso trata também de uma referência coletiva, isto é, na medida em que se fala em nome de uma coletividade (LEFÉVRE & LEFÉVRE, 2003).

Esta análise destinada a fazer com que a coletividade fale ou expresse opiniões diretamente ao pesquisador possui em sua composição figuras metodológicas que auxiliam na composição do discurso.

### **1.3.1-A ESCOLHA DOS SUJEITOS PESQUISADOS**

Para a realização da presente pesquisa contou-se com uma escolha proposital dos sujeitos, tendo em vista que o conhecimento anterior a respeito do universo das torcidas organizadas favoreceu na seleção das características pessoais e ideológicas dos sujeitos entrevistados, levando em consideração todos os critérios estabelecidos para esta investigação científica.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram: dois ex-componentes das diretorias das torcidas Organizadas (Ex-presidente da Torcida Organizada Fação Jovem e Ex-diretor de materiais da Torcida Organizada Jovem do Galo); três torcedores tidos como comuns de ambos os principais clubes de Campina Grande (um torcedor do Campinense e dois do Treze Futebol Clube) e por fim um representante da mídia que cobre televisivamente o “clássico dos maiorais” (um repórter da TV Itararé/Canal 19). A escolha destes representantes se deu mediante à importância da obtenção e geração de um discurso por parte dos mesmos, por isso não estiveram presentes representantes da segurança pública, pois o comparecimento destes sujeitos inibiriam a fala dos outros indivíduos presentes.

### **1.3.2-A ELABORAÇÃO DO TÓPICO-GUIA**

Objetivando a necessidade da obtenção de respostas mais espontâneas e menos conduzidas possíveis, o roteiro de entrevistas foi elaborado de modo a gerar um discurso bastante pertinente à temática trabalhada. Para provocar respostas intensas e de conteúdo proveitoso foram formuladas questões que versaram sobre suas opiniões e pensamentos sobre as torcidas organizadas de Campina Grande e seus envolvimento e ações no espaço geográfico da cidade

(Ver apêndice 2). Para uma melhor percepção, seguem abaixo as questões trabalhadas com os sujeitos (Quadro 1).

<b>QUADRO 1-TÓPICO-GUIA (ROTEIRO DE PERGUNTAS)</b>	
<b>1</b>	Fale um pouco sobre a história da torcida organizada na cidade de Campina Grande.
<b>2</b>	Torcida Organizada e inibição do torcedor considerado “comum”: mito ou fato?
<b>3</b>	Parcerias entre torcidas organizadas de outros Estados: obstáculos e benefícios.
<b>4</b>	Fale sobre a influência das torcidas organizadas no espaço urbano de Campina Grande.
<b>5</b>	Relate sobre fatos que marcaram a participação da Torcida Organizada na cidade de Campina Grande.
<b>6</b>	Comente sobre as músicas das torcidas e a violência: mito ou fato?
<b>7</b>	O impacto da torcida organizada e sua influência na mobilidade urbana de Campina Grande.
<b>8</b>	A polícia, os torcedores, os clubes e as torcidas: comente sobre a relação desses segmentos identificando eventos que marcaram esta relação;
<b>9</b>	Territórios e torcidas: o dinamismo em dia de “Clássico dos Maiorais”.
<b>10</b>	O papel das torcidas organizadas na consolidação da identidade do torcedor.
<b>11</b>	Fale um pouco sobre os eventos que se destacaram por marcar a rivalidade entre as torcidas organizadas.
<b>12</b>	Qual seria a solução para os eventos trágicos envolvendo torcidas organizadas?
<b>13</b>	Comente sobre o futuro das torcidas organizadas em Campina.
<b>Quadro 1: Roteiro de perguntas para Entrevista com Grupo Focal. Elaboração: Jefferson Oriente da Silva, 2014.</b>	

### **1.3.3-ANÁLISE DE DISCURSO DOS ENVOLVIDOS COM AS TORCIDAS ORGANIZADAS**




Para a realização desta etapa tão importante na análise do discurso do Sujeito Coletivo (DSC), é necessário que se desenvolva a técnica da sistematização das informações, que no presente trabalho compreendeu a apreciação das figuras metodológicas, que segundo Lefèvre & Lefèvre (2003) compreende: Expressões-chave (trechos originais do discurso), Ideias centrais (expressão linguística que descreve de maneira sintática o sentido de cada discurso analisado), Ancoragem (apresentação linguística de uma dada teoria, ideologia ou crença expressa na fala do

autor) e o próprio discurso do sujeito Coletivo (discurso redigido na primeira pessoa do singular) são as figuras metodológicas a serem adotadas.

A proposta dessa estratégia metodológica consiste em unir pensamentos individuais a exemplo de um quebra-cabeça, em que são juntadas as peças, tais como: Coerência (união de trechos do depoimento), posicionamento próprio (discurso coerente e original em relação ao tema pesquisado) e Tipos de distinção entre os discursos do sujeito coletivo, uma resposta apresenta mais de um discurso podem, ser utilizados dois critérios de distinção: diferença e complementaridade (LEFÉVRE & LEFÉVRE, 2003).

Ainda para a efetivação foram seguidos três passos fundamentais em suas respectivas ordens: O primeiro passo consistiu na análise de todas as respostas dos sujeitos pesquisados tendo sido copiado integralmente o conteúdo de todas as questões respondidas. O segundo passo consistiu na identificação e marcação das expressões-chave das respostas obtidas mediante a fala dos sujeitos; e o terceiro e último passo incidiu na identificação das ideias centrais e das ancoragens.

Objetivando um melhor entendimento segue abaixo um exemplo de análise de DSC utilizada como principal referência na redação do quarto capítulo (Quadro 2):

<b>QUADRO 2-ANÁLISE DE DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO</b>		
<b>1-FALE UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DA TORCIDA ORGANIZADA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE.</b>		
<b>EXPRESSÕES-CHAVE (ECH)</b>	<b>IDEIAS CENTRAIS (IC)</b>	<b>ANCORAGEM (AC)</b>
<p><b>1-KLEBER:</b> Bem quando começou né? Eu participei da Torcida Fação, fui presidente, mas o pessoal que aqui está sabe que nunca idolatrei torcida, certo? Participo porque gosto, hum...não é porque coisa “A” ou coisa “B” que venha, mas que a torcida foi criada, eu era de outra torcida, todo mundo sabe quando foi criado a Fação eu era da “Fúria”, e apesar de ter o nome de Fúria “num” trouxe nenhum risco a nenhum torcedor, é, pelo contrário, ela era a Fúria mais calma que eu já vi na face da terra, a gente era só pra dar incentivo, apoio né? E sempre abrilhantar as arquibancadas.</p>	<p> A torcida Organizada Fação Jovem derivou-se da Torcida Organizada Fúria Rubro Negra do Campinense Clube.</p> <p> Início da violência nos estádios de Campina Grande por conta da aliança entre torcidas.</p> <p> Prazer em vestir a camisa da Torcida Organizada.</p>	<p>Em seu surgimento, as torcidas organizadas de Campina Grande possuíam muitos adeptos porém, a violência afastou uma grande parcela dos indivíduos.</p>

<p>[...] Agora se chegou a um tal ponto, eu acho que começou a partir do momento dessa história de aliados, certo? [...] quando eu fundei a própria torcida que teve também a BAD BOY, tinha a TORA, tinha a TOF né? a gente tinha o prazer de vestir uma camisa e dizer, não, eu sou da Torcida Organizada do Campinense, que a gente via que era uma torcida que a ideologia, porque eu não sei qual é que muitos hoje falam em ideologia dentro da torcida organizada: [...] As torcidas são acabadas! Pra falar a verdade, essas torcidas hoje não existem, tem só o nome: Facção, de um lado Campinense e Jovem do lado do Galo, mas não existe, me diga aqui se tiver algum integrante da Jovem, o que é Jovem hoje? O que é Facção? Se existe qual ajuda que vem pra dentro do clube? Não vem tá entendendo? Hoje digo sem medo de um lado, sem medo de um outro, nem do Treze nem do Campinense, é meia dúzia de “maloqueiro” de um lado meia dúzia de “maloqueiro” do outro, e essa meia dúzia de “maloqueiro” do lado e meia dúzia de “maloqueiro do outro é o que tá destruindo certo? As torcidas.</p>	<p>As torcidas organizadas hoje não existem mais por conta da violência.</p>	
<p><b>Quadro 2- Análise de Discurso do Sujeito Coletivo da Entrevista com Grupo Focal. Elaboração da Análise: Jefferson Oriente da Silva, 2014.</b></p>		

O uso deste procedimento permite ao pesquisador diversos pontos de vista em relação ao que se está pesquisando, uma vez que o pensamento coletivo expresso mediante falas individuais traz um processamento de dados significativos do objeto de estudo (Ver apêndice 3).

Quanto à metodologia da pesquisa-ação, esta incide em um tipo de pesquisa social com base empírica concebida e realizada em associação ou resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT 1994), em outras palavras pode-se dizer que ela parte de uma problemática experienciada ou vivida, em que a ação se torna a expressão fundamental para a sua realização, exemplificando, inicia-se assim de um caso individual que gere um desconforto coletivo, que venha a ser prejudicial ou não para os que se deparam com a situação.

## II CAPÍTULO

### **CAMPINA GRANDE, FUTEBOL E AS TORCIDAS ORGANIZADAS: UMA LEITURA HISTORIOGRÁFICA**

*“É um clássico da gente, das nossas multidões(...)”*  
Gustavo Carneiro-Repórter da TV Itararé-CG/Canal 19

Percebida na atualidade como uma cidade complexa, na qual se evidenciam os principais contrastes socioespaciais inerentes aos grandes centros, Campina Grande tem despertado, cada vez mais, os interesses de pesquisadores preocupados com as tendências da organização destes espaços. Devido a esta complexidade a seleção de fatores e eventos são fundamentais, uma vez que alguns destes se constituem como marcos importantes em sua dinâmica espacial, tanto de expansão urbana quanto de desenvolvimento social. Para Silva (2000), temos a fundamentação da ocupação do espaço territorial de Campina Grande pautada pela conjugação de interesses “mercantis” impulsionados por atividades criatórias e de subsistência. Ainda de acordo com esta autora:

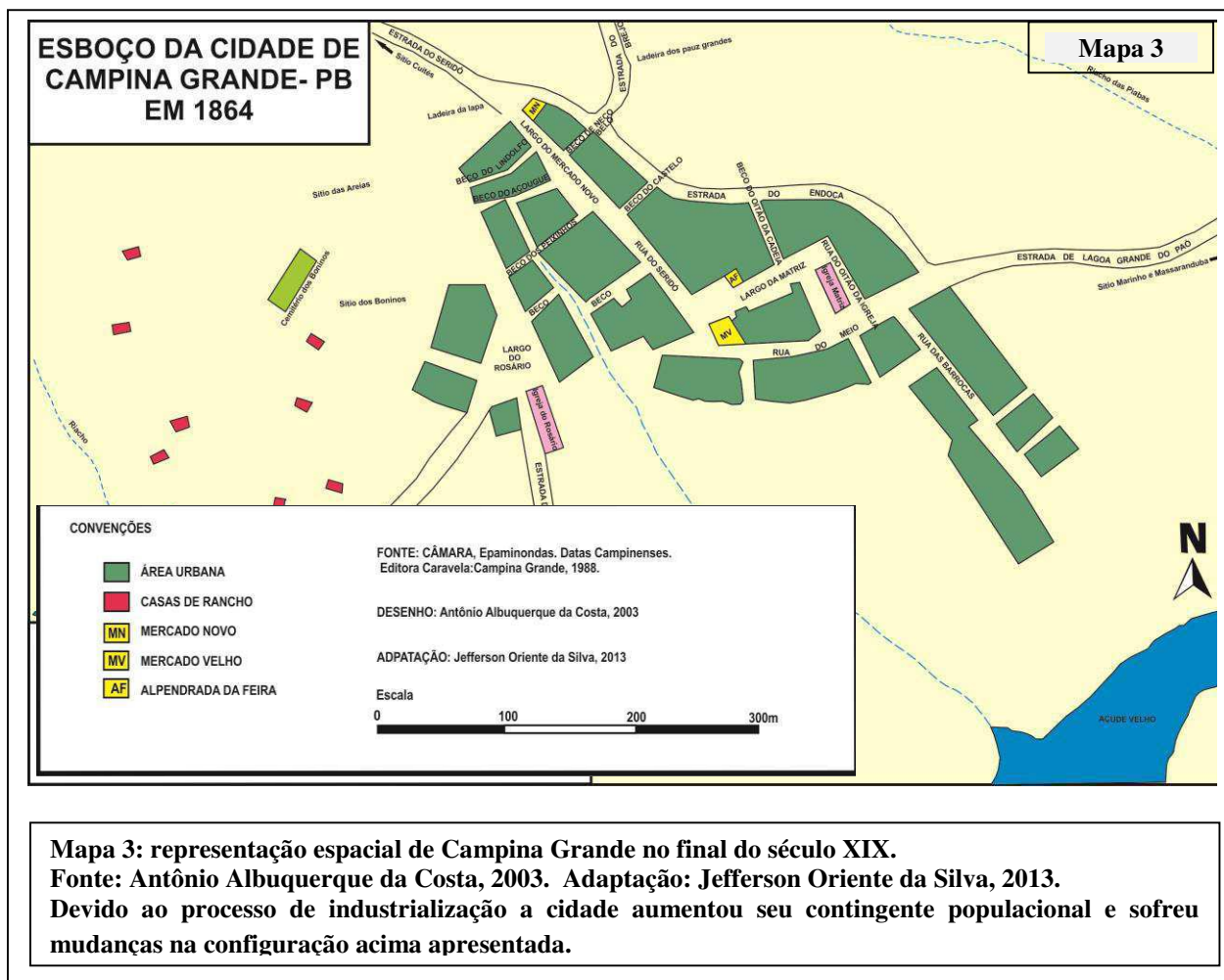
A origem de Campina Grande remonta à política expansionista da Coroa Portuguesa do final do século XVII, cujo objetivo precípua era o de encontrar solução para os problemas internos do Reino, incentivando a ocupação de áreas do interior do Brasil. Esta política estimulou a criação de gado e a agricultura de subsistência com base na apropriação de terras e na subordinação do braço nativo pela escravidão. (Silva, 2000. Pag. 14).

Entre os fatores que influenciaram no processo de desenvolvimento da cidade, a sua localização geográfica destaca-se por interferir em várias ações e eventos que influenciaram na apropriação espacial e consolidação da cidade de Campina Grande. Situada entre litoral e sertão a localização geográfica da cidade de Campina iniciou-se com a ocupação das margens do riacho das piabas, utilizado como ponto de passagem e estada para os tropeiros<sup>6</sup> que seguiam constantemente a dinâmica de longos itinerários pelo Estado da Paraíba, tendo sido uma das principais responsáveis pela criação de estradas que conectassem esse dinamismo com outros pontos de desenvolvimento nos estados vizinhos, com objetivo de escoamento tanto para a produção nacional quanto internacional.

De acordo com Câmara (apud Sá, 2000), no período em que se torna cidade (1864), o espaço campinense se tratava de apenas um pequeno aglomerado urbano com pouco mais de 300 residências, distribuídas em 04 ruas, 03 Largos e 08 becos. Porém essa situação foi mudada em 1907, quando foi implantada a estrada de ferro, assim elevando o nível de desenvolvimento urbano, que nesse momento passa a contar com o surgimento dos 05 primeiros bairros (Centro, Açude velho, Areias, José Pinheiro e Piabas), seguidos 38 ruas, 08 travessas, 731 residências e 07 praças, assim totalizando 11.000 habitantes (Mapa 3).

---

<sup>6</sup>De acordo do Ferreira (2001) esta designação faz referência aos condutores de tropas. Em Campina Grande, estes passavam e com o transporte de algodão e diversas mercadorias para outras regiões, assim a cidade serviu como ponto de parada para descanso de seus animais, especificamente no atual ponto que faz referência a Avenida Vila Nova da Rainha, onde estes aldeamentos foram os primeiros traços origem de Campina Grande.



Destaca-se que, nesse momento de expansão espacial, o crescimento urbano se deu de forma espontânea não tendo sido levado em consideração nenhuma legislação ou plano de ampliação da malha urbana, pois, conforme se observa no primeiro mapa da cidade, a sua expansão se deu de forma radial, em outras palavras partindo do núcleo urbano (centro) para as áreas periféricas.

A partir da ideia de centro-periferia, que naquele momento de expansão campinense ainda não era pensada, a área central ficou definida em sua relação com o desenvolvimento urbano, pela centralidade do comércio no que corresponde à escala intraurbana e por sua configuração estratégica ao desenvolvimento regional do estado considerando-se a escala regional ao se definir como espaço de conexão entre o litoral e o sertão (SILVA, 2000).

Com relação a este último aspecto no qual a cidade é configurada como espaço de conexão entre o litoral e o sertão, o seu desenvolvimento urbano e importância regional se tornam cada vez mais complexos, aspectos estes que favoreceram a sua condição de cidade.

Nesta fase de transição não se pode negar o fato da modificação do espaço geográfico campinense, tendo em vista que o espaço onde serviu de parada para os diversos comerciantes sofreu significativas intervenções e foi constantemente projetado para o atendimento das demandas da produção, tanto do mercado interno quanto externo. Silva (2000) afirma que:

No último quartel do século XIX, já se registra a importância da cultura algodoeira para o município campinense. A partir desta mercadoria, o espaço urbano de Campina Grande foi reorganizado em função da produção dessa matéria-prima na condição de ponto de confluência e articulação do sertão algodoeiro ao mercado internacional, via Recife. (Silva, 2000. Pag. 26).

Segundo Silva (2000), a atividade do plantio de algodão como complemento da simples pecuária que já existia de forma rudimentar nas mesorregiões do Agreste e Sertão passa a despertar interesse internacional e depender do capital industrial a partir da segunda metade do século XVIII. Embora sua difusão seja evidenciada no primeiro cartel do século XX, temos como exemplo do que ocorreu em Campina Grande, que passou a crescer influenciada pelo beneficiamento do algodão.

Diante disso, pode-se afirmar que os maiores índices de desenvolvimento da cidade, tanto em população como em área urbana foram registrados durante as décadas de 1940 e 1950, período caracterizado como o de maiores mudanças na organização do espaço urbano, pois destacam-se a formação de duas zonas industriais: uma a Noroeste e outra a Sudoeste da cidade, assim surgindo outros bairros (SÁ, 2000), contudo uma maior expressividade passa a ser observada a partir da década de 1970, uma vez que, devido ao aumento demográfico, as pessoas passam a ser atraídas pela expansão do espaço urbano de Campina Grande.

Para Oliveira (2007), o momento que parte do pós guerra, até finais dos anos 60 presencia uma tentativa de industrialização da cidade, tendo em vista que até o final dos anos 50, a função industrial não possuía papel expressivo, assim motivando a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba a fixar sua sede na cidade. Ainda para este autor:

“Depois deste período Campina Grande passou a desenvolver seu comércio atacadista. Com atuação extraordinária no desenvolvimento da cidade. Nos anos de 1960/1962, surge novamente a preocupação do poder público com a reorganização do espaço urbano da cidade. Foi elaborado o Plano Diretor Físico da Cidade, foram feitos projetos referentes à urbanização do Açude Velho e Açude Novo, construção do Teatro Municipal, restando apenas desse trabalho o mapeamento do Município.” (Oliveira, 2007. Pag. 27).

Como afirma Pereira (2012), o último Censo Demográfico, realizado no ano de 2010, a população de Campina Grande está, em sua maioria (95,33%), localizada na zona urbana da



cidade, desse modo, caracterizando-se como sendo o segundo município em quantidade de população do Estado da Paraíba (Tabela 1).

**TABELA 1-EVOLUÇÃO POPULACIONAL DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB**

	<b>1970</b>	<b>1980</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>
Masculina	91.040.00	116.000.00	152.930.00	168.236.00	182.205.00
Feminina	104.263.00	131.820.00	173.377.00	187.095.00	203.008.00
Urbana	167.335.00	228.171.00	307.468.00	337.484.00	367.209.00
Rural	27.968.00	19.649.00	18.839.00	17.847.00	18.004.00
População Total	<b>195.303.00</b>	<b>247.820.00</b>	<b>326.307.00</b>	<b>355.331.00</b>	<b>385.213.00</b>
Taxa de Urbanização	<b>85,68%</b>	<b>92,07%</b>	<b>94,23%</b>	<b>94,98%</b>	<b>95,33%</b>

**Tabela 1: Evolução Populacional da cidade de Campina Grande a partir dos anos 1970. Fonte: PEREIRA, Suellen Silva. 2012.**

## **2.1-CAMPINENSE CLUBE E TREZE FUTEBOL CLUBE: NASCEM AS PAIXÕES E RIVALIDADES NO FUTEBOL DE CAMPINA GRANDE**

Campina Grande se destaca e tem referência no cenário paraibano em diversos setores, entre os quais destaca-se a Educação e a Tecnologia. O futebol aparece como um elemento igualmente importante, uma vez que dois dos três principais clubes de futebol paraibano estão na cidade (Campinense clube e Treze Futebol Clube) e o outro está na capital João Pessoa (Botafogo Futebol Clube). Juntas as duas torcidas da cidade de Campina Grande detêm a hegemonia dentro dos estádios paraibanos e influência de torcedores organizados em relação a todos os outros clubes estaduais, como apresenta em dia de “clássico dos maiores”, denominação designada pelos torcedores e imprensa.

A paixão futebolística pode ser entendida como um fenômeno com características urbanas, pois na medida em que leva milhares de espectadores aos estádios, produz espacialidades e territorialidades de modo que os torcedores assumem identidades com os clubes e passam a se sentirem como peça fundamental no sucesso de seu “time de coração”. De acordo com Murad (1950), nossa formação cultural é um mosaico de várias manifestações relevantes, tais como música, dança, culinária, religião e sem nenhuma dúvida, o futebol. Neste contexto, pensar o futebol é tratar de um espetáculo de massa que aglomera pessoas de todas as partes do planeta,

uma vez que este esporte vem a ser o mais praticado e popular do mundo, alcançando diferentes realidades.

Para entender um pouco mais deste esporte que fascina mais da metade da população mundial, se faz necessário que tomemos por base um arcabouço histórico de seu surgimento no cenário mundial, pois ele surge como uma forma de lazer, em que as práticas deste esporte, desde seu surgimento estiveram ligadas ao entretenimento.

Não muito diferente do que aconteceu com a cidade de Campina Grande, o desenvolvimento do futebol no Brasil esteve ligado ao processo de industrialização e crescimento das cidades, pois neste exato momento a cidade de Campina Grande passava por um momento único em toda sua história, a chegada do trem no ano de 1907, que por sua vez forneceu novos rumos de crescimento à cidade, assim como a fundação das principais equipes de futebol profissional da cidade: o time do Campinense clube no ano de 1915 e dez anos mais tarde a equipe do Treze Futebol Clube no ano de 1925.


Como observado, o surgimento dos clubes de Campina Grande se deu no início do século XX, esse contexto tratou-se de um marco na história de Campina Grande, pois podemos destacar também a chegada da ferrovia no início dos anos 1907, com a importante finalidade do aumento da maquinaria e do transporte, assim trazendo para a cidade progresso e conforto, alinhando-se ao ciclo algodoeiro, através do qual a cidade ficou conhecida como a “Liverpool Brasileira”.

É perceptível, assim, a relação direta entre o surgimento de agremiações futebolísticas na cidade e os eventos que marcariam grandes momentos de seu desenvolvimento urbano, pautado no incentivo ao processo de migração territorial criando as condições para a construção de uma identidade urbana a partir da possibilidade de se torcer por clubes da própria localidade, os quais passariam a expressar a maior força do futebol local em termos de rivalidade.

Esta rivalidade, expressa até o final da década de 1990 de forma amadora, desorganizada e emocional entre torcedores do Treze e do Campinense, passa por um processo significativo de mudança a partir da criação de segmentos sociais organizados com o objetivo de expressar a todo custo o amor pelo clube tendo como propósito o incentivo e estímulo ao seu clube. Assim desde a sua formação percebemos a influência da prática do fenômeno da violência dentro e fora dos estádios.

A equipe de futebol profissional do Campinense Clube surgiu como uma sociedade dançante no ano de 1915, porém o seu departamento de esportes foi fundado apenas em 1919 (Foto 2) aproveitando seus sócios que praticavam esse esporte que era novo na cidade. Valer ressaltar

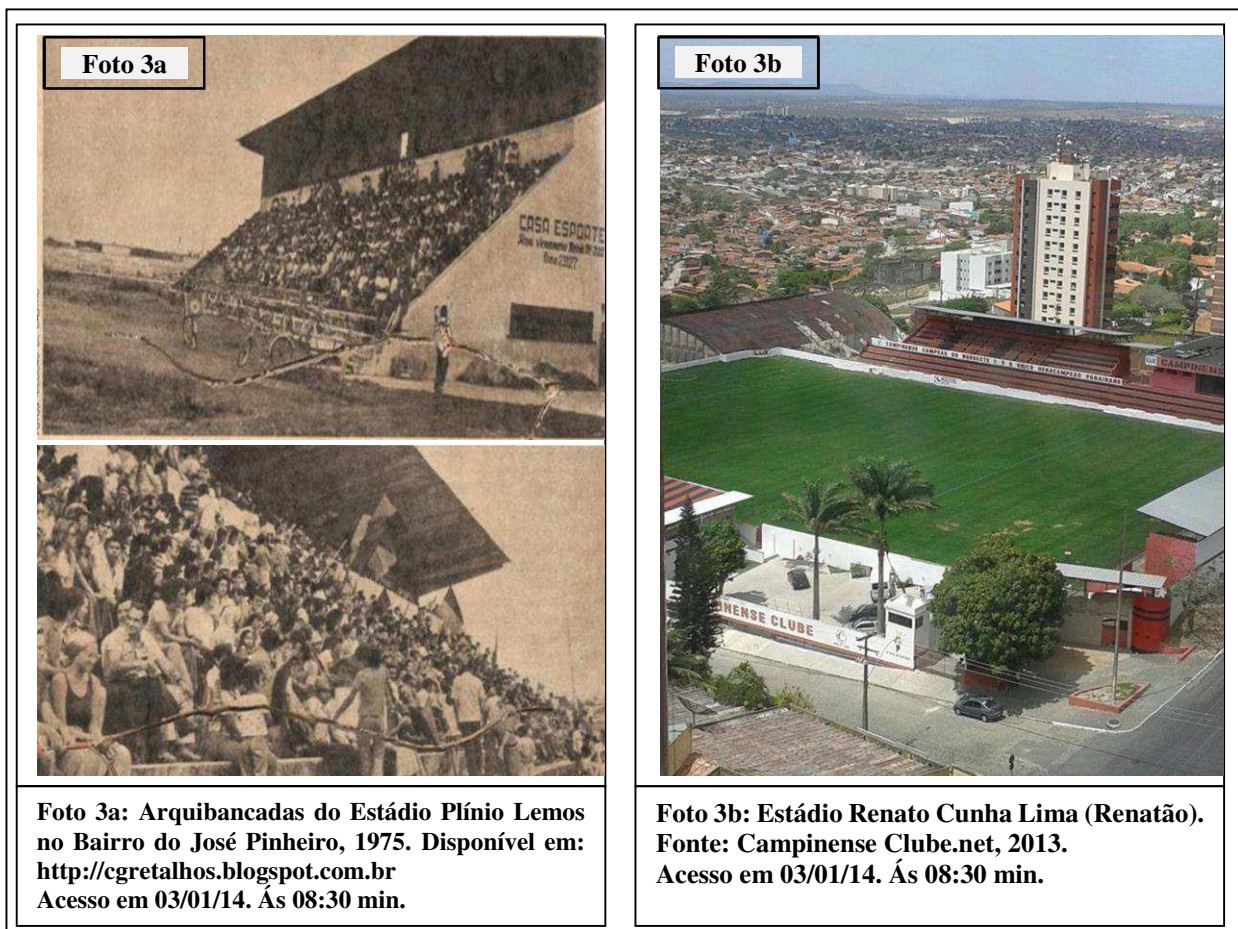
que suas primeiras atividades realizavam-se de forma amadora objetivando o lazer e a recreação dos envolvidos.

 <p><b>Foto 2</b></p> <p><i>foto Histórica vemos: Da esquerda para direita Bruno Borborema (com a bandeira), Bibica (Juiz), Henrique, José Rocha, Dino Balo, Felizardo Dantas e Luis Gomes. Agachados: José Barbosa, Biscoitinho e Julio Honório, Sentados: Diogenes de Miranda, Bui Capiba e João Arruda.</i></p>	<p><b>Primeira equipe de futebol profissional do Campinense Clube em 1919.</b></p> <p><b>Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande, 2013.</b></p>
<p><b>Foto 2: Disponível em: <a href="http://cgetalhos.blogspot.com.br">http://cgetalhos.blogspot.com.br</a> Acesso em 03/01/14. Às 08:30 min.</b></p>	

Naquele momento, ser sócio do Campinense Clube era sinônimo de grande prestígio social. Desde sua fundação, o Clube já obteve suas instalações em quatro localidades diferentes. Inicialmente, o Campinense Clube foi instalado em uma sede provisória nas dependências do Colégio Campinense, mas devido à expansão urbana aliada às transformações do centro comercial e seu grande prestígio social a segunda sede foi construída passando a ser própria, funcionando no prédio ao lado da antiga Associação dos Moços Católicos e depois a Faculdade de Filosofia de Campina Grande.

No caso da terceira sede, esta teve sua construção no início de 1933 e finalizada em 1936, em um terreno na Praça Coronel Antônio Pessoa mediante a arrecadação de dinheiro de doações dos sócios. Destaca-se nesse momento, a relação entre os salões e os gramados, pois a equipe de futebol profissional do Campinense Clube passa a sediar suas partidas oficiais no estádio Plínio Lemos (Foto 3a), no Bairro do José Pinheiro em meados da década de 1960. A partir daí não houve mais distinção entre ricos e pobres, pois estes passaram a frequentar o mesmo espaço e compartilhar as emoções de ir ao estádio de futebol. Atualmente o Campinense Clube conta com

sua sede administrativa própria, o Estádio Renato Cunha Lima, mais conhecido como o “Renatão”, localizado no bairro da Bela vista, Zona Oeste da cidade (Foto 3b).

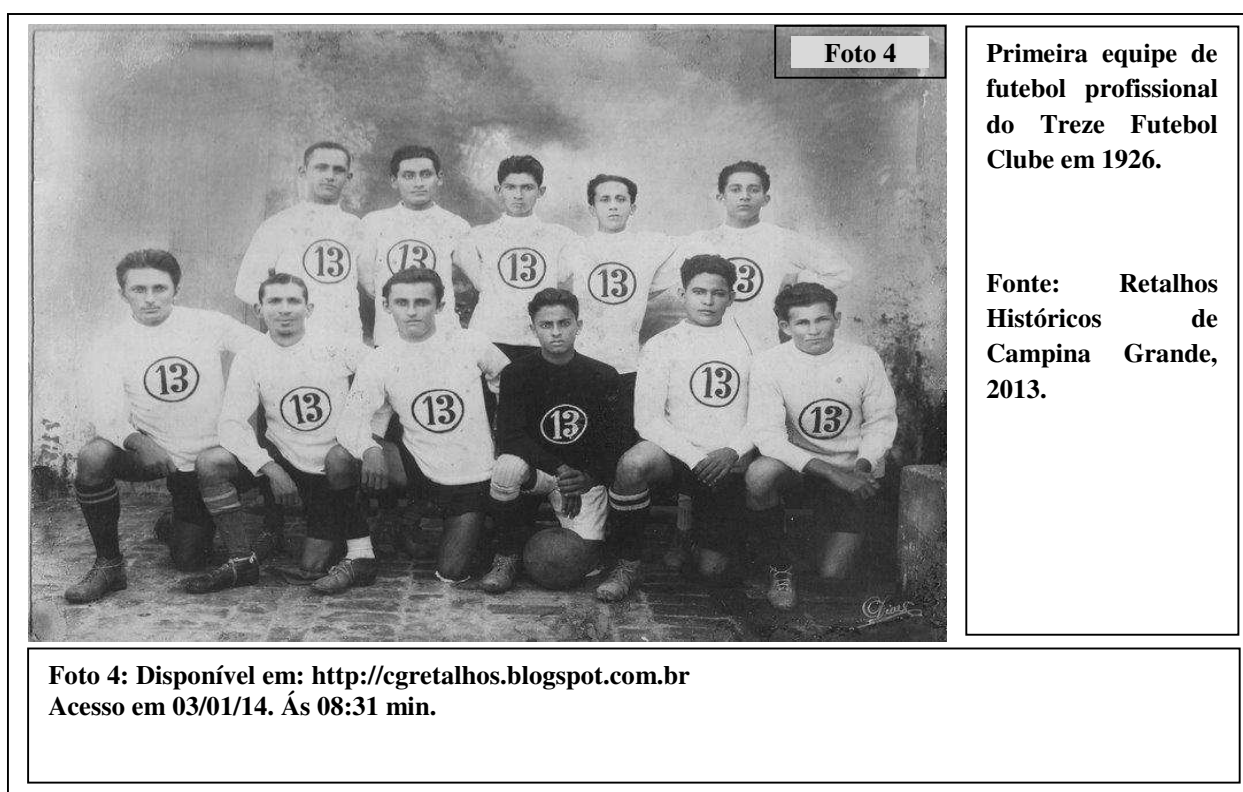


O Treze Futebol clube surgiu no ano de 1925, porém, assim como a Agremiação esportiva do Campinense Clube, fez sua estreia no futebol profissional no ano seguinte, em 1926 (Foto 4). Este importante clube do futebol Paraibano teve sua fundação baseada em algumas reuniões lideradas por Antônio Carlos Bióca (Fundador do Futebol em Campina Grande) no clube dos comerciários, onde atualmente localiza-se o prédio da Associação Comercial campinense na Avenida Floriano Peixoto. No exato momento em que surgiu a ideia, Bióca marcou uma reunião formal para o dia 07 de Setembro (aniversário oficial do clube), objetivando oficialização da criação de mais uma agremiação esportiva Campinense.

Seu nome oficial se deu em 20 de outubro de 1925, pois em uma segunda reunião estavam presentes novamente os treze desportistas do encontro anterior, estavam reunidos mais uma vez, porém com o intuito de estabelecer um nome para a nova a equipe de futebol profissional de

Campina Grande, que até então era conhecido apenas como uma sociedade desportiva (MEDEIROS, 2006).

De acordo com Medeiros (2006) em certo instante do encontro formal, José Casado (um dos organizadores) observa a quantidade de integrantes presentes na reunião, somando um total de treze fiéis componentes desde a primeira reunião, desta forma, foram sugeridas duas opções para nomear o futuro alvinegro de Campina Grande: Treze Sport Clube ou Treze Futebol Clube, definiu-se o fato de que como a prática esportiva a ser desenvolvida seria o futebol a segunda opção, respectivamente seria ideal.



**Primeira equipe de futebol profissional do Treze Futebol Clube em 1926.**

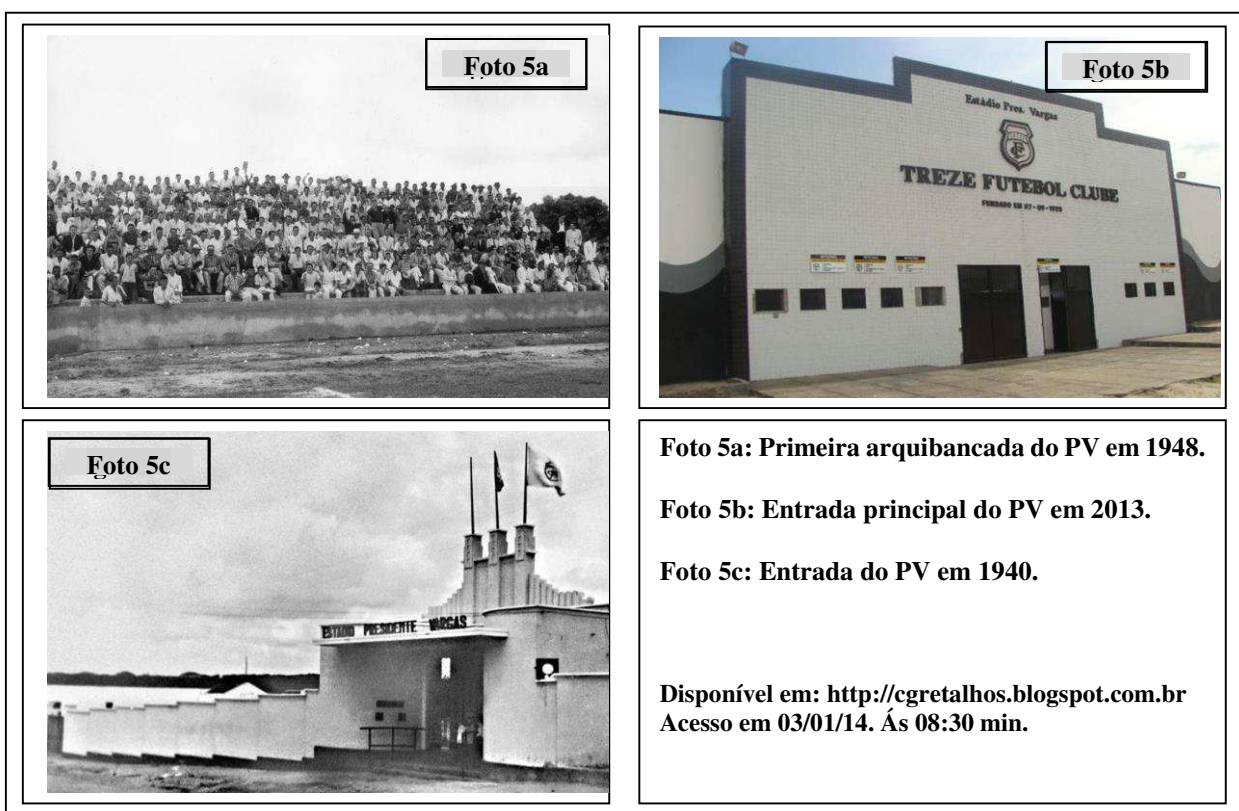
**Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande, 2013.**

**Foto 4: Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com.br>  
Acesso em 03/01/14. Às 08:31 min.**

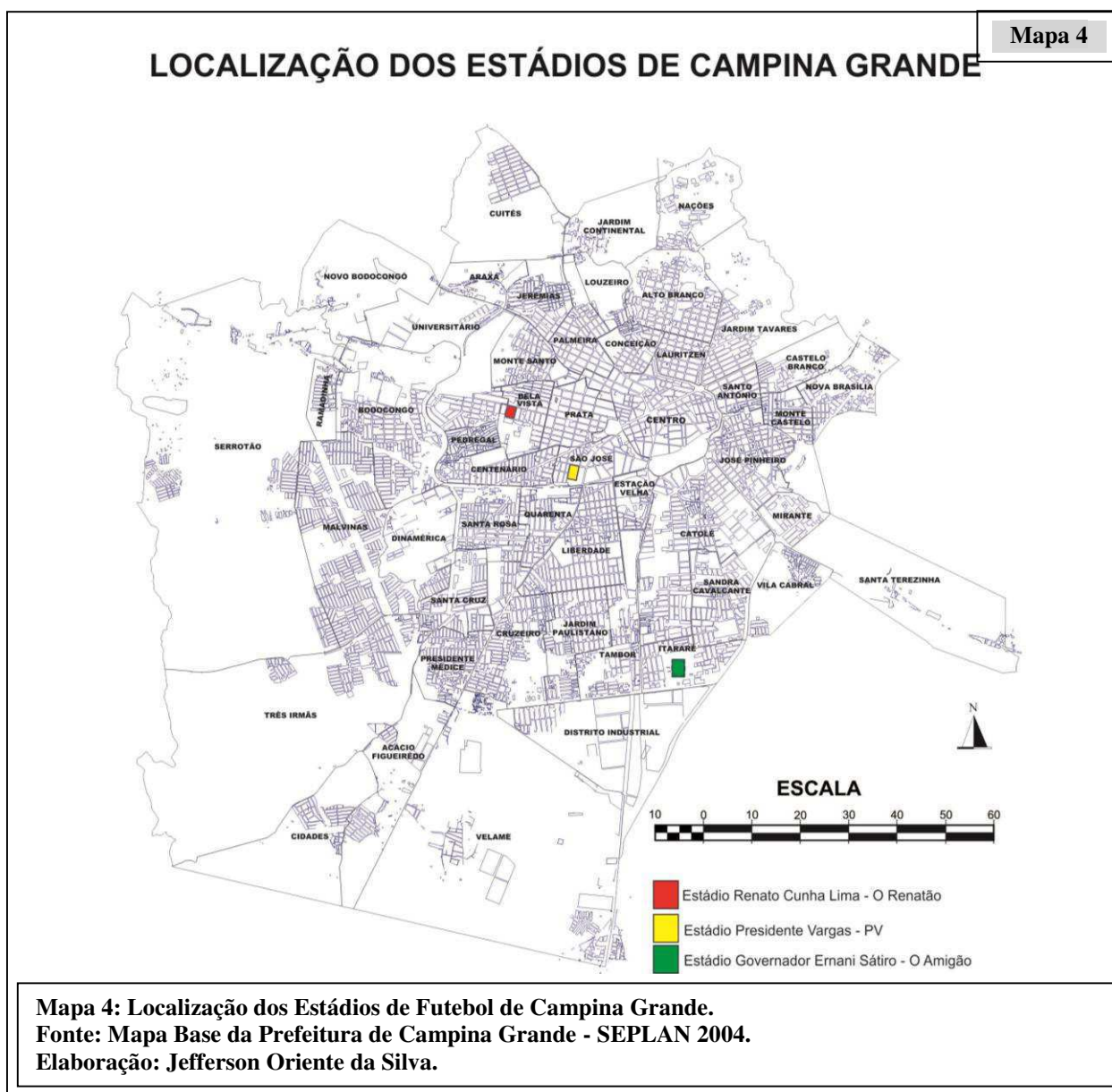
A equipe do Treze Futebol Clube “manda” suas partidas no Estádio Presidente Vargas (Fotos 5a, 5b e 5c), localizado no bairro do São José (Zona Sul da cidade). O surgimento desta “Praça esportiva” esteve diretamente ligada aos ideais de Antônio Fernandes Bióca, Luiz Gomes, Tibúrcio dos Santos, José Rodolfo e Zacarias do Ó no ano de 1938. Para a concretização deste pensamento houve uma reunião com o governador da Paraíba, naquele momento sob tutela de Argemiro de Figueiredo. A participação governamental do Estado foi de fundamental importância, pois comprou e repassou em forma de doação, um terreno no Bairro do São José, perante a escolha dos dirigentes trezeanos (MEDEIROS, 2006).

Como afirma Medeiros (2006):

“A pedido de Argemiro de Figueiredo, o nome do Estádio seria “Getúlio Vargas” em homenagem ao então presidente do Brasil. No dia 17 de março de 1940, finalmente o Estádio ficaria pronto. A cidade praticamente parou nesse dia, com festas e mais festas em homenagem a nova casa de esportes. A partida inaugural se deu entre Treze e Ypiranga, com Argemiro de Figueiredo dando o pontapé inicial do jogo. (Medeiros, 2006. Pag. 49).”



O estádio Renato Cunha Lima (O Renatão) está localizado no Bairro da Bela Vista na Zona Oeste da Cidade e ainda não sedia jogos oficiais, porém em dias de apresentação do elenco de jogadores, partidas amistosas ou eventos sediados pelo Campinense Clube, faz com que a malha urbana do bairro se torne pequena para a quantidade de torcedores que ocupam as ruas, assim fazendo com que este bairro de fácil acesso ao centro se torne o principal ponto de encontro dos rubro-negros. O estádio Presidente Vargas (PV) também é um itinerário de fácil acesso ao centro da cidade, contudo, esta mobilidade se compromete na medida em que os alvinegros adeptos ao clube ocupam as ruas e avenidas próximas em dias de eventos proporcionados pelo clube. O estádio Governador Ernani Sátiro (O amigão), apresenta uma dinâmica de alteração da mobilidade, uma vez que é o principal palco do “clássico dos maiorais” (Mapa 4).



Mediante o surgimento dos clubes de Futebol Profissional, surgem também os torcedores. Independentemente de serem muitos ou poucos, estes sempre ou na maioria das vezes dão vida e fornecem verdadeiros espetáculos aos eventos futebolísticos, dentro e fora das arquibancadas. Não foi diferente em Campina Grande, pois estes indivíduos passaram a frequentar todas as partidas dos principais times de futebol da cidade. Porém foram percebidos casos fora da ordem comum no exato momento em que Campinense e Treze entram em Campo. O “Clássico dos Maiorais” (Foto 6a), como é denominada a partida disputada entre ambos, ocasiona um clima de rivalidade e requer muita atenção por parte dos órgãos de segurança, uma vez que mediante esse cenário de desenvolvimento econômico, expansão urbana e influência midiática surge a figura do torcedor

organizado, o detentor do título de maior participante dos casos de violência dentro e fora dos estádios.

Segundo dados do seu site oficial, a torcida do Campinense Clube já se destacava dentro e fora das arquibancadas por sua capacidade de chamar para si a responsabilidade de vencer as partidas que disputava, desta forma, ajudando o time a grandes conquistas dentro ou fora de campo.

Nesse contexto, surge o então autodenominado Grêmio Recreativo Sócio-Cultural Torcida Organizada Facção Jovem, que passa a ser considerada como a maior torcida organizada do clube, assim atingindo marcas muito importantes, junto à torcida rubro negra desde seus primeiros anos de fundação, tais como a torcida campeã de público na série C 2008 (Campeonato Brasileiro da Terceira Divisão), uma das recordistas de público na Série B (Campeonato Brasileiro da Segunda Divisão) em 2009 e também sendo eleita pela revista *placar*, como uma das 31 torcidas mais fanáticas do Brasil, ao lado de torcidas de grandes agremiações do futebol brasileiro.

Tendo como lema fundamental “A maior da arquibancada” o G.R.S.C.T.O. Facção Jovem (TFJ) era inicialmente denominada de “Facção Rubro-Negra”, a mudança de nome deu-se pelo fato de ser composta em sua maioria por torcedores adolescentes. Fundada em 16 de Março de 2003 mediante e após sucessivas reuniões entre os seus líderes que, ao vivenciarem a situação em que o clube se encontrava naquele ano, sentiam falta de uma torcida que realmente incentivasse, com cantos, gritos, incentivos e levasse toda, se não a maioria, da massa rubro-negra ao estádio durante as partidas do Campinense Clube (Foto 6b).

A força e empolgação desta torcida foi percebida somente após a conquista do Campeonato Paraibano de 2004. Desse modo foram estabelecendo-se as músicas que se tornaram marca registrada nas vozes dos torcedores rubro-negros. Com base nas informações do maior portal das torcidas organizadas do país, *Organizadas Brasil*<sup>7</sup>, a TFJ hoje é uma das maiores e torcidas organizadas do Campinense Clube com sede no centro de treinamento Renato Cunha Lima (O Renatão), possuindo torcedores que acompanham o Campinense em partidas oficiais dentro e fora do Estado da Paraíba.

Fundado em 13 de Dezembro de 2001 o Grêmio Recreativo Torcida Organizada Jovem do Galo (G.R.T.O.T.J.G) tem como lema principal “Com o Treze onde ele estiver”, só iniciou efetivamente as suas atividades em 20 de Janeiro de 2002, no estádio Amigão (Foto 6c). Durante o Campeonato do Nordeste de 2002, novos integrantes se juntaram a administração da torcida organizada e enquanto isso, a torcida continuava seguindo seus passos de desenvolvimento e

---

<sup>7</sup> [www.organizadasbrasil.com](http://www.organizadasbrasil.com). Acesso em: 24/11/2013.



estabilidade ao som da charanga e no balançar das pequenas bandeiras e faixas com grande quantidade de patrocínio. Foi somente depois de um ano de trabalho, seriedade e dedicação, que a torcida tomou novos rumos, pois outros integrantes foram chegando e formando uma nova diretoria ou comissão denominada G-13 (composta por treze pessoas).

Nota-se a importância de uma torcida preocupada com os interesses do clube no momento em que em seu processo histórico é narrado. O fato de que 2003 foi um ano negativo para o Treze Futebol Clube, fez com que as torcidas se mobilizassem e realizassem campanhas para o clube conseguir apoio financeiro de alguns órgãos para que os jogadores dispusessem de alimentação e medicamentos.

2004 foi o ano em que a torcida, com a ajuda da diretoria, ganhou mais força dentro e fora de campo, saindo da arquibancada sombra e passando a organizar-se na arquibancada geral. A partir daí foram formadas alianças com as torcidas Máfia vermelha, do América Futebol Clube (Natal-RN) e Inferno Coral, do Santa Cruz Futebol Clube (Recife- PE), passou-se a haver a confecção de faixas e bandeiras, instrumentos percussivos, bem como material à venda na sede que conseguiu abrir no mesmo ano, ao lado do seu centro de treinamento, o Estádio Presidente Vargas (PV).



**Foto 6a:** “Clássico dos Maiorais”, torcida do Treze à esquerda e torcida do Campinense à direita), 2008.

**Foto 6b:** Torcida Facção Jovem no “Amigão”, 2008.

**Foto 6c:** Torcida Jovem do Galo no “Amigão” 2008.

Disponível em: [www.fotolog.com.br](http://www.fotolog.com.br).

Acesso em 03/01/14. Às 08:30 min.

### III CAPÍTULO

## SÍMBOLOS, IMAGENS E IDENTIDADES: A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO MOTIVADO PELAS TORCIDAS ORGANIZADAS NOS HABITANTES DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE

*“(...) se não fosse a violência eu queria chegar com cem anos e no lugar de balançar a bandeira, balançar a bengala.”*

Kleber Cabral- Ex-Presidente da Fação Jovem

A sociedade atual é cercada por símbolos e imagens que nos possibilitam observar, analisar e interpretar a dinâmica de cada espaço que frequentamos ou apenas vimos rapidamente, ou seja, associamos as informações presentes na configuração deste ao nosso cotidiano. É comum visitarmos locais e nos recordarmos de momentos já vivenciados ou que somente vimos pela televisão.

O jogo de imagens, os arranjos das figuras e a disposição das cores nos permitem fantasiar diversos momentos através de um simples olhar de uma placa na rua, *outdoors*, propagandas nos carros ou até mesmo em uma simples embalagem de algum produto que consumimos. Para Jung (2008), os símbolos são produzidos espontaneamente pelo inconsciente apesar de poderem, posteriormente, ser elaborados conscientemente.

Esses símbolos também estão expressos no mundo das torcidas organizadas, uma vez que sua representatividade depende da maneira como sua imagem é divulgada. Partilhando da ideia de Franz (2008) de que no símbolo está claramente expressa na ideia de uma unidade total da existência humana, além de qualquer unidade individual, é possível perceber a expressão de forma grupal perante o estilo e modo de vida que os torcedores organizados levam dentro e fora dos estádios, portanto para Jung (2008):

O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora, possua conotações especiais além de seu significado evidente e convencional. (Jung, 2008. Pag. 16.)

Muita gente já deve ter se deparado com uma multidão de torcedores em dia de jogo de futebol, sentiu certo receio de passar por todas aquelas pessoas e desviou, mudando seu itinerário. Para muitos, não é tarefa fácil encarar torcedores nos espaços públicos, mesmo que estes sejam facilmente reconhecidos pelas vestimentas e maneiras de se comportar durante o caminho para o estádio de futebol. As torcidas organizadas provocam sensações de medo, respeito, admiração, ou até mesmo raiva por parte dos não-torcedores, e assim, por sua maneira de se apresentarem na sociedade, acabam gerando focos de tensão e conflitos entre os mesmos, torcedores rivais e órgãos de segurança pública, seja em seu maior momento, os jogos de futebol, ou em festas organizadas por essas agremiações.

Quando se fala em identificação de torcedores organizados ou, até mesmo, da própria torcida organizada através dos símbolos e imagens, sua camisa é um dos principais delatores desta ação, pois os diferentes tipos de imagens estampadas nas vestimentas e o que estas representam proporcionam diferentes reações nos indivíduos que não compõem esta realidade, assim é possível

concordar com Jung (2008) quando afirma que uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato.

Todas as torcidas organizadas carregam consigo símbolos únicos e permeados de subjetividades, os quais fazem parte, de forma inseparável, das vestimentas dos componentes da agremiação, de modo a gerar visibilidade e aversão aos outros agrupamentos organizados de torcedores.

Para Toledo (1996) os símbolos das torcidas organizadas se apresentam em quantidades e formas variadas e quase sempre são adotados obedecendo à três categorias classificatórias fundamentais: animais, personagens dos Gibis, quadrinhos ou ficções e também entidades fantásticas e divindades. É notório que a escolha de cada um dos símbolos representativos da torcida depende de uma série de circunstâncias, fatos, imagens, percepções, qualidades recolhidas do imaginário social complexo que se configuram em nossa sociedade, ainda para Toledo (1996):

(...)estes símbolos são descartados ou incorporados de modo variado e dinâmico, aparentemente não seguindo um único princípio rígido explicativo ou mais estrutural, eles podem representar, enfatizando, origens sociais ou valores morais que permeiam a sociedade; podem remeter a localidades geográficas, ao *ethos* de um determinado lugar, às cores do time ou não, aos estereótipos sociais e étnicos, qualidades e virtudes atribuídas aos seres da natureza, animais, santos etc. (Toledo, 1996. Pag.54)

Dentro dessa lógica de escolha de símbolos representativos, as torcidas organizadas de Campina Grande adotaram como principais marcas distintivas os próprios mascotes dos seus respectivos clubes, ou seja, o Campinense Clube representado por uma raposa e o Treze Futebol Clube por um galo (Figura 1a e 1b). Entretanto, estes animais deixaram de apresentar suas características relativamente tranquilas em habitat natural para dar lugar a mascotes hostis, figuras representativas que fazem alusão à esfera do incontrolável e fora dos padrões estabelecidos pela ordem social, exagero nas qualidades humanas como beleza, esperteza, astúcia, fugindo totalmente da racionalidade e normalidade, assim como, passando a deter características que extrapolam as condições do ser humano e dos animais: força, tamanho, etc.

Figura 1a



“(…)Quem foi? Será que aquele “galozinho” que tem no emblema da Jovem, será se aquela raposinha que tem no emblema da Fação, será se é eles que “tão” saindo dos escudos e matando o povo? Dando facadas, batendo, será? A cidade hoje ela se comporta, a maioria, muita gente, é espanto, faz um espantinho em nome do clássico.”  
**Depoimento de Kleber- Entrevistado no Grupo Focal (14/02/2014).**

**Figura 1: Símbolos oficiais representativos das Torcidas Organizadas Fação Jovem e Jovem do Galo.**

Disponível em: [www.fotolog.com.br](http://www.fotolog.com.br)

Figura 1b



Na ocorrência das torcidas de Campina Grande não é diferente. A mais velha e considerada, por muitos, a mais importante agremiação organizada de torcedores do Campinense Clube, além de possuir como símbolo principal uma raposa (mascote do clube) com um porte físico avantajado (malhado), garras afiadas e olhar ameaçador, ainda expressa em seu nome um sentimento de violência, insegurança e temor aos rivais ou não.

De acordo com Ferreira (2001) Fação refere-se a um termo pejorativo que remete-se a um grupo de indivíduos partidários de uma causa comum, bando político que maquina a ruína dos seus adversários, grupo discente de um partido e feito de armas. As palavras de ordem contidas em seu escudo apresentam a seguinte frase: Sangue, Nervos e Coração que, por sua vez, está

presente no hino do clube, porém esta é utilizada subjetivamente na imposição de medo frente aos adversários, pois o termo sangue pode ser entendido como ferimento e agressão, nervos como sendo a falta de paciência e impiedade com os rivais e coração está fazendo referência em fazer tudo pela torcida, até mesmo realizar e incitar a prática de atos violentos.

No caso da Torcida Jovem do Galo, a principal e mais antiga torcida organizada do Treze Futebol Clube, possui como símbolo um galo (mascote do clube) também com porte atlético acentuado e olhar ameaçador, o qual se destaca por possuir uma tatuagem do clube em seu braço direito e mostrar os dentes, situações que indicam respectivamente o clube acima de tudo e torcida como sendo um segmento organizado de grande masculinidade. Este mascote possui sua mão esquerda fechada representando um soco como forma de intimidação frente aos adversários, fato este que demonstra que a prática violenta é apenas mais um fato corriqueiro no cotidiano desta torcida organizada.

Após a discussão dos símbolos representativos das torcidas organizadas campinenses, se faz necessária uma análise de suas marcas distintivas, assim como apresenta Toledo (1996) ao afirmar que a camisas (ou vestimentas no geral), bandeiras, faixas, bateria (faz referência a todos os instrumentos musicais percussivos levados ao estádio), tatuagens, músicas e palavrões.

A Camisa da torcida organizada é o principal utensílio que reforça e apresenta o compromisso com a coletividade em que se está inserido, desse modo sendo chamados a atenção quando não a utilizam em momentos grupais em incentivo ao clube (Figuras 2a e 2b). As grandes motivações em fazer parte desse universo de torcedores estão guardadas nestes símbolos e marcas distintivas, assim a vestimenta principal retrata conduta e estética, pertencimento e o afeto ao time e a própria torcida. A sua força está no uso dos espaços urbanos públicos e privados, itinerários até os estádios e dentro deles, demarcando uma distância simbólica entre os organizados e os torcedores intitulados de comuns (TOLEDO, 1996).

Outra marca importante diz respeito às bandeiras e aos bandeirões (ao subirem pelos torcedores em perfeita sintonia cobrem toda arquibancada), objetos sempre vistos e admirados nos estádios, pois são mais visualizadas que as camisas (Foto 7a e 7b). Seu dinamismo é bastante significativo na exposição da torcida organizada, uma vez que a estética dessa ferramenta para a torcida é um fator fundamental em seu prestígio. Os desenhos impressos nestes instrumentos dependem criatividade da torcida organizada, podendo se destacar o escudo do time, símbolo oficial da torcida ou até mesmo personagens conhecidos por todos e que fazem parte do nosso cotidiano.

As faixas também fazem parte do “mundo das organizadas<sup>8</sup>”, que ao serem estendidas nas arquibancadas ou lugares preferidos dos torcedores apresentam o nome escrito por extenso da torcida organizada em questão (Fotos 8a e 8b), tais faixas esboçam diferentes significados e expressão com fatos que lhe dizem respeito, como, por exemplo, notas de falecimento de algum integrante, indignação com a diretoria do clube preferido, repúdio às atuações do time, em suma, estes apetrechos são os primeiros a serem exibidos em público nos dias de jogos, nesse cenário, demarcando os lugares que serão ocupados pelos integrantes das organizadas e todos os seus materiais.



<sup>8</sup> Termo que faz referências ao universo político e ideológico das torcidas organizadas, de maneira a explicitar suas práticas, ações e dinâmicas no espaço.



Se tratando dos materiais utilizados pelos torcedores das torcidas organizadas, podemos tratar do que é entendido por muitos como o coração da torcida organizada, a Bateria. Que ainda para Toledo (1996) consiste:

(...)diversamente nas demais marcas que sustentam os símbolos, distintivos e nomes essencialmente visuais e gráficos, podendo ser considerada o suporte sonoro que imprime



ritmos específicos na realização das manifestações nas arquibancadas. Faz a marcação dos cantos, gritos de guerra, dos hinos, dos xingamentos e é a responsável pela manutenção e sintonia dos movimentos e coreografias, pelo tremular das bandeiras e entusiasmo dos integrantes. (Toledo, 1996. Pag. 60.)

Como se essas marcas distintivas não dessem conta de demonstrar todo carinho e afeto pelo clube e pela torcida organizada, os componentes da torcida organizada foram além e utilizando o próprio corpo. Muitos tatuam os símbolos representativos das agremiações a que pertencem, facilitando a identificação contígua com a lei grupal (Fotos 9a e 9b). Para estabelecerem um sentimento de respeito e dedicação com a ideologia que seguem, as tatuagens são feitas em locais do corpo facilmente visíveis, deixando à mostra sem nenhum problema a qual torcida pertencem e que tipo de torcedores são, seja dentro ou fora dos estádios.



Outro ponto importante na discussão das ideologias dos torcedores organizados faz referência às suas falas, pois ao nos depararmos com estes indivíduos, nas ruas, espaços públicos e também em estádios, nos deparamos com seu ponto auto da comunicação, que se expressa mediante a oralidade. É comum o ecoar de xingamentos, vaias, protestos, cantos, hinos ou gritos de guerra, criados originalmente ou em forma de paródias de músicas já existentes. Contudo há sempre atualização e renovação das letras e do coro que as impõem de maneira bastante sistemática. Muitos designam este tipo de ação como a “voz da arquibancada”, pois a regularidade em que são criadas propicia sua propagação e aprendizado uniforme entre todos os integrantes.

Seguem abaixo quatro exemplos de músicas tocadas em festas das torcidas organizadas, do Campinense Clube e do Treze Futebol Clube que em dias de jogos ecoam nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas (PV) e no Estádio Governador Ernani Sátilo (O Amigão). Inicialmente apresentam-se músicas que evocam questões de conflitos de grupos que marcam as práticas dos sujeitos envolvidos (Quadro 3):

<b>QUADRO 3: MÚSICAS DA TFJ</b>	
<b>(Música 1 - TFJ)</b>	
<p><i>Alemão otário tú ta de bobeira? Se liga safado a Facção Jovem não é brincadeira Alemão otário eu vou te dar um papo TFJ é o bonde considerado</i></p> <p><i>Vimos pra comandar rubro-negro é nossa cor Com a gente não tem perdão o bonde aqui não tem “caô” E se for alemão demorou eu só lamento Os “muleque tão ligado” observando o movimento</i></p> <p><i>Pros comédias vou dizer para de me atrasar A gente cria pode crer vocês só sabem copiar Pra ser um Facção tem que ter o braço forte Na hora do combate enfrentar até a morte</i></p> <p>(Música disponível em <a href="http://www.palcomp3.com">http://www.palcomp3.com</a>)</p>	
<b>(Música 2 - TFJ)</b>	
<p><i>Parece um furacão (expulsa, expulsa) Facção Jovem o bonde do mal O pesadelo chegou alemão pode correr TFJ é o bonde! Campinense até morrer! Campinense até morrer!</i></p>	
<p><b>Quadro 3: Músicas das Torcidas Organizada Facção Jovem. Disponível em <a href="http://www.palcomp3.com">http://www.palcomp3.com</a>. Acesso em 03/01/2014.</b></p>	

Contudo, percebe-se nas letras de algumas músicas intencionalidades que superam os conflitos dentro do estádio, possuindo expressão geográfica tanto em forma de escala, como de território (Quadro 4):

<b>QUADRO 4: MÚSICAS DA TJG</b>	
<b>(Música 3 - TJG)</b>	<b>Análise</b>
<p><i>No PV ou no Amigão ou dentro do Almeidão A jovem do Galo não dispensa ninguém não Dentro de Campina Grande eu vou botar pra “fuder” Porque sou a mais temida eu sou da TJG</i></p>	<p>Nos trechos destacados evidenciam-se bem o interesse pelo controle espacial não apenas em Campina</p>

<p><i>Eu vou botar o terror vou caçar “os alemão” De corolla ou de twister vou fuder a “FACuzão” Vou fuder pode esperar sua hora vai chegar Ei TJBicha não se esconda porque eu vou te achar A TJG falou hoje o bicho vai pegar Comédia safado quero ver se tú vai aguentar</i></p> <p><i>Torcida Jovem do Galo tem muita disposição Pra queimar “TJBicha” a “foFÚRIA” e a “FACuzão” Nosso bonde é pesado só guerreiro pesadão Torcida Jovem do Galo vai botar maior terror O bonde alvinegro dominou a capital Ai comédia a TJG tá na moral (Música disponível em <a href="http://www.palcomp3.com">http://www.palcomp3.com</a>)</i></p>	<p>Grande, assim como também o fato da imposição da sensação de medo e riscos a segurança dos adversários</p>
<p><b>(Música 4 - TJG)</b></p>	<p><b>Análise</b></p>
<p><i>Pegue carona com o bonde bota terror Eu sou da Jovem do Galo o bonde quebra quebrou Bonde sinistro que pagou mais abalou Sou alvinegro sou do bonde do terror</i></p> <p><i>Pegue carona com a Jovem do meu galo Sou da maior do Estado o bonde quebra quebrou Bonde sinistro que pagou mais abalou Sou alvinegro sou do bonde do terror</i></p> <p><i>Olha meu amigo coitado do “FACuzão” Ele não leva com a gente no PV nem no Amigão E eu te chamo para vir zoar com a gente Cantar a festa, o arerê, e o sai da frente</i></p> <p><i>Eu vou botar todos para correr Dá na boca dos pilantras mandar eles se “fuder” A caveirinha hoje viu realidade Foi detonada e humilhada na cidade</i></p> <p><i>Porque a Jovem pode crer é da moral Porque a Jovem do Galo é uma torcida especial Agora eu canto todo mundo é bom de briga Sou o terror e mando na Paraíba (Música disponível em <a href="http://www.palcomp3.com">http://www.palcomp3.com</a>)</i></p>	<p>Nos trechos destacados apresenta-se uma geograficidade, pois o incentivo as práticas territoriais e a violência é percebido. O sentimento de dominação está presente de forma implícita na letra da música</p>
<p><b>Quadro 4: Músicas das Torcidas Organizada Jovem do Galo. Disponível em <a href="http://www.palcomp3.com">http://www.palcomp3.com</a>. Acesso em 03/01/2014.</b></p>	

Como observado, as diferentes músicas apresentadas expressam em suas letras atividades não aceitas em nosso cotidiano social, estas demonstram uma tentativa de impor respeito entre os demais rivais. Percebe-se que termos como “alemão”, “comédia” e “pilantra” são palavras

frequentemente usadas nas letras das organizadas. Estas terminologias fazem referência aos indivíduos não-pertencentes ao grupo em questão. Nestas condições, podemos trazer os principais gritos de guerra presentes nas arquibancadas. Para Toledo (1996), ao serem satíricos, jocosos, grotescos, engraçados e criativos traduzem uma série de visões do outro expressas nesses padrões de comportamento verbal típicos entre torcedores de futebol. Este mesmo autor classifica os cantos ou gritos de guerra em quatro categorias: os de incentivo ao time e os jogadores, os de protestos, os intimidadores e os de autoafirmação, no caso da presente pesquisa temos os mais comuns entre os torcedores de Campina Grande:

Os de incentivo:

*“(...) Ô, ô, ô, ô, salve a poderosa raposa!”*

*“(...) Ô, ô, ô, ô vai pra cima deles galo!”*

Os de protesto:

*“(...) Se essa “porra” não ganhar, olê, olê, olá, o pau vai quebrar”*

*“(...)Áo, ão, ão segunda divisão!”*

Os de intimidação:

*“(...) Ô trezeano, chegou a hora tire a camisa dá o “cu” e vá embora!”*

*“(...) Ah! Que é isso? A FACuzão está calada!”*

E por fim, os de autoafirmação:

*“(...) A casa caiu, foi tumulto geral*

*A Facção chegou feito um bando de animal*

*Atravessamos as cordas, não ficou ninguém*

*Quem expulsou, foi a Facção Jovem*

*Uh! terror a facção bota medo! (...)*

*“(...) Sai, sai da frente, sai porque a Jovem é chapa quente!”*

Nestas oralidades, notamos que diversos palavrões são evocados e fazem referência à potência masculina e exprimem a fraqueza dos envolvidos com as situações, pois é muito comum as torcidas organizadas serem interlocutoras de agressões verbais aos torcedores rivais, polícia, diretoria dos clubes e até mesmo indivíduos que não são torcedores, de gêneros e opção sexual diferentes ou não estão associados a um agrupamento semelhante ao aqui tratado.

Diversas torcidas organizadas criam no ato do momento as suas rimas e frases, muitas vezes desobedecendo a figura do “puxador”, indivíduo responsável por conduzir o andamento dos cantos, este fica de costas para o gramado e perde boa parte da partida, pois as coreografias, a bateria, as bandeiras e o coro devem estar em perfeita sintonia seguindo tudo aquilo que antes fora planejado entre os membros que compõem a diretoria da torcida organizada.

Ao falar de torcedores, abordar suas práticas e dinamismos e tentar compreender o que leva os indivíduos a assumirem um papel coletivo de tal maneira, nos requer uma abordagem minuciosa do conceito de identidade, pois como afirma Santos (2004), este início de século tem como características o aparecimento de grupos ou tribos urbanas, que apesar de suas diferenças internas, buscam identidades a fim de se diferenciarem da massa, tida como anônima, indefinida e dispersa.

Para Hall (1993) *Apud* Dias (2011):

(...) as identidades e perfis de personagens centrais da análise da cultura se sustentam na ideia de que as identidades estão sempre em processo de formação, de modo que não se pode falar em identidades fixas, inalteradas. Embora a noção de identidade esteja relacionada a “pessoas que se parecem”, “sentem a mesma coisa” ou “chamam a si mesmas pelo nome”, estes são referenciais insuficientes, que não satisfazem aos pressupostos necessários à compreensão adequada do fenômeno da identidade. Como um processo, assim como uma narrativa ou bem como um discurso, “a identidade é sempre vista da perspectiva do outro. (Dias, 2011. Pag. 15.)

De acordo com Hall (2003), a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O ato de torcer configura-se como um das expressões máximas do futebol. Vestir a camisa do clube em dias de jogos, portar a bandeira representativa, ou caracterizar-se com vestimentas das cores que fazem alusão à sua paixão futebolística virou algo comum nos dias atuais, desta forma, podemos perceber que o torcedor ao assumir-se enquanto indivíduo organizado, assume uma identidade diferente daquela desenvolvida ao longo da vida. Para Pimenta (2000), o movimento social de jovens, em sua maioria, em torno de uma organização que difunde novas dimensões culturais e simbólicas no cotidiano urbano acaba moldando o comportamento dos inscritos. Diante desse contexto, as ações de envolvimento destas pessoas nestes segmentos organizados favorecem ainda, as práticas territoriais de intervenção no cotidiano urbano, ou seja, na mobilidade urbana, em dias de jogos ou não.

## IV CAPÍTULO

### AS TORCIDAS ORGANIZADAS NO OLHAR DE QUEM FAZ E NA PERSPECTIVA DE QUEM OBSERVA: OS DOIS LADOS DO DISCURSO

*“(...)era no tempo da Raça Jovem, eu ia quando era criança, pintava o rosto. Você torcer, você tá no meio de torcida organizada naquele tempo ainda era você ser um torcedor muito fervoroso(...).”*

José Otoni -Torcedor do Campinense Clube

O discurso gerado por todos os sujeitos da sociedade são cabíveis de uma análise, por mais simples que seja. Analisar e refletir sobre o que pensam outras pessoas não se torna algo simples, principalmente quando se tratam de segmentos tão articulados como são as torcidas organizadas.

Mediante as transcrições da entrevista, levando em consideração o tópico-guia, foi possível observar diversos e diferentes pontos de vista. Cabe aqui, destacar que todas as falas foram devidamente autorizadas mediante a autorização pelos entrevistados, pois todos assinaram e permitiram a gravação, filmagem, uso de seus nomes e utilização das informações faladas mediante o Termo de Consentimento livre e Esclarecido (TCLE) (Ver apêndice 1).

O roteiro do tópico-guia teve como tema principal os eventos envolvendo as ações das torcidas organizadas na cidade de Campina Grande. Para isto, os sujeitos foram indagados e instigados a raciocinarem em torno da temática trabalhada.

Diante do exposto, temos uma análise pautada no discurso do sujeito coletivo, ou seja, uma estratégia metodológica que busca tornar mais clara a Representação Social ou seu conjunto de Representações. Desse modo, temos abaixo a sistematização das informações coletadas, seguindo rigorosamente a ordem em que foram relatados os discursos durante a entrevista realizada com o Grupo Focal, assim como suas respectivas Análises de Discurso dos Sujeitos.

A entrevista teve como primeiro tema a história da torcida organizada na cidade de Campina Grande. No presente momento, apenas cinco (05) dos seis entrevistados, discorreram sobre o enunciado apresentando seus principais pontos de vista e motivando-se a participar da forma mais proveitosa possível, uma vez que participar do presente trabalho foi bastante proveitoso para alguns.

O discurso apresentou pouco conhecimento da história de fundação das torcidas, principalmente por parte dos torcedores tidos como comuns e do representante da mídia, entretanto, os ex-integrantes de ambas diretorias abordaram as experiências vivenciadas durante o período de prestação de serviços à torcida organizada. Diante do discurso emitido pelos entrevistados pôde-se observar a importância da torcida organizada para a elevação do futebol profissional da cidade de Campina Grande, pois percebe-se nos discursos a importância e necessidade de apoio aos clubes locais, tendo em vista que as falas apresentaram o desejo de diversos torcedores em participar da torcida organizada, anseios esses, representados na compra das vestimentas e compartilhamento das atitudes dentro do estádio (torcer, gritar, coreografar, etc.). Vale salientar que as torcidas organizadas Fação Jovem e Jovem do Galo, em tempo de

auge no surgimento, possuíam muitos adeptos e vendiam mais camisas que os seus respectivos clubes.

Contudo as práticas violentas e as ações de vandalismos afastaram os torcedores de boa índole das torcidas organizadas. Inúmeros torcedores e grupos de famílias não vão mais para o estádio por conta da violência proporcionada pelas torcidas organizadas. Fazendo referência ao discurso observado e analisado, existem marginais infiltrados nas torcidas organizadas incentivando a prática da violência.

Outro ponto a ser mencionado e que merece destaque na criação das torcidas organizadas da cidade é a influência das torcidas organizadas do Sul e Sudeste em suas fundações e também nas práticas das torcidas locais. Para alguns entrevistados, o início da violência dentro e fora dos estádios de Campina Grande se deu por conta da aliança entre torcidas, tal aliança promoveu a ruptura da ideia de torcida por conta da selvageria proporcionada por estes tipos de torcedores. Assim como afirma um dos entrevistados:

Eu peguei um pouco da fala de Kleber e achei interessante quando ele falou que essa coisa das levas de torcedores marginais que “tão” infiltrados nas duas torcidas e da influência que vem das torcidas de fora, porque é o que se vê no futebol, principalmente do Eixo sul, que o que é bonito pra eles é a violência. Então essa influência veio de lá e prejudica o futebol, prejudica o esporte, o espetáculo, a torcida e principalmente os times, porque até a renda cai, porque eu gosto do Treze, sou trezeano e já fui até pra jogos do campinense, mas hoje eu não vou mais pra estádio porque eu prefiro preservar a minha integridade física do que ir pra o campo passar por situações que não são muito boas, onde até a polícia, às vezes age de uma forma repressiva no meio da torcida sem nem saber quem é quem, porque quando tem um tumulto de uma ou de outra, esses marginais se infiltram no meio de quem tá aqui pra assistir o espetáculo. (Depoimento de um dos sujeitos sociais que participaram da entrevista com Grupo Focal realizada em 14/02/2014.

Durante a explicação do questionamento, os entrevistados sentiram-se à vontade para responder às perguntas solicitadas. Dentro de suas limitações, os entrevistados apresentaram suas opiniões e experiências de vida, o que não causou nenhum conflito entre estes, tendo em vista a calma da situação.

Outro tema do roteiro esteve relacionado à análise da influência da torcida organizada. Levando em consideração o fato de que as práticas proporcionadas pelos torcedores organizados geram sensações de medo e insegurança, os entrevistados afirmaram em suas respostas que os torcedores organizados por si só não inibem a presença dos torcedores considerados comuns, o que ocasiona essa situação ou sensação são as atitudes violentas.

Merece destaque o fato das agressões, segundo os entrevistados, ocorrerem em situações anteriores. Um dos principais problemas está no fato da utilização da camisa da torcida em dia de



clássico dos maiorais, proporcionarem o imaginário de medo e a utilização das camisas normais dos respectivos clubes ocasionam a sensação de pertencimento, uma vez que as pessoas gostam de ver o espetáculo da partida de futebol repleto de “magia” e com bastante festa.

Outro problema apresentado para a questão da inibição está na faixa etária dos torcedores, uma vez que ao se auto denominam de torcidas jovens, estas agremiações acabam induzindo o imaginário dos torcedores adversários e conseqüentemente a prática violência, pois os torcedores mais novos ou recém chegados na torcida não conhecem e não possuem tolerância com os adversários, partilhando o pensamento de que os torcedores mais velhos são mais conhecidos e respeitados pelos êmulos, portanto, o fato de ser um torcedor adolescente acaba inferindo no fato do pertencimento à torcida organizada, como apresenta-se na seguinte fala:

Eu acho que inibe, porque assim, Kleber já tá envolvido, já foi um dos presidente de uma das torcidas do Campinense, então ele tem mais conhecimento e mais tempo de futebol, a turma conhece mais ele. Só que nós jovens, é [...] quando vamos a campo ficamos com receio justamente por isso, porque hoje em dia pelo fato das torcidas organizadas serem de maioria de jovens, eles acham que nós podemos ser integrantes daquelas torcidas também, ou seja, um rivais deles e interpretar dessa forma e gerar algum tipo de agressão, eu acho que hoje o número de torcedores no estádio diminuiu bastante por conta disso, por conta dessa meia dúzia de vândalos leva a fazer isso. (Depoimento de um dos sujeitos sociais que participaram da entrevista com Grupo Focal realizada em 14/02/2014.

De fato, inúmeras famílias estão deixando, ou já deixaram, de frequentar os estádios da cidade de Campina Grande. As práticas agressivas proporcionadas por estes indivíduos estão penetrando o imaginário social dos cidadãos e através de seus atos estão apagando cada vez mais o brilho das partidas disputadas entre Treze e Campinense.

Na elaboração das respostas houve um consenso entre a maioria dos entrevistados, contudo os ex-componentes das diretorias mostraram-se insatisfeitos com as colocações dos demais, pelo simples fato de que durante suas gestões administrativas das respectivas torcidas organizadas presenciaram fatos em que não houve inibição, assim causando um momento de insatisfação durante a entrevista, o que gerou o discurso analisado.

Outra questão relevante debatida entre os pesquisadores esteve relacionada às parcerias entre as torcidas. Esta forma de “amizade” entre integrantes das torcidas organizadas com outros torcedores de Estados distintos vem acarretando diversos problemas. Houve um consenso geral entre os entrevistados de que alguns integrantes das torcidas organizadas locais não gostam de torcedores de fora, bem como não há benefício algum para as agremiações campinenses.

Cada Estado tem seu time e a opção de escolher. Essa foi a principal resposta dos entrevistados durante a realização da entrevista com Grupo Focal, pois, de acordo com alguns pesquisados não existe nenhuma benfeitoria, apenas incentivo à violência, somente brigas e importação de atitudes ruins.

Ainda de acordo com os entrevistados, estas alianças entre torcidas organizadas trouxeram o aumento das rivalidades e influências ruins, em outras palavras, desencadeou-se a realização de ações que aqui não existiam. Em suma, a aliança vem sendo compreendida como principal motivo de iniciação da violência no futebol de Campina Grande, assim como apresenta-se na seguinte colocação:

Eu vou na opinião dos colegas aqui, também acho que não tem benefício nenhum não, e essa questão da aliança infelizmente eles estão se aliando pra excitar a violência. Se fosse pelo menos pra ajudar a torcer, mas se fosse pra ajudar a torcer ele tinha que torcer pro time dele. Então cada um tem seu time na sua cidade. Eu acho que não tem benefício nenhum. (Depoimento de um dos sujeitos sociais que participaram da entrevista com Grupo Focal realizada em 14/02/2014.

O consenso geral entre as respostas dos entrevistados fez com que não houvesse nenhum tipo de indignação. Houve um acordo comum entre as respostas no fato de que a aliança gera violência, desta forma, merece destaque a tranquilidade do ambiente e a reação dos participantes neste momento da entrevista.

Em seguida, trabalhamos o tema sobre a ação da torcida organizada no espaço urbano. Este espaço apresenta características peculiares e detentoras de diversas variações. Em dia de jogo entre Treze e Campinense o urbano se mostra com diferentes traços em sua mobilidade, para os entrevistados os dias de partidas desse porte proporcionam situações diferenciadas e repletas de insegurança, dentre estas podemos citar: torcedores, vândalos e cidadãos desordeiros ocupando espaços públicos da cidade, pichações, atos violentos em diferentes bairros, escolas, transportes públicos.

A cidade se comporta com uma dinâmica de medo e alarme em dia de clássico, iniciando-se pelas provocações nas mídias, em que os torcedores se comunicam entre si e com adversários para realizarem os arrastões. No caminho pelas ruas, os acontecimentos envolvendo torcidas organizadas ganham destaque nas manchetes de jornais e fora do estádio a realidade é tensa, principalmente para os uniformizados, pois há diversas agressões verbais e físicas em ruas próximas, no terminal de ônibus integrado e nos próprios transportes públicos no dia do clássico.

Para os entrevistados, como se já não bastasse tomar cuidado com o deslocamento para o estádio, a preocupação é dobrada no momento de saída, uma vez que, além do clima tenso em que a cidade se apresenta, os trajetos para o deslocamento são mudados, nas proximidades do palco do espetáculo sempre acontecem mortes e brigas no pós-jogo, assim fazendo a referência à proposição:

É um clássico da gente, das nossas multidões, né? Mas é um dia assim, pesado, Treze e Campinense é, principalmente no pós-jogo, quando a gente já tá no estádio chegando até aqui próximo, vê briga, morte, aí é um dia difícil sabe? Agora com relação às torcidas organizadas que eles “tavam” falando. Por mais que a torcida faça festa bonita no estádio isso não marca quando tem uma briga ou confusão é o que fica, principalmente para imprensa. Então o que a gente vê no youtube de torcida, de bandeirão é uma coisa fantástica, incrível. Só que a notícia que vai pra mídia, principalmente se tiver uma briguinha é a confusão que o jogo causou, aí é quando se fala se a imprensa tá querendo fazer a espetacularização da notícia, mas é a realidade, infelizmente, bota um título diferente pra poder chamar, pra vender jornal, pra poder atrair o leitor, mas a informação que entra não pode ser mudada, então assim, a nossa realidade é um clima pesado, o clássico Treze e Campinense têm que tomar cuidado. Por isso que muita gente deixou de ir. (Depoimento de um dos sujeitos sociais que participaram da entrevista com Grupo Focal realizada em 14/02/2014.

A reação dos entrevistados versou entre dúvidas e questionamentos. Por exemplo, no que diz respeito ao momento de ida ao estádio, pois neste momento, alguns dos participantes não apresentaram semblantes muito concordantes, uma vez que o deslocamento deles é bastante diferenciado, variando entre ônibus (transporte público), automóveis, motocicletas e caminhada até o estádio, assim cada um obteve um resposta individualizada sob a caracterização do urbano em dia de “clássico dos maiores”.

No que se refere aos fatos que marcaram a atuação das torcidas organizadas, foram destacadas ações sociais objetivando ajudar o próximo, tais como: doações de sangue, arrecadação de donativos, entrega de presentes em comemoração ao dia das crianças, dia de natal, cestas básicas e ajuda a asilos. Como outros pontos marcantes da torcida organizada, temos as festas realizadas e as amizades adquiridas. Contudo, partindo das experiências citadas, os torcedores mais novos estão acompanhando só negatividade, pois veem de perto brigas e morte de colegas.

De acordo com o ex-presidente da Fação Jovem, a torcida organizada não recebe ajuda e tem que sobreviver de campanhas, vendas de materiais e doações dos sócios ou órgãos privados. Isso faz com que este segmento entre em decadência, tendo em vista que alguns esforços acabam sendo em vão. Segundo o torcedor do Campinense presente na entrevista, as ações sociais marcam, porém as brigas e mortes ganham mais destaque. Desta forma, chegamos a percepção que as

torcidas organizadas de Campina Grande em seu surgimento eram caracterizadas somente por suas festas nas arquibancadas sem nenhum tipo de violência.

Segundo um dos torcedores do Treze presentes na entrevista, a festa é o ponto marcante da torcida no estádio, porém a violência marca mais que os festejos, como as charangas presentes no estádio e os gritos da torcida. Como exemplo podemos citar a fala do representante da mídia que também participou da EGF:

Rapaz como eles falaram, a questão da violência infelizmente marca né? Qualquer período né? Claro que antigamente tinha violência também, mas em menor proporção e a questão de ponto positivo que eu me recordo é aquelas charanga no estádio, a própria torcida, quando de um lado a torcida do Treze começava a gritar e a outra torcida também e ficava lindo o estádio né? E sempre que falava em torcida organizada um ponto que chamou a atenção na cidade foi no ano de 2008 que a Campinense subiu pra série B do brasileiro que a torcida esperou o time chegando de João Pessoa e lotou aquela Avenida toda sabe? E tem muitas fotos, vídeos que registram isso e foi muito bonito. E naquele dia que o Treze foi viajar pra Goiânia, eu acompanhei, eu fiz a matéria, Avenida Brasília também lotada com o ônibus indo pra João Pessoa. Então assim, são as coisas que marcam, coisas bonitas que a gente quer que sempre fiquem, que aconteçam mais vezes infelizmente a violência acaba tirando o brilho e sendo o ponto negativo da história. (Depoimento de um dos sujeitos sociais que participaram da entrevista com Grupo Focal realizada em 14/02/2014.

As respostas para esse questionamento causaram reações diferenciadas, pelo fato dos entrevistados terem vivenciado momentos distintos nas torcidas organizadas de Campina Grande. Para os mais velhos as presentes torcidas acumulam mais momentos positivos, contudo os mais novos que observaram e até mesmo vivenciaram a torcida, pensam que a violência encobriu todas essas boas ocasiões proporcionadas por estes segmentos. Houve certa exaltação de ânimos, tendo em vista que os mais velhos presentes na EGF questionaram o fato do momento cronológico a que os outros entrevistados se reportaram não condizer apenas com fatos negativos apresentados pelos mais novos, dessa forma temos a seguinte fala do torcedor do campinense:

Infelizmente não é? Sempre briga. A gente vê morte, morte até de colegas, amigos, pessoas que estudaram comigo, briga entre eles mesmos, assim e você não pode fazer nada. Vê perto de casa lá, vê muito isso, é briga de torcida, às vezes amigos de infância perde a amizade por conta de Torcida Organizada, negócio que não tem nada a ver. Só o que marca mesmo é mais isso. As ações sociais é bom, mas o que marca mais é briga, morte. Pontos positivos é isso, é ações sociais, mas é se você foi pegar hoje em dia no youtube é muito difícil ter uma filmagem de torcida distribuindo brinquedos, doando sangue, vai ver mais as torcidas brigando, até morte mesmo. (Depoimento de um dos sujeitos sociais que participaram da entrevista com Grupo Focal realizada em 14/02/2014.

As músicas foram outro tema abordado na entrevista. Foi percebido um consenso geral dos participantes no entendimento de que as músicas cantadas e coreografadas pelas torcidas organizadas de Campina Grande são dignas de repúdio. Para todos os participantes da entrevista, as composições são veículos de apologia à violência, pois suas letras são de incentivo à práticas ilícitas como: fumar maconha, roubar e matar.

O fato de não serem músicas de boa qualidade e desviarem a verdadeira função da torcida organizada, que é torcer, não mostra ou caracteriza nenhum incentivo. Na maioria dos estádios de futebol brasileiros, temos uma presença marcante de crianças torcedoras e apaixonadas por seus respectivos clubes, contudo estes garotos e garotas acabam presenciando, nas músicas das torcidas organizadas, atos violentos presentes nos diversos tipos de composições, impostos pelos torcedores organizados.

Para os torcedores de ambos os clubes da cidade, durante o clássico Treze e Campinense só há incitação à violência, uma vez que há músicas que estimulam a violência dentro da própria torcida, pois é necessário fazer parte da coreografia e dos gritos, em que ocorrem constantes ameaças nas letras das músicas.

Para pensarmos nas músicas das torcidas organizadas de Campina Grande é necessário que analisemos os palavrões presentes nas composições que, por sinal, são constantes nas letras das músicas, tudo isto aliado a uma reprodução das músicas de times do Sul do país, fato este que denuncia a não presença de nenhum tipo de criatividade em seu arranjo (Quadro 5), segue o exemplo na tabela abaixo:

<b>QUADRO 5-MÚSICAS COM PALAVRÕES DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DE CAMPINA GRANDE</b>	
<b>MÚSICA DA TORCIDA ORGANIZADA FACÇÃO JOVEM</b>	<b>ANÁLISE</b>
PORRA, CARALHO, BANDO DE CUZÃO QUEM MANDA NESTA PORRA É A TORCIDA FACÇÃO...	Como podemos observar, os palavrões são constantes na letra da música ao lado, assim como a demonstração de poder explícita na rima.
<b>MÚSICA DA TORCIDA ORGANIZADA JOVEM DO GALO</b>	<b>ANÁLISE</b>
A JOVEM ARREIA, O PAU, NOS CUZÃO DA CAPITAL! A BOMBA GOROU! A CAVEIRA SE ARREGOU! VAI TOMAR NO CÚ BIXAS DO BOTAFOGO!	Observa-se que além dos palavrões contidos na letra a prática da violência também está aparente nesta música. Nota-se que as práticas violentas não são apenas entre torcidas da mesma cidade, pois a música ao lado apresenta incitação à agressão contra a Torcida Organizada Jovem do Botafogo, também da Paraíba.

CANTADAS POR AMBAS TORCIDAS	ANÁLISE
NO BICO DO BEIJA-FLOR TEM A FLOR TEM A FLOR! EM TODA FAUNA FLORA SEJA DE AMOR! QUEM SEGURA O PORTE ESTANDARTE TEM A ARTE TEM A ARTE! NO QUE PASSA COM RAÇA ELETRÔNICO MARACATU ATÔMICO! A JOVEM ARRÊA! ARRÊA! ARRÊA... ARRÊA... ARRÊA!	No caso desta música, que é cantada por ambas as torcidas de Campina Grande, esta é cantada pelas torcidas organizadas do Estado de Pernambuco, também estimulando a prática da violência.
<b>Quadro 5: Músicas acessadas em 02/02/2014 e disponíveis em:</b> <a href="http://faccuojovem2003.blogspot.com.br/2012/02/musicas-e-cancoes.html#.UxieNc70nNU">http://faccuojovem2003.blogspot.com.br/2012/02/musicas-e-cancoes.html#.UxieNc70nNU</a> <a href="http://www.flogao.com.br/torcidajovemdogalo">http://www.flogao.com.br/torcidajovemdogalo</a>	

No decorrer desta etapa da entrevista, os participantes demonstraram-se participativos e concordantes com a opinião dos demais, isto se deu, pelo fato de se tratar de um tema relevante para todos e por não concordarem com as palavras contidas nas músicas das torcidas organizadas de Campina Grande.

Outro aspecto marcante no que se refere aos reflexos das ações das torcidas diz respeito à mobilidade. Diante dessa investigação, foi possível perceber que um dos principais agentes que influenciam na mobilidade urbana em dias de jogos entre Treze e Campinense são os arrastões que mediante sua disposição nas ruas, comprometem o tráfego de pedestres e veículos. De acordo com o ex-presidente da Torcida Fação Jovem, no início da fundação das torcidas, os torcedores organizados iam pelas ruas comportadamente. Outro ponto a ser discutido está na realização de carreatas, que afetam significativamente o trânsito. Nesse cenário, o dia de clássico dos maiores é marcado como um dia tenso no urbano.

O transporte público tem seu número diminuído para circulação, ônibus lotado, demora para sair do estádio, arrastões, grande quantidade de torcedores ocupando as ruas, são pontos que necessitam de uma constante discussão por parte dos poderes públicos, levando em consideração o fato de que a mobilidade se torna zero por cento nesta data. Esta afirmativa ficou bem evidenciada na fala de um dos entrevistados ao observar as dificuldades de ir de carro ao estádio tendo que sair da residência até quatro horas antes da partida, especialmente nos casos em que o deslocamento se efetiva através de transporte público. Nestes casos, o terminal de integração se transforma num espaço de risco por se tornar uma potencial zona de conflito entre torcedores.

Diante deste contexto, ainda se poderia citar o fato de no início e no fim de todas as partidas entre os maiores há sempre torcedores dispersos nas ruas, protagonizando confrontos, inexistindo fiscalização e regularização do trânsito nas imediações do estádio, fazendo com que torcedores e carros se aglomerem nos arredores do estádio Amigão.

Nesta pergunta, os entrevistados apresentaram-se com aspecto de receio em relação à temática proposta, pois o meio de transporte utilizado por eles se diferencia significativamente e alternando-se respectivamente, desta forma, aumentando o grau de desconforto nas respostas de alguns.

No que se refere à relação entre os setores envolvidos, a polícia é mal qualificada e preparada para lidar com diferentes situações em dias de partidas. Tal fato está igualmente associado ao péssimo atendimento proporcionado pelos transportes públicos, às precárias condições nas dependências estruturais do estádio Amigão, palco do clássico.

Para reforçar este intenso discurso, os torcedores ainda afirmam que há um constante descaso da Federação Paraibana de Futebol Profissional (FPF) e do Ministério Público com as ações envolvendo os torcedores comuns e organizados, pois sempre existem brigas entre polícia e ambos os tipos de torcedores, tudo isso aliado a má relação existente entre clube e torcida organizada, que por sua vez não é das melhores.

Durante as colocações para esta temática, os entrevistados exaltaram os ânimos ao apresentarem suas opiniões em relação aos órgãos envolvidos com os jogos entre Treze e Campinense, pois ao demonstrarem sua indignação com os setores que promovem as partidas, alteraram a voz e fizeram uma espécie de protesto em relação ao principal órgão fomentador do futebol profissional no Estado da Paraíba, a Federação Paraibana de Futebol (FPF), como é possível perceber na seguinte fala:

Polícia não tem qualificação pra lidar com isso, eles tentam, mas banalizam tudo e o clube também. O clube quer que o torcedor vá a campo, mas não quer saber como eles estão. Até Federação, Ministério Público não tão nem aí. Quer saber de dinheiro que tá entrando pra eles a gente vê. Já tive em campo, já vi muita briga, polícia bater em quem não tem nada a ver, até porque tá com medo, mas não tem nada a ver, e quando chega lá, bota todo mundo num “comboio” só, como se fosse todo mundo da mesma “laia”. A gente sabe que muita gente tá ali pra ver o time, tem gente que fica de costas pro jogo e incentivando os outros e quando a polícia fala que tem isso dentro das torcidas, mas não faz nada pra coibir. (Depoimento de um dos sujeitos sociais que participaram da entrevista com Grupo Focal realizada em 14/02/2014.

Outro tema debatido esteve relacionado à análise da geograficidade das práticas dos torcedores vinculados às torcidas organizadas. Levando em consideração o fato de que a cidade de Campina Grande está dividida em quatro (04) Zonas Geográficas, sendo elas: Norte, Sul, Leste e Oeste. Os torcedores identificaram que cada uma destas zonas da cidade possui seus “bondes”, que são agrupamentos compostos por torcedores organizados, assim cada uma destas possui sua

característica diferencial em relação à quantidade de torcedores de ambos os clubes, em síntese, cada zona possui seu grupo de torcida, que não foi possível citar por conta de sua grande quantidade de torcedores.

Diante desta ideia, foi possível identificar através da fala do torcedor do Campinense Clube que os bairros do São José e Liberdade possuem mais torcedores do Treze e o bairro do José pinheiro possui mais torcedores do Campinense. Portanto, esses torcedores organizados se reúnem entre si na sua respectiva zona e saem em arrastão para o estádio, para evitar confrontos a polícia é acionada e realiza a escolta destes torcedores organizados.

Na realidade, em dia de clássicos, cada um vem com sua, como chama os “bondes” das suas áreas, Zona Oeste, Zona Leste, Zona Sul e cada um tem seu grupo e eles se juntam e saem, ou vem pra sede, no caso, e sai de “arrastão”, o que realmente acontece e vai a escolta da polícia e vai pro outro setor já pra evitar confronto com o caso, como seria com a torcida do campinense. Mas é basicamente isso aí cada setor da cidade tem seu foco, tanto de um lado como do outro, não tem específicos, onde aqui tem mais ou aqui tem menos. Cada zona da cidade tem seu foco do campinense ou foco do Treze. (...) A gente vê mais assim, por zona. Hoje em dia cada zona tem seu grupo de torcida e se, se encontram é briga. São José e Liberdade, que eu já conheço bem. Ficam muitos torcedores do Treze “pela aquelas banda”, ai vem “Zé pinheiro”, torcedor do Campinense, o cara vê mais. Zona Leste. (Depoimento dos sujeitos sociais que participaram da entrevista com Grupo Focal realizada 14/02/2014.

A reação dos entrevistados durante esta pergunta foi positiva, mesmo alguns não se pronunciando.

Outro tema debatido esteve relacionado à influência das torcidas organizadas na consolidação da identidade do torcedor. Baseando-se na fala dos entrevistados da EFG, a participação e integração na torcida organizada trata-se de uma forma de aquisição de respeito e forma de se destacar entre os demais torcedores e ter ideologia para enfrentar qualquer tipo de situação.

Outro ponto na consolidação da identidade está no fato de tatuar o próprio corpo, pois segundo alguns pesquisados as tatuagens demonstram respeito e ocasionam conflitos dentro e fora do estádio. Manter o maior contato com as torcidas de fora, utilização das vestimentas da torcida organizada ou não e o fanatismo como consolidação da identidade do torcedor.

As torcidas organizadas servem como veículos de identificação para impor medo e respeito mediante a marca da própria torcida. A idade também é um fator determinante para a caracterização dos torcedores organizados por parte dos adversários, tendo em vista que a faixa etária faz com que os adversários classifiquem o torcedor comum como torcedor organizado.



Alguns participantes não se pronunciaram no momento da discussão sobre identidade, no entanto, entre os demais não houve nenhuma surpresa negativa. Suas falas remeteram-se a aspectos vivenciados durante o “clássico dos maiores”, como por exemplo:

Pra identificar que ele é da linguagem “Vida Loka” e identificar que ele tem coragem e mostrar pra todo mundo, pra seus rivais que ele possui aquela marca de torcida, levando “encarreadamente”. Eu que preciso o cara ter muita coragem pra chegar a esse ponto de identificação. Eu acho que determina muito a questão da idade, não é obrigado porque eu sou jovem, tenho 20 anos, não participo, não sair de torcida organizada, mas eu torço pelo meu clube, mas dá entender que se você tá perto você é um integrante, pela questão da faixa etária de idade. (Depoimento de um dos sujeitos sociais que participaram da entrevista com Grupo Focal realizada em 14/02/2014.

No que se refere a eventos que marcaram a rivalidade entre as torcidas, houve o entendimento de que os integrantes das TO não absorveram a verdadeira essência da torcida organizada, pois nas grandes capitais, as diretorias das torcidas organizadas realizam reuniões entre si e pregam a prática da não violência entre torcedores adversários, o que acontece de maneira diferente em Campina Grande, como citado em um dos discursos, as torcidas locais não se dão bem e esse travamento de batalhas inicia-se por parte de quem deveria evitar isto ao máximo, as diretorias.

A rivalidade começou e ainda continua por conta das alianças com outras torcidas organizadas. Para o torcedor do treze, há confusão na interpretação do que é realmente ser torcedor organizado, pois existem pessoas de pouca mentalidade moral, sentimental e social dentro das torcidas, nesse cenário, caracterizando o que os demais torcedores presentes também confirmaram como sendo um ponto crítico nas torcidas.

Quanto ao debate sobre estratégias para redução da violência urbana decorrente das práticas de torcedores, diversos depoimentos apontaram para a necessidade de ações mais eficientes. Para um dos entrevistados o entendimento é de que as torcidas organizadas deveriam ser tratadas como empresas, além deste entendimento ficou perceptível: a necessidade de Registro em cartório, apresentação de antecedentes criminais e registro dos membros como forma de controle; elaboração de meio de identificação; fiscalização do clube entre seus torcedores; realização de um fórum que debata questões pertinentes ao assunto, e por fim, reunião que contenha representantes dos órgãos responsáveis de forma direta e indireta do “clássico dos maiores” objetivando a promoção de providências imediatas para os acontecimentos que envolvem corriqueiramente as torcidas organizadas de Campina Grande.

Cabe ressaltar que alguns não se pronunciaram, entretanto, os participantes que falaram se colocaram de forma espontânea e contribuinte, tendo em vista a real situação em que as torcidas

organizadas de Campina Grande acabam prejudicando de todas as formas os torcedores não organizados.

Finalmente, quando indagados a respeito do futuro das torcidas, os entrevistados se demonstraram preocupados com o destino destas. Apresentaram suas visões acerca do futuro das agremiações, assim percebeu-se certa angústia nas falas dos entrevistados, que deixaram transparecer seus carinhos pelas torcidas organizadas ao discorrerem as seguintes ideias: “Não irá acabar, porém os eventos proporcionados por estes segmentos serão ruins”, “um dos pontos negativos da torcida organizada é a má administração”, “Por causa dos eventos negativos, as torcidas terão um futuro bem desgastado”, “Os órgãos de segurança e os clubes devem tomar providências” e “Se não houver uma administração, as torcidas organizadas de Campina Grande virão a falência”.

Perante as ideias apresentadas pelos entrevistados na EGF foi possível descrever, compreender e analisar os anseios dos envolvidos de forma direta e indireta com as torcidas organizadas e suas práticas. Ir ao estádio é um direito de todo cidadão, escolher para que clube de futebol torcer também é, contudo a violência está privando muitos de presenciarem verdadeiras festas e espetáculos proporcionados pelas torcidas, organizadas ou não. Vale destacar que a violência não é uma ação exclusiva do segmento torcida organizada, pois diversos acontecimentos extracampo contribuem para o “afloramento dos nervos”, como sempre é possível afirmar, seja em dias de jogos ou não.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do presente trabalho percebeu-se que o segmento torcida organizada modifica temporariamente a dinâmica do espaço em que está inserido e reproduz sensações de medo dentro e fora dos estádios de futebol, o que não é diferente na cidade de Campina Grande. Em dias de partidas envolvendo Campinense Clube e Treze Futebol Clube as ruas de acesso ao estádio Governador Ernani Sátilo (O Amigão) ficam tomadas de torcedores de ambos os clubes, o que provoca significativas mudanças nos percursos e nas paisagens urbanas temporariamente

Constatou-se que a violência gerada por esses segmentos na cidade é motivada pela intensificação da rivalidade incorporada às alianças com outras torcidas organizadas dentro e fora do Estado da Paraíba, pois foi possível observar na fala de alguns entrevistados, as situações às quais o torcedor considerado comum tem de enfrentar durante as partidas envolvendo as equipes de Campina Grande a até mesmo com times que não são de Campina Grande

Foi possível identificar que a composição das torcidas organizadas de Campina Grande se faz em sua maioria por jovens, das mais diferentes faixas etárias, classes sociais e de diferentes localidades da cidade, uma vez que estes se reúnem para organizar as ações e deliberar atos utilizando o nome da respectiva torcida.

Vale destacar que a legislação em vigor prevê como crime práticas irregulares provenientes de torcidas organizadas sendo passíveis de condenação criminal e pena de reclusão, no entanto, algumas contrapartidas na tentativa de livrar as torcidas organizadas da fama ruim adquirida estão sendo desenvolvidas na forma de ações e benefícios sociais, tais como doação de sangue, entrega de brinquedos, cestas básicas, remédios, entre outros às populações mais carentes.

Percebeu-se também que os torcedores organizados ao participarem da torcida organizada são capazes de inúmeros atos ilícitos para se tornarem respeitados e auto afirmarem sua identidade com a agremiação, como por exemplo, tatuando símbolos das torcidas em seus próprios corpos e andarem pelas ruas portando, na maioria das vezes, os uniformes característicos das torcidas organizadas.

Pensar as práticas espaciais das torcidas organizadas é fazer Geografia, uma vez que ao se articularem e promoverem arrastões, os torcedores ocupam o espaço e materializam territorialidades, tendo em vista o fato de que naquele determinado período de tempo a localidade pertence à uma das torcidas e o torcedor adversário que cruzar aquele determinado local estará sujeito às ações do outro grupo.

No que diz respeito ao debate a propósito de estratégias para amenização das práticas violentas no urbano, os depoimentos dos entrevistados abrangeram de forma bastante significativa a necessidade da promoção de ações preventivas envolvendo o universo das torcidas organizadas em Campina Grande. Desse modo, é de extrema valia nos reportarmos aos dizeres dos participantes do grupo focal ao afirmarem que as torcidas organizadas deveriam e devem ser tratadas como empresas, assim havendo também a necessidade de Registro em cartório, antecedentes criminais, meios de identificação, fiscalização do clube e realização de um fórum reunindo representantes dos órgãos responsáveis de forma direta e indireta pelo “clássico dos maiores” debatendo questões pertinentes ao assunto.

Outro ponto importante a ser destacado diz respeito ao futuro das torcidas organizadas de Campina Grande, tendo em vista que esse segmento vem perdendo, cada vez mais, aceitação na sociedade campinense. Algumas pessoas demonstram-se preocupados com o futuro destas e entre tantos pontos negativos transparecidos no presente trabalho destacam-se os fatos de que os eventos proporcionados por estes segmentos serão ruins e promoverão violência, uma vez que a má administração e as péssimas providências por parte dos clubes e órgãos de segurança pública, leva à constante perda de controle da situação em muitos casos.

Finalmente, foi possível perceber que os objetivos traçados foram alcançados e possuem desdobramentos para futuros trabalhos na pós-graduação. Espera-se que as torcidas organizadas deixem de ser vistas apenas como um problema social, tanto pelos órgãos públicos, como pela própria sociedade civil e obtenham de volta o prestígio que a fez surgir e que sempre abrilhantou o espetáculo do futebol paraibano: o incentivo aos clubes, desta forma, passando a estabelecer uma relação comunitária à base de ações positivas formando-se veículos de promoção ao bem estar social e o mais importante: a promoção da paz nos estádios de futebol em todo o Brasil, fazendo da prática futebolística o grande espetáculo que sempre foi.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aldo Antônio de (Org.). **Torcedores, Mídia e Políticas públicas de Esporte e Lazer no Distrito Federal**. – Brasília: Thesaurus, 2008.

BRASIL. **Censo Demográfico Brasileiro. Rio de Janeiro**: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. IBGE. 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.

COSTA, Antônio Albuquerque da. **Sucessões e coexistência do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico-científico-informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia\Centro de Filosofia e Ciências Humanas\Universidade Federal de Pernambuco – PPGEO\CFCH\UFPE, Recife, 2003.

DIAS, Alfrancio Ferreira. **Dos estudos culturais ao novo conceito de identidade**. - Itabaiana: Gepiadde, Ano 5, Volume 9 | jan-jun de 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. Ed. Ver ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FRANZ, M. L. Von. **O processo de individuação**. In: O Homem e seus Símbolos. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade. 8 ed.- Rio de Janeiro**: DP&A, 2003.

JUNG, Carl g. **Chegando ao Inconsciente**. In: O Homem e seus Símbolos. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

EUFRÁSIO, Marcelo Alves Pereira. **História do direito e da violência: recortes de uma abordagem interdisciplinar**. - Campina Grande: EDUEPB, 2009.

LEFÉVRE, Fernando & LEFÉVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Princípios básicos e conceitos fundamentais do discurso do sujeito coletivo**. IN: O discurso do Sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa. - Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003.

MEDEIROS. Mario Vinicius Carneiro. **Treze Futebol Clube: 80 anos de história**. – João Pessoa: União, 2006.

MOSCOVICI, Serge. **La Psychanalyse, son image et son public**. Paris: P.U. F, 1976.

MURAD, Mauricio. **A violência no futebol**. – São Paulo: Saraiva, 2012.

OLIVEIRA, Júlio César Mélo de. **Campina Grande: a cidade se consolida no século XX**. Monografia (Graduação em Geografia). - João Pessoa - PB. UFPB, 2007.

PEREIRA, Suellen Silva. **Reflexões sobre o Processo de Urbanização e a Necessidade de Gestão Ambiental: O Caso dos Resíduos de Serviço de Saúde da Cidade de Campina**

**Grande/PB.** REUNIR – Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade – Vol. 2, no 1, p.87-103, Jan-Abr/2012.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Violência entre torcidas organizadas de futebol.** São Paulo em perspectiva, 14(2) 2000.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Geografia e Violência Urbana.** In: Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa. – São Paulo: contexto, 2002.

SÁ, Marisa Braga de. **A Paisagem Recriada: um olhar sobre a cidade de Campina Grande.** In: Imagens multifacetadas da história de Campina Grande. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande, 2000.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza & ALMEIDA, Leda Maria de (org.). **A Teoria das Representações Sociais.** IN: Diálogos com a teoria da representação social. – Ed. Universitária da UFPE, 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço.** 4ª Ed. –São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia do futebol.** - São Paulo: Annablume, 2004.

SEARLE, John R. **Intencionalidade.** -2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SILVA, Josefa Gomes de Almeida e. **Raízes Históricas de Campina Grande.** In: Imagens multifacetadas da história de Campina Grande. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande, 2000.

SOUSA, Marcelo Lopes de. **O território: Sobre espaço e poder autonomia e desenvolvimento.** In: Geografia: conceitos e temas. –Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOUZA JÚNIOR, Xisto Serafim de Santana de. **A análise do discurso como estratégia na identificação das intencionalidades e práticas espaciais dos movimentos sociais urbanos de João Pessoa-PB.** In: Geografia e Pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação. – Uberlândia: Assis, 2009.

THIOLLET, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** -6.ed.-São Paulo: Cortez, 1994.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de futebol.** – Campinas, SP: Anpocs, 1996.

VÍCTORA, Ceres Gomes. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema.** – Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

<http://museudoesportedecampinagrande.blogspot.com.br/2011/08/historia-do-campinense-club.html>. Acesso em 03/01/14. Às 08:30 min.

<http://cgretalhos.blogspot.com.br/> Acesso em 03/01/14. Às 08:30 min.

**<http://trezefc.com.br/secao.php?id=4>** Acesso em 03/01/14. Às 08:30 min.

**<http://www.trezegalo.xpg.com.br/historia.html>** Acesso em 03/01/14. Às 08:30 min.

**[http://blogdocampinense.blogspot.com.br/2012/09/historia-do-campinense-clube.html#\\_](http://blogdocampinense.blogspot.com.br/2012/09/historia-do-campinense-clube.html#_)**  
Acesso em 03/01/14. Às 08:30 min.

**[www.campinenseclube.net/](http://www.campinenseclube.net/)** Acesso em 03/01/14. Às 08:30 min.

**<http://www.organizadasbrasil.com/parceiros.php>**. Acesso em 24/11/2013.

## APÊNDICES



**APÊNDICE 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO APLICADO DURANTE A ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL**

**Universidade Federal de Campina Grande**

**Centro de Humanidades**

**Unidade Acadêmica de geografia**

CAAE: 13297913.0.0000.5182

CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**ESTUDO: Entre o simbólico e o Real: um olhar geográfico das práticas territoriais das torcidas organizadas Facção Jovem e Jovem do Galo na cidade de Campina Grande-PB**

*Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa de Conclusão de Curso que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.*

Eu, \_\_\_\_\_, profissão

\_\_\_\_\_, residente e domiciliado na \_\_\_\_\_

portador da cédula de identidade (RG) \_\_\_\_\_, e inscrito no CPF/MF

\_\_\_\_\_, nascido(a) em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_, abaixo

assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo “**Entre o Simbólico e o Real: um olhar geográfico das práticas territoriais das torcidas organizadas Fação Jovem e Jovem do Galo na cidade de Campina Grande-PB**”.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas, estando ciente que:

O estudo tem finalidade acadêmica e busca identificar as práticas territoriais de torcidas organizadas de futebol da cidade de Campina Grande-PB;

A participação neste projeto não tem objetivo de denegrir minha imagem sendo o destino das informações por mim fornecidas utilizados para fins acadêmicos como publicações e apresentações em eventos científicos;

Estou ciente do procedimento metodológico adotado nesta pesquisa e, em caso de dúvidas quanto a finalidade do mesmo, tenho todo o direito e autonomia de não autorizar o uso das informações fornecidas;

Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;

A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico;

Os resultados obtidos durante este ensaio serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em atividades científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados, exceto quando for por mim devidamente autorizado;

Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados; ao final desta pesquisa através de arquivo digital fornecido pelo pesquisador.

Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Autorizo o uso de gravador na condição do áudio ou a transcrição do conteúdo não seja utilizado para finalidades que não sejam acadêmicas, exceto quando o pesquisador solicitar a minha aprovação pessoal;

Com relação a captura de imagem através de filmadora ou outro instrumento similar:

Não autorizo

Autorizo na condição de que o material não seja de domínio público;

Autorizo sem restrições

Com relação a captura de imagem através de máquina fotográfica ou outro instrumento similar:

Não autorizo

Autorizo na condição de que o material utilizado seja normatizado segundo as orientações da ABNT e que não exista indicação do meu nome, excerto quando for por mim devidamente permitido;

Autorizo sem restrições

XI Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/HUAC, do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital Universitário Alcides Carneiro, ao Conselho Regional de Medicina da Paraíba e a Delegacia Regional de Campina Grande.

Campina Grande, de de 2013

Sujeito pesquisado:.....

	TESTEMUNHA 1	TESTEMUNHA 2
NOME		
RG		
TELEFONE		

**Responsável pelo Projeto:** \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior, Matrícula SIAPE 1770425

**Universidade Federal de Campina Grande**  
 Unidade Acadêmica de Geografia  
 Rua Aprígio Veloso, 882, Cidade Universitária  
 Campina Grande-PB, 58429-140

**Telefone para contato: 83. 99407075/ xtojunio@yahoo.com.br**

## APÊNDICE 2: ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA COM GRUPO FOCAL

### UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE Unidade Acadêmica de Geografia Curso de Licenciatura em Geografia

Estudante-Pesquisador: Jefferson Oriente da Silva

Título da pesquisa: Entre o Simbólico e o Real: um olhar geográfico das práticas territoriais das torcidas organizadas Facção Jovem e Jovem do Galo na cidade de Campina Grande-PB

Orientador: Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior.

Declaro a quem interessar que as informações contidas nesse questionário serão de uso exclusivo para o trabalho de conclusão de curso que desenvolvemos junto ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da UFCG.

#### Nota Técnica

O Presente roteiro de entrevistas segue as orientações do Comitê de ética em Pesquisas com seres humanos (CEP/UFCG), ao qual foi devidamente submetido (CAAE: 13297913.0.0000.5182) e segue as orientações do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e as orientações do regimento para organização de Trabalho de Conclusão de Curso da Unidade Acadêmica de Geografia da UFCG. As informações decorrentes da realização dessa entrevista serão utilizadas única e exclusivamente para fins acadêmicos.

#### TÓPICO-GUIA

11. Fale um pouco sobre a história da torcida organizada na cidade de Campina Grande.
12. Torcida Organizada e inibição do torcedor considerado “comum”: mito ou fato?
13. Parcerias entre torcidas organizadas de outros Estados: obstáculos e benefícios.
14. Fale sobre a influência das torcidas organizadas no espaço urbano de Campina Grande.
15. Relate sobre fatos que marcaram a participação da Torcida Organizada na cidade de Campina Grande.
16. Comente sobre as músicas das torcidas e a violência: mito ou fato?
17. O impacto da torcida organizada e sua influência na mobilidade urbana de Campina Grande.
18. A polícia, os torcedores, os clubes e as torcidas: comente sobre a relação desses segmentos identificando eventos que marcaram esta relação;
19. Territórios e torcidas: o dinamismo em dia de “Clássico dos Maiorais”.
20. O papel das torcidas organizadas na consolidação da identidade do torcedor.
21. Fale um pouco sobre os eventos que se destacaram por marcar a rivalidade entre as torcidas organizadas.
22. Qual seria a solução para o eventos trágicos envolvendo torcidas organizadas?
23. Comente sobre o futuro das torcidas organizadas em Campina.

### APÊNDICE 3- ANÁLISE DE DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)<sup>9</sup>

1-FALE UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DA TORCIDA ORGANIZADA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE.		
EXPRESSÕES-CHAVE (ECH)	IDEIAS CENTRAIS (IC)	ANCORAGEM (AC)
<p><b>1-KLEBER:</b> Bem quando começou né? Eu participei da Torcida Facção, fui presidente, mas o pessoal que aqui está sabe que nunca idolatrei torcida, certo? Participo porque gosto, hum...não é porque coisa “A” ou coisa “B” que venha, mas que a torcida foi criada, eu era de outra torcida, todo mundo sabe quando foi criado a Facção eu era da “Fúria”, e apesar de ter o nome de Fúria “num” trouxe nenhum risco a nenhum torcedor, é, pelo contrário, ela era a Fúria mais calma que eu já vi na face da terra, a gente era só pra dar incentivo, apoio né? E sempre abrilhantar as arquibancadas. [...] Agora se chegou a um tal ponto, eu acho que começou a partir do momento dessa história de aliados, certo? [...] quando eu fundei a própria torcida que teve também a BAD BOY, tinha a TORA, tinha a TOF né? a gente tinha o prazer de vestir uma camisa e dizer, não, eu sou da Torcida Organizada do Campinense, que a gente via que era uma torcida que a ideologia, porque eu não sei qual é que muitos hoje falam em ideologia dentro da torcida organizada: [...] As torcidas são acabadas! Pra falar a verdade, essas torcidas hoje não existem, tem só o nome: Facção, de um lado Campinense e Jovem do lado do Galo, mas não existe, me diga aqui se tiver algum integrante da Jovem, o que é Jovem hoje? O que é Facção? Se existe qual ajuda que vem pra dentro do</p>	<p>A torcida Organizada Facção Jovem derivou-se da Torcida Organizada Fúria Rubro Negra do Campinense Clube.</p> <p>Início da violência nos estádios de Campina Grande por conta da aliança entre torcidas.</p> <p>Prazer em vestir a camisa da Torcida Organizada.</p> <p>As torcidas organizadas hoje não existem mais por conta da violência.</p>	<p>Em seu surgimento, as torcidas organizadas de Campina Grande possuíam muitos adeptos porém, a violência afastou uma grande parcela dos indivíduos.</p>

<sup>9</sup> As cores apresentadas demonstram uma sequência lógica de identificação das ideias centrais de cada expressão-chave.

<p>clube? Não vem tá entendendo? Hoje digo sem medo de um lado, sem medo de um outro, nem do Treze nem do Campinense, é meia dúzia de “maloqueiro” de um lado meia dúzia de “maloqueiro” do outro, e essa meia dúzia de “maloqueiro” do lado e meia dúzia de “maloqueiro do outro é o que tá destruindo certo? As torcidas.</p>		
<p><b>2-FRANCISCO:</b> É parecido assim também, porque quando eu fui convidado a participar da torcida, na realidade foi pra, a gente achava bonito e sentia a necessidade de que, a gente ia pro estádio. A torcida do Treze já é conhecida como uma torcida que não é muito vibrante, que o pessoal fica mais parado, uma torcida, assim que tinha muitos senhores também. [...] Aquilo ali foi agregando as pessoas que não gostavam daquele negócio parado no estádio. Então aquelas pessoas foram se chegando e ali foram formando certo? E realmente naquela época era uma torcida mesmo, porque tinha uma diretoria que cada um tinha suas funções, a minha função era diretor de material. Eu passei dois anos fazendo material pra torcida, até hoje tenho contato com fornecedores. Realmente dava gosto de ver. [...] Então quer dizer, chegou ao ponto numa época, como eu falei, que a torcida Jovem, no auge mesmo, ela chegava a vender mais camisas que o próprio Treze, o pessoal comprava mais camisa da torcida Jovem. A gente já chegou a fazer remessa de quatrocentas camisas, tá entendendo? E vendia rápido, a gente tinha um caixa legal. Depois foi a torcida, foi tumulto organizado e infelizmente até as pessoas meio que se aproveitaram e deram desfalque</p>	<p>■ A torcida foi criada por uma necessidade de apoio ao clube.</p> <p>■ As pessoas que foram se envolvendo com a torcida organizada não gostavam de ficar parados no estádio.</p> <p>■ No momento da fundação realmente era uma torcida.</p> <p>■ Houve um época em que a torcida estava no auge e vendia mais camisas que o clube.</p>	

<p>na torcida e mais, eu queria que a torcida não acabasse, certo? Agora da forma que está hoje, eu não quero ver meus amigos Morrendo.</p>		
<p><b>3-NETO:</b> Quando eu comecei a ir pro estádio, não tem muito trezeano na minha família, meu pai era trezeano e mesmo assim me levava. <b>Ai eu ia mais pra “sombra”, era no tempo da Raça Jovem, eu ia quando era criança, pintava o rosto. Você torcer, você tá no meio de torcida organizada naquele tempo ainda era você ser um torcedor muito fervoroso.</b> Depois eu comecei a ir com os amigos, <b>a gente ia mais pra “geral” e foi quando começou a surgir a Facção, aí a gente ia tudo pra Facção, ficava lá pulando e tal. [...] Sabia que era bom, era vibrante, mas dentro do campo, dentro do estádio, agora fora havia muita intolerância entre as duas torcidas,</b> tenho muitos amigos rivais e eles mesmos falavam, mesmo você tendo só a camisa do Campinense às vezes eles mesmo assim partiam pra agressão. Eles iam de torcida organizada, isso ai foi afastando. Então às vezes que eu vou pro jogo, pra clássico sem a camisa do Campinense, até por isso mesmo, dependendo de ônibus e só, ai vai afastando mais.</p>	<p><b>A</b> torcida organizada Raça Jovem agregava torcedores na arquibancada sombra.</p> <p><b>A</b> torcida Facção Jovem surgiu na arquibancada geral e de forma vibrante atraiu adeptos.</p>	
<p><b>4-KAIO:</b> Eu comecei a ir pro estádio, na minha vaga lembrança quem me levava era meu pai nos meus cinco ou seis anos. Passou um certo tempo eu não frequentava mais o estádio, mas eu já tinha meu time de coração. A partir daí eu comecei a torcer pelo Treze e a partir dos quatorze anos ou quinze eu comecei a ir só pro estádio. <b>A torcida Jovem e a Facção já</b></p>	<p><b>As</b> torcidas organizadas Facção Jovem e Jovem do Galo, em tempo de auge, possuíam muitos adeptos e vendiam mais camisas que os seus respectivos clubes.</p> <p><b>A</b> aliança entre torcidas promoveu a ruptura da ideia de torcida por conta da violência proporcionada.</p>	<p>Em seu surgimento, as torcidas organizadas de Campina Grande possuíam muitos adeptos porém, a violência afastou uma grande parcela dos indivíduos.</p>

<p>existia já e foi no tempo do auge, que era bonita a festa, tanto torcida Jovem como Facção o número de membros era muito grande e no histórico vendia mais camisas que o próprio clube. [...] . O espetáculo era show, só que com o passar do tempo, em questão de aliança eu acho que foi o que mais acabou com as torcidas, principalmente com as torcidas Jovem e Facção organizadas foi essa questão de aliança e rivalidade.</p>		
<p><b>5-ALEXSANDRO:</b> [...] eu ia pra campo, deixei de ir por conta dessa questão da violência e tenho vários amigos trezeanos e raposeiros que passaram por situações constrangedoras, chegando até a ir pro hospital. [...]Eu peguei um pouco da fala de Kleber e achei interessante quando ele falou que essa coisa das levas de torcedores marginais que “tão” infiltrados nas duas torcidas e da influência que vem das torcidas de fora, porque é o que se vê no futebol, principalmente do Eixo sul, que o que é bonito pra eles é a violência. Então essa influência veio de lá e prejudica o futebol, prejudica o esporte, o espetáculo, a torcida e principalmente os times, porque até a renda cai, porque eu gosto do Treze, sou trezeano e já fui até pra jogos do campinense, mas hoje eu não vou mais pra estádio porque eu prefiro preservar a minha integridade física.</p>	<p>■ Marginais infiltrados nas torcidas organizadas incentivando a prática da violência.</p> <p>■ Influência das torcidas organizadas do Sul e Sudeste nas práticas das torcidas organizadas locais.</p> <p>■ Não vai mais para o estádio por conta da violência proporcionada pelas torcidas.</p>	<p>Em seu surgimento, as torcidas organizadas de Campina Grande possuíam muitos adeptos porém, a violência afastou uma grande parcela dos indivíduos.</p>
<p><b>6-GUSTAVO:</b> Não se pronunciou</p>		

--



2-TORCIDA ORGANIZADA E INIBIÇÃO DO TORCEDOR CONSIDERADO “COMUM”: MITO OU FATO?		
EXPRESSÕES-CHAVE (ECH)	IDEIAS CENTRAIS (IC)	ANCORAGEM (AC)
<p><b>1-KLEBER:</b> Não, Não. Em nenhum momento. A briga deles vem já dos bares. Já vem já do esporte, já vem já. É o seguinte, tem um aqui que vai pro jogo e se encontra com fulano, ai briga, ai vai andando, é uma coisa insignificante, mas em momento algum certo? [...] Porque não, inibe não porque o negócio, torcedor comum já vem já de briga de bar, então em momento algum eles vão pra o torcedor normal, claro que se você for com a camisa do Treze, com a camisa do Campinense, com a camisa de torcedor normal, eles não vão mais pra cima né? E não vai com a camisa de torcida organizada porque já que sabe que alguém ali já aprontou alguma, já fez algum tipo de baderna e já tão, como se diz, “lapiado” nesses fatos.</p>	<p>■ Não inibe, porque as brigas já vêm de situações anteriores.</p> <p>■ Os torcedores organizados não se aproximam do torcedor normal.</p> <p>■ Usando as camisas normais dos clubes não tem problema.</p>	<p>A torcida organizada não inibe o torcedor comum, porém as práticas de violência vem proporcionando o afastamento dos torcedores.</p>
<p><b>2-FRANCISCO:</b> Não, eu acho que não inibe não. Que o torcedor comum gosta de festa mesmo, ele gosta de festa no estádio, porque aquele que é um cara mais comprometido, mas tem um torcedor mesmo, ele já foi jovem também e sente um pouco naquele momento que ele está também, certo? [...] O torcedor comum ele não se mexe, pode ir tranquilo, sem problema nenhum, não vejo por esse lado.</p>	<p>■ Não inibe, pois o torcedor comum gosta de festa no estádio.</p> <p>■ O torcedor comum pode ir tranquilo ao estádio.</p>	
<p><b>3-NETO:</b> É[...] Até certo ponto ainda inibe, é como Kleber “tava” falando, os mais velhos respeitam ele, o grupo da Jovem. Mas os mais novos que vão entrando nas torcidas e não tem essa certa tolerância e não sabem o que aconteceu nas raízes da torcida, a amizade que eles tinham, ai a intolerância é grande</p>	<p>■ Inibe os mais novos, pois os torcedores mais velhos são respeitados.</p> <p>■ Os torcedores mais novos na torcida não conhecem e não possuem tolerância com os adversários.</p>	

<p>ainda, até certo inibe ainda o torcedor comum.</p>		
<p><b>4-KAIO:</b> Eu acho que inibe, porque assim, Kleber já tá envolvido, já foi um dos presidente de uma das torcidas do Campinense, então ele tem mais conhecimento e mais tempo de futebol, a turma conhece mais ele. Só que nós jovens, é [...] quando vamos a campo ficamos com receio justamente por isso, porque hoje em dia pelo fato das torcidas organizadas serem de maioria de jovens, eles acham que nós podemos ser integrantes daquelas torcidas também,[...].</p>	<p>Os torcedores mais velhos são mais conhecidos e respeitados pelos adversários.</p> <p>O fato de ser um torcedor jovem acaba inferindo no fato do pertencimento à torcida organizada.</p>	
<p><b>5-ALEXSANDRO:</b> Acredito que sim, que a presença das torcidas e os fatos que acontecem, assim, inibe porque muitas pessoas como eu. Eu cheguei a deixar de ir principalmente quando é clássico. [...] Mas tem que ver por outro viés também, a questão de famílias que deixaram de ir pros estádios. Eu a primeira vez que fui pra estádio fui com meu pai, hoje meu pai não vai mais pra estádio por conta disso, conheço várias outras famílias que deixaram de ir por conta dessas atitudes, eu acredito que sim.</p>	<p>Os fatos que acontecem no estádio acabam inibindo os torcedores.</p> <p>As famílias estão deixando de frequentar o estádio.</p>	<p>A torcida organizada não inibe o torcedor comum, porém as práticas de violência vêm proporcionando o afastamento dos torcedores.</p>
<p><b>6-GUSTAVO:</b> Algumas vezes inibe sim, até porque como o pessoal falou né? Tem muito torcedor que ele não vai com a camisa, até por conta justamente dessas brigas de torcida que existe, mas eu acredito que inibe um pouco. [...] Mas eu acredito que inibe porque como a gente tá vendo essa violência nos estádios acabam, como ele próprio falou, acaba deixando de ir em clássico, tem gente que não vai mais e não vai mais pra jogo</p>	<p>Inibe, pois os torcedores não estão usando suas camisas dos clubes.</p> <p>A violência inibe os torcedores.</p> <p>Os torcedores não estão indo mais pra jogo algum.</p>	<p>A torcida organizada não inibe o torcedor comum, porém as práticas de violência vêm proporcionando o afastamento dos torcedores.</p>

algum, mas, infelizmente inibe um pouco, mas por isso que tem essa discussão em acabar com torcidas organizadas.		
--	--	--

### 3-PARCEIRIAS ENTRE TORCIDAS ORGANIZADAS DE OUTROS ESTADOS E ATÉ MESMO DA PARAÍBA: OBSTÁCULOS E BENEFÍCIOS.

EXPRESSÕES-CHAVE (ECH)	IDEIAS CENTRAIS (IC)	ANCORAGEM (AC)
<p><b>1-KLEBER:</b> Aliança, eu nunca enquanto presidente de torcida, eu vou usar até a linguagem, eu nunca dei moral sabe? Muitas as vezes os próprios integrantes achavam ruim porque vinham gente de outras torcidas de fora pra cá e na linguagem, eu nunca dei moral. Porque nunca concordei com isso. Cada Estado tem seu time e se a gente tem a opção de escolher. [...] Não existe, nenhum, o que é que vão trazer de futuro, de bom pra torcida? A não ser incentivo à violência? É a única coisa que eles traz. A ideologia deles é essa.</p>	<p>Os próprios integrantes não gostam de torcedores de fora.</p> <p>Cada Estado tem seu time e a opção de escolher.</p> <p>Não existe nenhum benefício, apenas incentivo à violência.</p>	<p>A aliança entre torcidas não traz nenhum benefício para as torcidas organizadas de Campina Grande e gera grande parte da violência.</p>
<p><b>2-FRANCISCO:</b> Realmente eu não vejo positividade nisso aí não pra eles, porque isso aí é feito, essa questão de aliança, questão de lado “A”, lado “B”, um lado socializa, o outro lado briga e por aí vai, mas eu não vejo nenhum benefício claro pra torcida. Como ele falou mesmo, na realidade os caras só tão importando o que não é bom, se fosse coisa benéfica o negócio “tava” lá em cima.</p>	<p>Não há benefício algum, somente brigas.</p> <p>Só há a importação de atitudes ruins</p>	<p>A aliança entre torcidas não traz nenhum benefício para as torcidas organizadas de Campina Grande e gera grande parte da violência.</p>
<p><b>3-NETO:</b> Positividade até hoje nada. Só rivalidade entre torcidas e influências mais ainda. Cada um tem o seu e o que vale é torcer pelo time de seu Estado. Como Kleber falou, eles vem influenciar coisas que aqui não existiam.</p>	<p>Há somente rivalidades e influências ruins.</p> <p>Cada Estado tem seu time e cada um deve torcer pelo seu.</p> <p>Há influências de ações que aqui não existiam.</p>	<p>A aliança entre torcidas não traz nenhum benefício para as torcidas organizadas de Campina Grande e gera grande parte da violência.</p>

<p><b>4-KAIO:</b> Só negatividade, pelo fato delas que começou essa guerra. Cada um, acho que cada um do seu Estado deve torcer para seu clube do seu Estado e deixar a outra torcida para lá. [...] vejo que esses outros Estados trouxeram a violência pra cá. Aí digamos que duelavam lado “A” contra lado “B”, não vejo nenhuma positividade.</p>	<p>A aliança como principal motivo de início da violência.</p> <p>Cada Estado tem seu Clube e cada um deve torcer pelo seu.</p> <p>As torcidas de outros estados trouxeram a violência no futebol para Campina Grande.</p>	<p>A aliança entre torcidas não traz nenhum benefício para as torcidas organizadas de Campina Grande e gera grande parte da violência.</p>
<p><b>5-ALEXSANDRO:</b> [...] eu vejo que não traz nada de benefício porque, essas torcidas que se aliam com torcidas da Paraíba, que é um estado muito menor. Elas procuram um local, pra quando elas vieram jogar aqui elas terem o apoio da torcida local pra proporcionar a violência que elas trazem. Só vejo isso, não vejo nada de positivo, não entendo como se dá essas alianças.</p>	<p>A paraíba é um Estado menor em relação aos demais vizinhos no que diz respeito ao futebol.</p> <p>As torcidas aliadas buscam apoio das torcidas locais para realizarem atos de violência.</p>	<p>A aliança entre torcidas não traz nenhum benefício para as torcidas organizadas de Campina Grande e gera grande parte da violência.</p>
<p><b>6-GUSTAVO:</b> [...] também acho que não tem benefício nenhum não, e essa questão da aliança infelizmente eles estão se aliando pra excitar a violência. Se fosse pelo menos pra ajudar a torcer, mas se fosse pra ajudar a torcer ele tinha que torcer pro time dele. Então cada um tem seu time na sua cidade. Eu acho que não tem benefício nenhum.</p>	<p>As alianças entre torcidas excitam a prática da violência.</p> <p>Cada um deve torcer pelo time da sua cidade.</p>	<p>A aliança entre torcidas não traz nenhum benefício para as torcidas organizadas de Campina Grande e gera grande parte da violência.</p>

#### 4-FALE SOBRE A INFLUÊNCIA DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NO ESPAÇO URBANO DE CAMPINA GRANDE.

EXPRESSÕES-CHAVE (ECH)	IDEIAS CENTRAIS (IC)	ANCORAGEM (AC)
<p><b>1-KLEBER:</b> [...] hoje a gente não tem torcida organizada, então hoje a gente tem pessoas com as mentes desviadas que usa o nome das duas torcidas, que se acabaram faz tempo, mas que isso mantém de pé só com</p>	<p>Pessoas desordeiras ocupando espaços públicos da cidade.</p>	<p>A cidade apresenta uma dinâmica diferenciada dos dias tidos como comuns e diversos eventos negativos marcam o dia do clássico dos maiorais.</p>

<p>peças desordeiras e que procuram o espaço público e a ocupação, não é? Em bares, pichações, brigas, é briga em escola, mortes, que já aconteceu e hoje ninguém tá dando uma resposta, ninguém. [...], nos bairros é briga, briga dentro dos bares, é pichações, é briga dentro de transporte público, é uma série de coisas que, como eu tinha dito, que induzem pra isso meia dúzia de “maloqueiros” que usam dos nomes da Jovem do Galo e da Facção Jovem só pra fazer o que não presta [...] A cidade hoje ela se comporta, a maioria, muita gente, é espanto, faz um espantinho em nome do clássico.</p>	<p>Pichações, brigas em diferentes bairros, escolas, transportes públicos e mortes.</p> <p>A cidade se comporta com uma dinâmica de espanto em dia de clássico.</p>	
<p><b>2-FRANCISCO:</b> Veja só, acredito que essa questão do clássico já começa as provocações nas mídias. Os caras hoje “tão” tudo na “lan house”, em casa, no celular, tá ali, conectado e tá ali provocando o outro. Agora se você vê os “brabo” de internet, uns “muleque” desse tamanho, que tem quatorze, quinze anos que ele é o terror, tá entendendo? [...] Fora do estádio é um pouco tenso a realidade, não é pouco não, é tenso, principalmente pra quem vai caracterizado.</p>	<p>Provocações nas mídias.</p> <p>Fora do estádio a realidade é tensa, principalmente para os uniformizados.</p>	
<p><b>3-NETO:</b> Campina Grande funciona em dia de clássico, principalmente nos bairros ao redor, muita gente sai de casa, esse negócio de arrastão, há briga entre torcidas que marcam em internet, essas coisas. [...] briga em ruas próximas, na integração, em ônibus e quando é dia de clássico muita gente não quer nem passar perto desses cantos.</p>	<p>Pessoas saem de casa em arrastões e marcam confrontos pela internet.</p> <p>Briga em ruas próximas, no terminal de integração, em ônibus no dia do clássico.</p>	<p>A cidade apresenta uma dinâmica diferenciada dos dias tidos como comuns e diversos eventos negativos marcam o dia do clássico dos maiorais.</p>
<p><b>4-KAIO:</b> O clima da cidade é muito tenso, há uns cinco anos atrás era um clima de festa [...] Hoje em dia o clima tá muito</p>	<p>A cidade fica tensa.</p> <p>As torcidas vão para o estádio em arrastões.</p>	<p>A cidade apresenta uma dinâmica diferenciada dos dias tidos como comuns e diversos eventos negativos marcam o dia do clássico dos maiorais.</p>

<p>tenso por causa da violência e a história da Torcida Jovem e a Facção se juntarem pra sair, como fala “arrastão”, todo mundo andando em direção até o campo e as pessoas evitam de se encontrar. Não “vamo” por aqui não porquê desse lado tá passando a turma do Treze.</p>		
<p><b>5-ALEXSANDRO:</b> A cidade muda totalmente sua dinâmica, muda transporte, muda trajetos, as pessoas preferem evitar confronto, preferem evitar sair de casa próximo ao horário do jogo, principalmente as pessoas das imediações do estádio. A cidade muda bastante, e mudava mais, o clima interessante era dia de festa [...].</p>	<p>■ Mudam-se os trajetos e o caminho dos transportes.</p> <p>■ Para evitar confrontos, as pessoas saem de casa no horário do jogo.</p> <p>■ A cidade muda de configuração.</p>	<p>A cidade apresenta uma dinâmica diferenciada dos dias tidos como comuns e diversos eventos negativos marcam o dia do clássico dos maiorais.</p>
<p><b>6-GUSTAVO:</b> A gente já saiu pelas ruas, já pegou família com camisa do Treze, outra do Campinense, filmamos antes, tal e o clima era um clima digamos que alegre, isso bem longe do “Amigão”. Aquela expectativa de você tá com a família, tal e quando vai pro estádio cada um vai pra o seu lado, só que quando chega no estádio nas proximidades do “Amigão” aí já muda, aí quando você vê é cavalaria pra um canto, é sacudindo pedra, briga, então tem que tomar cuidado, é um clima alegre, mas depois pode ficar triste. É um clássico da gente, das nossas multidões, né? Mas é um dia assim, pesado, Treze e Campinense é, principalmente no pós-jogo, quando a gente já tá no estádio chegando até aqui próximo, vê briga, morte, aí é um dia difícil sabe?</p>	<p>■ O clima é alegre longe do estádio Amigão.</p> <p>■ Nas proximidades do Amigão o clima muda.</p> <p>■ É necessário tomar cuidado com as ações ocorridas no estádio.</p> <p>■ Mortes, brigas no pós-jogo nas próximas ao estádio Amigão.</p>	<p>A cidade apresenta uma dinâmica diferenciada dos dias tidos como comuns e diversos eventos negativos marcam o dia do clássico dos maiorais.</p>

--

5-RELATE SOBRE FATOS QUE MARCARAM A PARTICIPAÇÃO DA TORCIDA ORGANIZADA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE.		
EXPRESSÕES-CHAVE (ECH)	IDEIAS CENTRAIS (IC)	ANCORAGEM (AC)
<p><b>1-KLEBER:</b> [...] não me recorde de nenhum na minha gestão enquanto presidente, mais pontos positivos a gente teve várias doações de sangue, de donativos a gente fez arrecadação, não era o esperado, mas sempre foi, porque às vezes até a gente tenta ajudar também. [...]Ninguém ajuda torcida organizada mais! Se não fosse a violência eu queria chegar com cem anos e no lugar de balançar a bandeira balançar a bengala.</p>	<p>■ Doações de sangue, arrecadação de donativos.</p> <p>■ A torcida organizada não recebe ajuda.</p>	
<p><b>2-FRANCISCO:</b> Positivo foi realmente o que eu tinha dito a festa que a torcida proporcionava e as amizades que foram feitas, até hoje a gente tem essa amizade, as pessoas que fazem parte, integrantes e as ações sociais que proporcionavam também, tipo dia das crianças, natal, sempre fazia alguma coisa, pra São Vicente de Paula, cesta básica, esse tipo de coisa, claro, essa era a coisa positiva.</p>	<p>■ Festas das torcidas e amizades adquiridas.</p> <p>■ Ações sociais no dia das crianças, natal, cestas básicas e ajuda a asilios.</p>	
<p><b>3-NETO:</b> Infelizmente não é? Sempre briga. A gente vê morte, morte até de colegas, amigos, pessoas que estudaram comigo, briga entre eles mesmos, assim e você não pode fazer nada. Só o que marca mesmo é mais isso. As ações sociais é bom, mas o que marca mais é briga, morte. Pontos positivos é isso, é ações sociais, mas é se você foi pegar hoje em dia no youtube é muito difícil ter uma filmagem de torcida distribuindo brinquedos, doando sangue, vai ver mais as torcidas brigando, até morte mesmo.</p>	<p>■ Brigas e morte de colegas.</p> <p>■ As ações sociais marcam, porém as brigas e mortes ganham mais destaque.</p> <p>■ Raridade em ver torcidas distribuindo brinquedos, doando sangue.</p>	<p>Há fatos positivos que marcaram a participação das torcidas organizadas na cidade de Campina Grande, porém os eventos negativos se sobressaem em relação aos demais.</p>

<p><b>4-KAIO:</b> Eu não acompanhei o ponto positivo das torcidas que teve e eles tão dizendo, que eu sei que era antigamente, não só eles como outras pessoas mais velhas falaram e a <b>torcida era unicamente festa e não tinha nada de violência.</b> Eu tô acompanhado o hoje, <b>pelo fato da minha idade ser mais nova, tô acompanhando o ponto negativo.</b></p>	<p><b>A</b> torcida era somente festa e não violência.</p> <p><b>Os</b> torcedores mais novos estão acompanhando só negatividade.</p>	<p>Há fatos positivos que marcaram a participação das torcidas organizadas na cidade de Campina Grande, porém os eventos negativos se sobressaem em relação aos demais.</p>
<p><b>5-ALEXSANDRO:</b> <b>O</b> que marca as festas que a torcida até hoje ainda faz no estádio, um espetáculo bonito e <b>a questão da violência que é mais marcante do que as próprias festas.</b></p>	<p><b>A</b> festa é o ponto marcante da torcida no estádio.</p> <p><b>A</b> violência marca mais que as festas.</p>	<p>Há fatos positivos que marcaram a participação das torcidas organizadas na cidade de Campina Grande, porém os eventos negativos se sobressaem em relação aos demais.</p>
<p><b>6-GUSTAVO:</b> [...] a questão da violência infelizmente marca né? Qualquer período né? Claro que antigamente tinha violência também, mas em menor proporção e a questão <b>de ponto positivo que eu me recordo é aquelas charanga no estádio, a própria torcida, quando de um lado a torcida do Treze começava a gritar e a outra torcida também e ficava lindo o estádio né? um ponto que chamou a atenção na cidade foi no ano de 2008 que a Campinense subiu pra série B do brasileiro que a torcida esperou o time chegando de João Pessoa e lotou aquela Avenida toda sabe?</b> E tem muitas fotos, vídeos que registram isso e foi muito bonito. <b>E naquele dia que o Treze foi viajar pra Goiânia, eu acompanhei, eu fiz a matéria, Avenida Brasília também lotada com o ônibus indo pra João Pessoa.</b> Então assim, são as coisas que marcam, coisas bonitas que a gente quer que sempre fiquem, que aconteçam mais vezes <b>infelizmente a violência acaba tirando o brilho e</b></p>	<p><b>As</b> charangas no estádio e os gritos da torcida são pontos positivos.</p> <p><b>A</b> torcida esperou o Campinense Clube em uma das principais avenidas quando este conseguiu o acesso para disputar a segunda divisão do Campeonato Brasileiro.</p> <p><b>A</b> torcida do Treze fez festa na Avenida quando a equipe foi viajar.</p> <p><b>A</b> violência tira o brilho do espetáculo.</p>	<p>Há fatos positivos que marcaram a participação das torcidas organizadas na cidade de Campina Grande, porém os eventos negativos se sobressaem em relação aos demais.</p>



sendo o ponto negativo da história.		
-------------------------------------	--	--

6-COMENTE SOBRE AS MÚSICAS DAS TORCIDAS ORGANIZADAS E A VIOLÊNCIA: MITO OU FATO?		
EXPRESSÕES-CHAVE (ECH)	IDEIAS CENTRAIS (IC)	ANCORAGEM (AC)
<p><b>1-KLEBER:</b> Eu tô falando de músicas cantadas no estádio, músicas de torcida, e hoje se você pegar hoje faz até “nojo”. É um tipo de apologia. Então, mesmo como presidente, nunca concordei e cheguei até às vezes proibir que fossem cantadas, em arquibancadas. [...] Porque o que o torcedor vai “pra li” uma tarde ou uma noite, o torcedor vai “pra li” pra se descontraír, depois de um dia de trabalho, um final de semana, aí chega, aí tem música, aí vem “fumar maconha, roubar, matar”, eu faço uma pergunta a você: Você quer escutar isso? Sou totalmente contra.</p>	<p>As músicas são dignas de repúdio.</p> <p>As músicas são apologias à violência.</p> <p>As letras das músicas são de incentivo à práticas ilícitas como: fumar maconha, roubar e matar.</p>	<p>As músicas não são de boa qualidade, não há criatividade em suas letras, incentivam a violência e são reproduções de outras torcidas do Sul do Brasil.</p>
<p><b>2-FRANCISCO:</b> Realmente não é uma música de boa qualidade. É uma música que só excita a violência, há coisas que realmente desviam totalmente da função de que é função da torcida organizada.</p>	<p>As músicas não são de boa qualidade.</p> <p>Músicas que desviam da verdadeira função da torcida organizada, que é torcer.</p>	<p>As músicas não são de boa qualidade, não há criatividade em suas letras, incentivam a violência e são reproduções de outras torcidas do Sul do Brasil.</p>
<p><b>3-NETO:</b> Músicas de incentivo é pra ser cantada, agora o cara vai com uma criança pro estádio, Kleber leva o filho dele não vai querer que o filho escute negócio de droga, violência, matar “num sei quem”, não vai querer né?</p>	<p>Não são músicas de incentivo.</p> <p>As crianças que vão ao estádio acabam escutando músicas de atos violentos.</p>	<p>As músicas não são de boa qualidade, não há criatividade em suas letras, incentivam a violência e são reproduções de outras torcidas do Sul do Brasil.</p>
<p><b>4-KAIO:</b> Com certeza, existem os gritos de, as músicas de apoio, de incentivo ao time e as que incitam a violência. No clássico mesmo Treze e Campinense os</p>	<p>Há diversos tipos de músicas e gritos: de apoio, de incentivo e de estímulo à violência.</p>	

<p>caras só incitam a violência. [...] Então é importante que as pessoas se conscientizassem mais em ir pro estádio, ir gritar, apoiar o time, apoiar o clube, empurrar o clube para ele ser vitorioso, assim não dá.</p>	<p>■ Durante o clássico Treze e Campinense só há excitação a violência.</p>	
<p><b>5-ALEXSANDRO:</b> Às vezes tem músicas que incitam a violência até mesmo dentro da própria torcida. E aconteceu um fato comigo, que tem uma hora que tem uma música que você tem que pular e gritar, se não fizer a mesma coisa que eles tão fazendo eles ameaçam bater em você, então ou você entra naquela coisa ou você termina apanhando.</p>	<p>■ Há músicas que estimulam a violência dentro da própria torcida.</p> <p>■ É necessário fazer parte da coreografia e dos gritos, pois ocorrem constantes ameaças nas letras das músicas.</p>	<p>As músicas não são de boa qualidade, não há criatividade em suas letras, incentivam a violência e são reproduções de outras torcidas do Sul do Brasil.</p>
<p><b>6-GUSTAVO:</b> As músicas elas tem muito palavrão né? E você que vai com seu filho pro estádio não tem como tampar o ouvido dele e assim, infelizmente não tem como mudar. [...] aqui hoje em dia uma música que o Botafogo canta ela é em parecida com a que o Treze tá cantando, e já vaio dos times do Rio, e assim não criatividade sabe? A mesma coisa, não tem criatividade, eu não prestei muita atenção pra ver, muito palavrão sabe?</p>	<p>■ Os palavrões são constantes nas letras das músicas.</p> <p>■ Há uma reprodução das músicas de times do Sul do país, não havendo criatividade em sua composição.</p>	<p>As músicas não são de boa qualidade, não há criatividade em suas letras, incentivam a violência e são reproduções de outras torcidas do Sul do Brasil.</p>

## 7-O IMPACTO DA TORCIDA ORGANIZADA E SUA INFLUÊNCIA NA MOBILIDADE URBANA DE CAMPINA GRANDE.

EXPRESSÕES-CHAVE (ECH)	IDEIAS CENTRAIS (IC)	ANCORAGEM (AC)
<p><b>1-KLEBER:</b> Hoje é um terror, porque se faz um arrastão hoje, aí vem um arrastão completo vem com quebra-quebra, com roubo, com que não presta, com morte, é um arrastão mesmo. Eles saem passando o rodo em quem tiver na frente. Só se tiver couro de jacaré, mas que o impacto hoje, ele hoje é tanto que</p>	<p>■ Arrastões das torcidas comprometem o tráfego de pedestres e veículos.</p> <p>■ No início da fundação das torcidas, os torcedores organizados iam pelas ruas comportadamente.</p>	<p>A realização dos chamados “arrastões”, o transporte público se torna ainda pior e há um significativo comprometimento da mobilidade urbana em dias de jogos entre Treze e Campinense.</p>

<p>antigamente a gente ainda acompanhou ele sair lá do Renatão colocava duzentas, trezentas, pessoas na torcida organizada. [...] Antigamente a gente fazia uma carreata, não tinha problema passava por torcedor do Treze, era só aquela brincadeira [...].</p>	<p>■ A realização de carreatas afetava o trânsito, porém não havia conflitos entre torcedores.</p>	
<p><b>2-FRANCISCO:</b> Com certeza, realmente é um dia complicado, tenso. Agora o que acontece também é que a torcida organizada ela é uma empresa, só que hoje é uma empresa irregular.</p>	<p>■ O dia de “clássico dos maiores” é marcado como um dia tenso no urbano.</p>	
<p><b>3-NETO:</b> É [...]o transporte público já não é essas coisas todas e você vê, as empresas diminui até a frota de ônibus porque fica com medo de quebrar o ônibus, essas coisas. Aí você vai pro estádio, é ônibus lotado, e você vai pra outro canto, pra sair do estádio demora, essas coisas todas, as ruas, vários arrastão, “num” tem controle dos órgãos pra desviar o trânsito, essas coisas. A mobilidade é quase zero. Pra quem vai de ônibus, há isso ainda, briga de torcida. Antes você ia de carro, botava a bandeira, ficava buzinando no meio da rua, você fica com medo, de você botar a bandeira passar “num canto” e levar uma pedrada no carro.</p>	<p>■ Transporte público tem seu número diminuído para circulação.</p> <p>■ Ônibus lotado, demora para sair do estádio, arrastões, torcedores ocupando as ruas e mobilidade zero.</p> <p>■ Hoje em dia não se pode ir de carro para o estádio.</p>	<p>A realização dos chamados “arrastões”, o transporte público se torna ainda pior e há um significativo comprometimento da mobilidade urbana em dia de jogos entre Treze e Campinense.</p>
<p><b>4-KAIO:</b> Fica tensa, a gente sai de casa, o jogo é de quatro horas, sai de casa de uma da tarde pra chegar no campo. Vem pra integração entra uma turma da Torcida do Treze, vamos supor, a galera vai tudo gritando. Quando chega no meio do caminho, é galo, é galo, aí a turma de fora no meio da rua, do Campinense, aí começa jogar pedra, aquela arruaça toda.</p>	<p>■ Por conta da mobilidade, tem-se que sair de casa até quatro horas antes da partida.</p> <p>■ O terminal de integração é o ponto de encontro de alguns torcedores.</p> <p>■ Torcedores dispersos nas ruas protagonizam confrontos.</p>	<p>A realização dos chamados “arrastões”, o transporte público se torna ainda pior e há um significativo comprometimento da mobilidade urbana em dia de jogos entre Treze e Campinense.</p>

<p><b>5-ALEXSANDRO:</b> Eu acho que muda um pouco a mobilidade da cidade. Como Neto falou o trânsito já não é lá essas coisas, diminui a quantidade de ônibus, os ônibus ficam cheios e prejudica a mobilidade da cidade. Sem contar que não há nenhuma fiscalização, não há nenhuma regularização do trânsito nas imediações do estádio. Nem quando tá chegando, nem quando tá saindo. Fica aquele aglomerado de carros e pessoas nas ruas, tanto pra quem vai a pé, pra quem vai de moto ou de carro de passeio.</p>	<p>Mudança na mobilidade urbana.</p> <p>Diminuição na quantidade de ônibus e estes ficam lotados.</p> <p>Não há fiscalização e regularização do trânsito nas imediações do estádio.</p> <p>Torcedores e carros se aglomeram nas ruas em volta do estádio</p>	<p>A realização dos chamados “arrastões”, o transporte público se torna ainda pior e há um significativo comprometimento da mobilidade urbana em dia de jogos entre Treze e Campinense.</p>
<p><b>6-GUSTAVO:</b> Rapaz, é como Neto falou, às vezes muitas vezes as empresas diminuem as frotas de ônibus por conta justamente dessa quebradeira. [...]É o seguinte, principalmente quando tem Treze e Campinense o pessoal procura se reunir numa sexta-feira pra discutir como é que será o acesso de torcedores. Porque os torcedores eles gostam de ir ali andando, com cerca de 50 torcedores, então a polícia tem que tá atenta pra onde ele vai, determina pra onde o outro vai, a questão da mobilidade urbana, com a STTP, já organiza o trânsito, então é diferenciado de ônibus também só que, a questão do ônibus que a gente fala né? Muitos deles a gente afirma até quebra-quebra, até aqui na integração também, antes do jogo, depois do jogo, então assim é perigoso né? Essa questão da mobilidade infelizmente é ruim.</p>	<p>A frota de ônibus é diminuída por conta do vandalismo.</p> <p>A polícia deve escoltar os torcedores que vão andando para o estádio.</p> <p>O STTP cuida da mobilidade urbana em dia de clássico.</p> <p>No terminal de Integração ocorrem diversas ações dos torcedores.</p>	<p>A realização dos chamados “arrastões”, o transporte público se torna ainda pior e há um significativo comprometimento da mobilidade urbana em dia de jogos entre Treze e Campinense.</p>

**8-A POLÍCIA, OS TORCEDORES, OS CLUBES E AS TORCIDAS: COMENTE SOBRE A RELAÇÃO DESSES SEGMENTOS IDENTIFICANDO EVENTOS QUE MARCAM ESTA RELAÇÃO.**

EXPRESSIONES-CHAVE (ECH)	IDEIAS CENTRAIS (IC)	ANCORAGEM (AC)
<b>1-KLEBER:</b> Não se pronunciou		
<b>2-FRANCISCO:</b> Realmente né? O torcedor ele vive muito assim. O policial, ele olha para o benefício dele de só receber o dinheiro trabalhando. Porque durante a partida os serviços que são oferecidos pra ele são de péssima qualidade, a começar pelo transporte público, a polícia mal preparada, tá entendendo? Para lidar com os problemas dentro dos clássicos certo? Então, nível complicado, a questão do estádio, o sanitário.	<p>■ A polícia é mal qualificada para lidar com diferentes situações em dia de partidas.</p> <p>■ Transporte público e polícia mal preparada são motivos a mais para prática da violência em dia de clássico.</p> <p>■ Estrutura do estádio em péssima qualidade.</p>	A má qualificação dos policiais compromete o espetáculo, assim como eventos “extracampo” fazem com que o clássico dos maiores seja visto apenas como mais um dia violento.
<b>3-NETO:</b> Polícia não tem qualificação pra lidar com isso, eles tentam, mas banalizam tudo e o clube também. O clube quer que o torcedor vá a campo, mas não quer saber como eles estão. Até Federação, Ministério Público não tão nem aí. Quer saber de dinheiro que tá entrando pra eles a gente vê. Já tive em campo, já vi muita briga, polícia bater em quem não tem nada a ver, até porque tá com medo, mas não tem nada a ver, e quando chega lá, bota todo mundo num “comboio” só, como se fosse todo mundo da mesma “laia”.	<p>■ A polícia e os clubes não tem qualificação para lidar com algumas situações em dias de jogos.</p> <p>■ O descaso da Federação e do Ministério Público com os torcedores.</p> <p>■ Brigas entre polícia e torcedores organizados.</p>	A má qualificação dos policiais compromete o espetáculo, assim como eventos “extracampo” fazem com que o clássico dos maiores seja visto apenas como mais um dia violento.
<b>4-KAIO:</b> A relação entre clube e torcida. Creio eu pelo “andar da carruagem” o presidente do clube não conhece o presidente da torcida organizada. Eu acho que ele deveria ter uma relação de haver reuniões, entrar em consenso pra que o clube não seja prejudicado, pra poder resolver essa situação e ter alguém responsável, alguma pessoa tem que chamar a responsabilidade pra tentar	<p>■ A relação entre clube e torcida organizada não é das melhores.</p>	

resolver, e se não fizer isso, lamento.		
<b>5-ALEXSANDRO:</b> Não se pronunciou.		
<b>6-GUSTAVO:</b> Não se pronunciou.		

### 9-TERRITÓRIOS E TORCIDAS: O DINAMISMO EM DIA DE CLÁSSICO DOS MAIORAIS.

EXPRESSÕES-CHAVE (ECH)	IDEIAS CENTRAIS (IC)	ANCORAGEM (AC)
<b>1-KLEBER:</b> Não se pronunciou.		
<b>2-FRANCISCO:</b> Na realidade, em dia de clássicos, cada um vem com sua, como chama os “bondes” das suas áreas, Zona Oeste, Zona Leste, Zona Sul e cada um tem seu grupo e eles se juntam e saem, ou vem pra sede, no caso, e sai de “arrastão”, o que realmente acontece e vai a escolta da polícia e vai pro outro setor já pra evitar confronto com o caso, como seria com a torcida do campinense. Mas é basicamente isso aí cada setor da cidade tem seu foco, tanto de um lado como do outro, não tem específicos, onde aqui tem mais ou aqui tem menos. Cada zona da cidade tem seu foco do campinense ou foco do Treze.	<p>■ Cada zona da cidade possui seus “bondes”, que são compostos por torcedores organizados.</p> <p>■ Para evitar confrontos, a polícia é acionada e realiza a escolta dos torcedores organizados.</p> <p>■ Cada zona da cidade possui sua característica em quantidade de torcedores de ambos os clubes.</p>	As zonas da cidade apresentam peculiaridades na distribuição dos torcedores e congregam territórios de ambas as torcidas.
<b>3-NETO:</b> A gente vê mais assim, por zona. Hoje em dia cada zona tem seu grupo de torcida e se, se encontram é briga. São José e Liberdade, que eu já conheço bem. Ficam muitos torcedores do Treze “pela aquelas banda”, aí vem “Zé pinheiro”, torcedor do Campinense, o cara vê mais. Zona Leste.	<p>■ Cada zona possui seu grupo de torcida.</p> <p>■ Os bairros do São José e Liberdade possuem mais torcedores do Treze.</p> <p>■ O bairro do José pinheiro possui mais torcedores do Campinense.</p>	As zonas da cidade apresentam peculiaridades na distribuição dos torcedores e congregam territórios de ambas as torcidas.

<b>4-KAIO:</b> Isso aí, as zonas se juntam em determinado local, no estádio, no campo do clube ou na sede da torcida, pra poder ir ao estádio.	As zonas se juntam entre si e saem em arrastão para o estádio.	
<b>5-ALEXSANDRO:</b> Não se pronunciou.		
<b>6-GUSTAVO:</b> Não se pronunciou.		

### 10-O PAPEL DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NA CONSOLIDAÇÃO DA IDENTIDADE DO TORCEDOR.

EXPRESSÕES-CHAVE (ECH)	IDEIAS CENTRAIS (IC)	ANCORAGEM (AC)
<b>1-KLEBER:</b> Não se pronunciou.		
<b>2-FRANCISCO:</b> Tem essa questão de você, a forma de você adquirir o respeito dos demais, de se destacar. Você é um cara que tem, como se diz, <b>ideologia pra tá enfrentando aquilo e a todo custo.</b> <b>A ponto de você tatuar seu corpo todinho com as siglas da torcida.</b> basicamente é isso aí, seguir essa linha do respeito dos demais e um <b>contato maior com as torcidas de fora, no caso, as aliadas, que curtem muito essa ideologia.</b>	<p>A torcida organizada é uma forma a adquirir respeito e se destacar entre os demais torcedores.</p> <p>Ter ideologia para enfrentar qualquer tipo de situação.</p> <p>As tatuagens demonstram respeito.</p> <p>Manter o maior contato com as torcidas de fora.</p>	A participação nas ações da torcida organizada, as vestimentas, as tatuagens e a aliança com outras torcidas são formas de consolidar a identidade do torcedor organizado.
<b>3-NETO:</b> Assim, você usa uma camisa do Campinense muitos pensam que você é da Fação e vice-versa. Muitos ainda, eu vi muita agressão só porque “tava” com a camisa do Treze ou da Camisa do Campinense, e identidade assim, de identificar torcedores não existe não, isso é conversa. <b>Eu fora da Paraíba, eu vi fora de Campina, briga assim perto de mim mesmo só por causa de uma tatuagem,</b> agredir o outro por conta disso. <b>Alguns é fanatismo mesmo.</b>	<p>A camisa, da torcida organizada ou não, traz o sentido de identificação.</p> <p>As tatuagens ocasionam conflitos dentro e fora do estádio.</p> <p>O fanatismo como consolidação da identidade do torcedor.</p>	A participação nas ações da torcida organizada, as vestimentas, as tatuagens e a aliança com outras torcidas são formas de consolidar a identidade do torcedor organizado.

<p><b>4-KAIO:</b> Pra identificar que ele é da linguagem “Vida Loka” e identificar que ele tem coragem e mostrar pra todo mundo, pra seus rivais que ele possui aquela marca de torcida, levando “encarreadamente”. Eu que preciso o cara ter muita coragem pra chegar a esse ponto de identificação. Eu acho que determina muito a questão da idade, não é obrigado porque eu sou jovem, tenho 20 anos, não participo, não sair de torcida organizada, mas eu torço pelo meu clube, mas dá entender que se você ta perto você é um integrante, pela questão da faixa etária de idade.</p>	<p>As torcidas servem como veículos de identificação para impor medo e respeito mediante a marca da torcida.</p> <p>As tatuagens são o ápice da identificação dos torcedores.</p> <p>A idade como fator determinante para caracterizar os torcedores como organizados por parte dos adversários.</p> <p>A faixa etária faz com que os adversários classifiquem o adversário como torcedor organizado.</p>	<p>A participação nas ações da torcida organizada, as vestimentas, as tatuagens e a aliança com outras torcidas são formas de consolidar a identidade do torcedor organizado.</p>
<p><b>5-ALEXSANDRO:</b> Não se pronunciou.</p>		
<p><b>6-GUSTAVO:</b> Não se pronunciou.</p>		

**11-FALE UM POUCO SOBRE EVENTOS QUE SE DESTACARAM POR MARCAR A RIVALIDADE ENTRE AS TORCIDAS ORGANIZADAS.**

EXPRESSÕES-CHAVE (ECH)	IDEIAS CENTRAIS (IC)	ANCORAGEM (AC)
<p><b>1-KLEBER:</b> Não se pronunciou.</p>		
<p><b>2-FRANCISCO:</b> Essa parte de hoje em dia você tem a questão da violência que veio de uma forma pra cá, o pessoal não absorveu bem esse lado da torcida organizada, porque a capacidade de Campina Grande é uma cidade pequena de você viver essa realidade da forma como se implantou e no caso pode botar uma camisa da Torcida Jovem que o outro lado vai tomar, isso não existe porque as grandes cidades existe as rivalidades, mas em dia de clássico o cara não sai tomando</p>	<p>Os integrantes não absorveram a verdadeira essência da torcida organizada.</p> <p>Nas grandes capitais, as diretorias das torcidas organizadas realizam reuniões entre si.</p> <p>Em Campina Grande as torcidas não se dão bem, começando pelas diretorias.</p>	<p>Os eventos violentos envolvendo ambas agremiações marcam a rivalidade entre as torcidas organizadas.</p>



<p>camisa de ninguém, [...]Em Recife e nas grandes capitais as diretorias das torcidas organizadas elas conversam entre si, eles conversam existe esse diálogo, só que aqui em Campina vem de uma forma diferente, viram tudo inimigo, na diretoria é um querendo matar o outro e isso aí foi criando essa coisa tão negativa que ficou, diante do que vinha acontecendo, que chegou ao ponto que chegou, de quere extinguir e ninguém compra mais material [...]</p>		
<p><b>3-NETO:</b> A rivalidade sempre vai ter, e ninguém é santo, mas quando marginalizou as torcidas, “vim” de fora, aí eles não toleram um ao outro e quando trouxe isso aqui pra dentro, a mesma e eles aqui passaram a não tolerar um da Jovem e um da Facção, mesmo sendo conhecido as torcidas se marginalizaram.</p>	<p>A rivalidade começou e ainda continua por conta das alianças com outras torcidas organizadas.</p>	<p>Os eventos violentos envolvendo ambas agremiações marcam a rivalidade entre as torcidas organizadas.</p>
<p><b>4-KAIO:</b> Influi muito o lado do esporte né? O lado do esporte é saúde, lazer e aprendizado, tem que aprender, porque no esporte você tá na problemática do futebol, ali você disputa, ou ganha ou perde, então o aprendizado é o que? Você saber a brincar, é aprender a perder, então algumas pessoas confundem não interpreta de que, eu sou amigo de Neto, não vou ser amigo dele porque ele torce pro Campinense. Existem pessoas que pensam assim. Porque ele é trezeano eu não vou ser amigo dele. Tem pessoas que não tem nada na cabeça e pensa assim.</p>	<p>Há confusão na interpretação do que é realmente ser torcedor.</p> <p>Existem pessoas de pouca mentalidade moral, sentimental e social dentro das torcidas.</p>	
<p><b>5-ALEXSANDRO:</b> Não se pronunciou.</p>		

<b>6-GUSTAVO:</b> Não se pronunciou.		
--------------------------------------	--	--

<b>12-QUAL SERIA A SOLUÇÃO PARA OS EVENTOS TRÁGICOS ENVOLVENDO TORCIDAS ORGANIZADAS?</b>		
<b>EXPRESSÕES-CHAVE (ECH)</b>	<b>IDEIAS CENTRAIS (IC)</b>	<b>ANCORAGEM (AC)</b>
<b>1-KLEBER:</b> Não se pronunciou.		
<b>2-FRANCISCO:</b> Eu acho que, como eu tava falando, é a questão da empresa, acho que toda empresa ela tem que ter responsabilidade dos seus sócios e seus diretores, tudo registrado certo? Cartório, ficha de antecedentes criminais, aí cada um com suas funções certo? E cadastro dos membros, dos associados, quem não se associar não compra material e nem participa da torcida, porque só assim tem o controle de tudo que pode acontecer.	<p>As torcidas organizadas devem ser tratadas como empresas.</p> <p>Registro em cartório, apresentação de antecedentes criminais e registro dos membros como forma de controle.</p>	As torcidas organizadas devem ser tratadas como empresas, havendo registro, identificação e fiscalização dos atos dos integrantes.
<b>3-NETO:</b> Identificação de torcedores. Porque muitos não vão tá no cadastro de torcedores porque já são “fichado” na polícia. O cara vai dar endereço, tá lá no ministério público. O cara vai buscar em casa. Então se houver mais fiscalização entre clube e torcida mesmo, aí vai melhora bastante.	<p>Elaboração de meio de identificação.</p> <p>Fiscalização do clube entre seus torcedores.</p>	As torcidas organizadas devem ser tratadas como empresas, havendo registro, identificação e fiscalização dos atos dos integrantes.
<b>4-KAIO:</b> Eu acho assim, que tem que se reunir da mesma forma que estamos fazendo aqui hoje, pra tentar amenizar a situação. Ministério público, Polícia Militar, Polícia Civil e principalmente a Federação Paraibana de Futebol pra tomar alguma providência, porque o futebol da Paraíba, o campeonato paraibano está caindo “das pernas” e se	<p>Realização de um fórum ou reunião que reúna representantes dos órgãos responsáveis de forma direta e indireta do clássico das maiorias.</p> <p>Realização de uma reunião para tomar providência.</p>	

ninguém tomar uma providência a violência só vai afundar mais ainda o nosso futebol. Enquanto alguma autoridade não tomar providência, fizer uma reunião igual nós estamos fazendo aqui, isso não vai durar muito.		
<b>5-ALEXSANDRO:</b> Não se pronunciou.		
<b>6-GUSTAVO:</b> Não se pronunciou.		

### 13-COMENTE SOBRE O FUTURO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS EM CAMPINA GRANDE.

EXPRESSÕES-CHAVE (ECH)	IDEIAS CENTRAIS (IC)	ANCORAGEM (AC)
<b>1-KLEBER:</b> O futuro, eu não digo nem acabar sabe? O futuro é triste. Porque como eu já disse várias vezes, o futuro das torcidas organizadas se não tirarem essas pessoas que estão dirigindo e movimentando elas erradas a tendência é só piorar, prejudicar os clubes, né? Porque as torcidas organizadas hoje já não tem nenhuma relevância dentro do clube.	<p>■ Não irá acabar, porém os eventos proporcionados por estes segmentos serão ruins.</p> <p>■ Um dos pontos negativos da torcida organizada é a má administração.</p> <p>■ As torcidas organizadas não têm nenhuma relevância para o clube em Campina Grande.</p>	As torcidas não irão acabar, entretanto alguns episódios fazem com este segmento venha a se tornar cada vez mais fraco e improdutivo.
<b>2-FRANCISCO:</b> Realmente é um futuro bem remoto mesmo. Porque como a coisa tomou um rumo negativo, isso aí tendência é só o ministério público, que já vem acompanhando isso a muito tempo, pedir a extinção né? Agora cabe a quem tá no comando que inverta essa situação, fazer com que a coisa flua para o lado positivo e não pro lado negativo.	<p>■ Por causa dos eventos negativos, as torcidas terão um futuro bem desgastado.</p> <p>■ Os órgãos de segurança e os clubes devem tomar providências.</p>	As torcidas não irão acabar, entretanto alguns episódios fazem com este segmento venha a se tornar cada vez mais fraco e improdutivo.
<b>3-NETO:</b> A extinção delas. Porque os órgãos já tentando se mobilizar porque não tá fazendo por onde. É [...]Extinguir, mas os clubes tem que fazer por onde as torcidas, até no futuro elas tão participando ainda com clubes,	<p>■ A extinção das torcidas.</p> <p>■ A responsabilidade é dos clubes.</p>	

<p>porque os clubes deviam ter mais responsabilidade com seus torcedores e não deixar eles ficarem nessa marginalidade e acaba prejudicando o clube.</p>		
<p><b>4-KAIO:</b> O caminho que vai é a extinção. Porque se não tiver ninguém pra tentar corrigir, administrar, algum órgão responsável, os integrantes vão terminar como já vem acontecendo, um matando o outro e vindo a falência e não vá mais ter torcida organizada.</p>	<p>A extinção das torcidas.</p> <p>Se não houver uma administração, as torcidas organizadas de Campina Grande virão à falência.</p>	<p>As torcidas não irão acabar, entretanto alguns episódios fazem com este segmento venha a se tornar cada vez mais fraco e improdutivo.</p>
<p><b>5-ALEXSANDRO:</b> Não se pronunciou.</p>		
<p><b>6-GUSTAVO:</b> Não se pronunciou.</p>		

#### APÊNDICE 4 - TRANSCRIÇÃO LITERAL DA ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL

Como principal procedimento metodológico a pesquisa contou com os aportes do Grupo Focal. Para sua realização contou-se com representantes das torcidas e da mídia diretamente ligados ao segmento torcida organizada, desse modo, temos as questões que correspondem ao tópico-guia da entrevista:

<b>1-FALE UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DA TORCIDA ORGANIZADA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE.</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Resposta</b>
<b>KLEBER</b>	<p>Bem quando começou né? Eu participei da Torcida Facção, fui presidente, mas o pessoal que aqui está sabe que nunca idolatrei torcida, certo? Participo porque gosto, hum...não é porque coisa “A” ou coisa “B” que venha, mas que a torcida foi criada, eu era de outra torcida, todo mundo sabe quando foi criado a Facção eu era da “Fúria”, e apesar de ter o nome de Fúria “num” trouxe nenhum risco a nenhum torcedor, é, pelo contrário, ela era a Fúria mais calma que eu já vi na face da terra, a gente era só pra dar incentivo, apoio né? E sempre abrilhantar as arquibancadas. No decorrer do tempo, o fundador da própria Facção se afastou com seu grupo, aí começou aquelas perguntas, gente que não tinha condições de assumir e veio caindo, caindo e como a gente gosta a gente também por participar e não por ser de torcida procurou dar uma força, uma ajuda né? Emprestando o nome da gente mas que passei três anos ou foi quatro à frente da torcida, na minha gestão estava lá não é? nenhum caso foi, né? É [...]nenhum caso foi é[...]pra justiça né? E nenhum momento teve algum problema né? Até porque me dava muito bem com alguns integrantes da jovem, com o ex-presidente Caio, eu acho que o pessoal que é do Treze sabe e Caio quando pegou a Jovem a gente apesar de ter rivalidade que muitos integrantes achavam ruim né? Porque eu sempre se dava com Caio, a gente sempre...Na realidade minha gestão e na dele a gente não teve problema, se você pegar a minha gestão frente a Facção e a de Caio frente a Jovem, você numa período você vai ver que poucos casos de violência forma registrados e devido essa “baderna” toda de torcida mais, mais a gente sempre conversava, a gente sempre procurava um ajudar o outro, eu muitas vezes Caio ligava pra mim na frente da torcida, mas muitas dos integrantes dele, eu cheguei a ajudar Caio na Torcida Jovem do Galo, né? Muitas vezes ele pra fazer a festa da torcida dele pra viajar e sempre no que eu podia eu ajudava, quando eu precisava de ajuda dele do mesmo jeito e(tosse) assim ia. Agora se chegou a um tal ponto, eu acho que começou a partir do momento dessa história de aliados, certo? Torcida daqui se</p>

aliando com torcida de Recife, torcida de Natal, com torcida A ou B começa a imprensa a divulgar né? Atos de vandalismo e daí vai instigando né? Até a própria violência aqui e as torcidas de fora começa a cobrar daqui e assim vai a violência. “Num” creio que seja por motivo de droga, por nada não, só por causa disso, cada um quer ser o maior do que o outro, tá reinando agora o mundo das drogas né? a desocupação, tanto pessoal, eu vejo a desocupação mental é a pior que tem, que é onde leva a maioria dos jovens hoje a fazer isso, me lembro quando a Jovem foi criada, aliás, quando eu criei a Fúria a primeira faixa que eu tive foi com a ajuda da tocha, de Chico, até hoje a gente é amigo. A Jovem foi eu, né com meu conhecimento, Jucileto Júnior, tinha mais gente, eu chamava Jucileto de “Padre” e assim a gente ia. Só que a dinâmica dessa história agora da globalização, tá num caso assim tão diferente, tão marginalizado que a gente não sabe onde parar certo? Se a gente vê assim, eu vejo assim que o ministério público a bater em cima junto com a polícia tanto militar como civil na raiz tendência agora é piorar, certo? Então hoje um pai antigamente a gente até, quando eu fundei a própria torcida que teve também a BAD BOY, tinha a TORA, tinha a TOF né? a gente tinha o prazer de vestir uma camisa e dizer, não eu sou da Torcida Organizada do Campinense, que a gente via que era uma torcida que a ideologia, porque eu não sei qual é que muitos hoje falam em ideologia dentro da torcida organizada: não porque minha ideologia é essa, agora ele não sabe explicar qual é o verdadeiro motivo da ideologia né? ou seja, falar toda hora: Não porque a ideologia de torcida é essa e só sabe dizer isso. A ideologia é essa, mas qual é essa? É matar? É brigar? Tá entendendo? Então eu acho que a ideologia deles hoje, com a mente desocupada que a maioria dos jovens tem né? é periférica e não tem nada, mais que às vezes, e dizer que é só isso, somente e que a polícia tem que ir no centro, a gente quando era a frente, quando eu assumi a Facção e Caio assumiu a Jovem né? Eu acho que a gente, Coronel Márcio, Marcone no meu tempo ele chamava a gente fazia reunião e a gente mesmo era quem dava ideias pra não haver problemas e que e que a ideologia dos caras de hoje é briga, é baderna. E as torcidas? As torcidas são acabadas! Pra falar a verdade, essas torcidas hoje não existem, tem só o nome: Facção, de um lado Campinense e Jovem do lado do Galo, mas não existe, me diga aqui se tiver algum integrante da Jovem, o que é Jovem hoje? O que é Facção? Se existe qual ajuda que vem pra dentro do clube? Não vem tá entendendo? Hoje digo sem medo de um lado, sem medo de um outro, nem do Treze nem do Campinense, é meia dúzia de “maloqueiro” de um lado meia dúzia de “maloqueiro” do outro, e essa meia dúzia de “maloqueiro” do lado e meia dúzia de “maloqueiro do outro é o que tá destruindo certo? As torcidas. Destruindo porquê a gente via, começou com a BAD BOY, no meu tempo, era só festa na arquibancada, que os torcedores às vezes iam para o estádio não era nem pra ver o jogo, ia pra curtir a festa que a gente fazia na arquibancada aí depois veio, não é? Tinha a TOF, também tinha a TORA, não é? Tinha RAPOZEPA, aí depois veio, quando eu comecei foi participando na BAD BOY e depois

	<p>a gente formou a Fúria, um tempo depois veio a Jovem, a gente andava lado a lado. Depois veio a Facção, ai ficou a Fúria, eu isolei, porque era eu e meia dúzia de e ás vezes até o pessoal que faça sol, Chico, bloco da saudade tinha que recorrer ao bloco de Adriano, que é quem tá no auge. Então eu vejo o seguinte, que a gente andava lado a lado, era festa bonita, agora hoje existe as duas torcidas organizadas, ai eu pergunto: me mostrem a organização de uma e me mostrem a organização de outra. Então a gente a gente não tem torcida organizada, a gente tem duas torcidas, duas “balela”, a gente hoje tem duas “balela”, porque são torcidas que hoje, é [...]são duas torcidas sem credibilidade perante ao torcedor, perante sociedade, perante mídia, perante o clube, tá entendendo? E assim vai e continuo dizendo, se não forem na raiz a tendência agora é de mal a pior.</p>
<p><b>FRANCISCO</b></p>	<p>É parecido assim também, porque quando eu fui convidado a participar da torcida, na realidade foi pra, a gente achava bonito e sentia a necessidade de que, a gente ia pro estádio. A torcida do Treze já é conhecida como uma torcida que não é muito vibrante, que o pessoal fica mais parado, uma torcida, assim que tinha muitos senhores também. Ai a gente ia pro estádio e ficava aquele negócio parado, o pessoal ficava na hora que o cara ia no ataque, ai ficava vai, vai, vai e o Treze parado. Era uma tristeza. Depois foi criada a torcida Jovem pelas pessoas que foram seus fundadores certo? Aquilo ali foi agregando as pessoas que não gostavam daquele negócio parado no estádio. Então aquelas pessoas foram se chegando e ali foram formando certo? E realmente naquela época era uma torcida mesmo, porque tinha uma diretoria que cada um tinha suas funções, a minha função era diretor de material. Eu passei dois anos fazendo material pra torcida, até hoje tenho contato com fornecedores. Realmente dava gosto de ver. Você abria a loja ali, atendia pessoas de “condição”, parava o carro, descia sua filha e era bem recebido, não tinha medo de entrar certo? E provava roupa no sanitário, a camisa, saia. Vestia aquilo com orgulho, infelizmente depois que começou essa onda de violência, de aliada, tal, ai o cara foi importando essa violência de fora pra cá. Aí isso aí foi que foi acabando, foi criando uma situação de que as pessoas de bem foi realmente se afastando, certo? Então quer dizer, chegou ao ponto numa época, como eu falei, que a torcida Jovem, no auge mesmo, ela chegava a vender mais camisas que o próprio Treze, o pessoal comprava mais camisa da torcida Jovem. A gente já chegou a fazer remessa de quatrocentas camisas, tá entendendo? E vendia rápido, a gente tinha um caixa legal. Depois foi a torcida, foi tumulto organizado e infelizmente até as pessoas meio que se aproveitaram e deram desfalque na torcida e mais, eu queria que a torcida não acabasse, certo? Agora da forma que está hoje, eu não quero ver meus amigos Morrendo. Eu sou um cara que que eu tenho quarenta e seis anos, eu acompanho a torcida Jovem desde sua fundação, eu acho que meus amigos que já morrera, como o presidente Wagner, eu vi ele, ela era pequeno, mas ele era mais novo, morreu com 23 anos e teve outro que morreu com vinte e quatro. Ai eu chego pro</p>

	<p>cara, rapaz que vida é essa cara? Tú nem começou a viver meu amigo, tú não sabe o que é a vida não cara, tá entendendo? Esse negócio de “vida louca”, isso não existe não cara. A gente tem que viver a vida com plenitude, com humildade e respeitando o próximo. Porque o Campinense pra mim, ele é meu adversário, não é meu inimigo, porque eu tenho pessoas que são amigas minhas. Quer dizer, que pelo fato do cara ser torcedor do Campinense pra mim ele não existe? Cara o que é isso? Onde é que tá o direito de ir e vir? A mão e contramão? Quer dizer que eu só tenho direito? O outro também tem cara, tem família. É isso que convém.</p>
<b>NETO</b>	<p>Quando eu comecei a ir pro estádio, não tem muito trezeano na minha família, meu pai era trezeano e mesmo assim me levava. Ai eu ia mais pra “sombra”, era no tempo da Raça Jovem, eu ia quando era criança, pintava o rosto. Você torcer, você tá no meio de torcida organizada naquele tempo ainda era você ser um torcedor muito fervoroso. Depois eu comecei a ir com os amigos, a gente ia mais pra “geral” e foi quando começou a surgir a Facção, ai a gente ia tudo pra Facção, ficava lá pulando e tal. Ai não existia mais aquele negócio de tá pintando rosto, é [...] aquele torcedor mais fervoroso e tal, encher balões, torcer mesmo. Sabia que era bom, era vibrante, mas dentro do campo, dentro do estádio, agora fora havia muita intolerância entre as duas torcidas, tenho muitos amigos rivais e eles mesmos falavam, mesmo você tendo só a camisa do Campinense às vezes eles mesmo assim partiam pra agressão. Eles iam de torcida organizada, isso ai foi afastando. Então às vezes que eu vou pro jogo, pra clássico sem a camisa do Campinense, até por isso mesmo, dependendo de ônibus e só, ai vai afastando mais.</p>
<b>KAIO</b>	<p>Eu comecei a ir pro estádio, na minha vaga lembrança quem me levava era meu pai nos meus cinco ou seis anos. Passou um certo tempo eu não frequentava mais o estádio, mas eu já tinha meu time de coração. A partir daí eu comecei a torcer pelo Treze e a partir dos quatorze anos ou quinze eu comecei a ir só pro estádio. A torcida Jovem e a Facção já existia já e foi no tempo do auge, que era bonita a festa, tanto torcida Jovem como Facção o número de membros era muito grande e no histórico vendia mais camisas que o próprio clube. O espetáculo era show, só que com o passar do tempo, em questão de aliança eu acho que foi o que mais acabou com as torcidas, principalmente com as torcidas Jovem e Facção organizadas foi essa questão de aliança e rivalidade. Os caras se encaram como inimigo, “num” pode ver, é tanto que quando eu comecei a ir só e em casa minha mãe falava: “num” dá mais pra você ir, “num” vá, ai eu ficava dizendo: mãe eu vou pro campo, e ela ficava com o coração na mão porque não sabia se eu ia voltar machucado, ai ela ficava com o coração na mão. A gente ia pro campo, hoje em dia a gente vai pro campo, se for pra um clássico eu tenho medo de ir com a camisa do Treze, como Neto falou, a gente depende de ônibus, a gente já foi muito junto pra o campo e</p>



	ele sabe como é, é aquele terror, a gente fica com receio de acontecer alguma coisa por conta disso.
<b>ALEXSANDRO</b>	Eu não conheço muito a história da torcida. Porque eu fui, eu ia pra campo, deixei de ir por conta dessa questão da violência e tenho vários amigos trezeanos e raposeiros que passaram por situações constrangedoras, chegando até a ir pro hospital. Eu moro num bairro que é dividido pelas duas torcidas e se você é de um lado você não pode passar para o outro lado do bairro a não ser que você conheça alguém que seja “cabeça” da torcida, por parte. Ai eu ia muito pra campo, mas nunca fui pra clássico Treze e Campinense, nem quando vem aliado do Campinense pra cá, aqueles que juntam. Eu também não vou por conta basicamente da violência. Eu peguei um pouco da fala de Kleber e achei interessante quando ele falou que essa coisa das levas de torcedores marginais que “tão” infiltrados nas duas torcidas e da influência que vem das torcidas de fora, porque é o que se vê no futebol, principalmente do Eixo sul, que o que é bonito pra eles é a violência. Então essa influência veio de lá e prejudica o futebol, prejudica o esporte, o espetáculo, a torcida e principalmente os times, porque até a renda cai, porque eu gosto do Treze, sou trezeano e já fui até pra jogos do campinense, mas hoje eu não vou mais pra estádio porque eu prefiro preservar a minha integridade física do que ir pra o campo passar por situações que não são muito boas, onde até a polícia, às vezes age de uma forma repressiva no meio da torcida sem nem saber quem é quem, porque quando tem um tumulto de uma ou de outra, esses marginais se infiltram no meio de quem tá aqui pra assistir o espetáculo.
<b>GUSTAVO</b>	<i>Não se pronunciou.</i>
<b>2- TORCIDA ORGANIZADA E INIBIÇÃO DO TORCEDOR CONSIDERADO “COMUM”: MITO OU FATO?</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Resposta</b>
<b>KLEBER</b>	Não, Não. Em nenhum momento. A briga deles vem já dos bares. Já vem já do esporte, já vem já. É o seguinte, tem um aqui que vai pro jogo e se encontra com fulano, ai briga, ai vai andando, é uma coisa insignificante, mas em momento algum certo? Já passei dentro da torcida Jovem e eles me respeitam, até porque eu respeito eles, nunca eles vieram pra mim, até quando eu era presidente da própria torcida certo? Porque não, inibe não porque o negócio, torcedor comum já vem já de briga de bar, então em momento

	<p>algun eles vão pra o torcedor normal, claro que se você for com a camisa do Treze, com a camisa do Campinense, com a camisa de torcedor norma, eles não vão mais pra cima né? E não vai com a camisa de torcida organizada porque já que sabe que alguém ali já aprontou alguma, já fez algum tipo de baderna e já tão, como se diz, “lapiado” nesses fatos. Mas não inibe não em momento algum né? Até já passei, já passei até com a camisa no meio da torcida Jovem, eu sempre respeitei a todos de lá e até hoje eles me respeitam do mesmo jeito, passa por mim tranquilo, ando em todo ponto, todos os bairros, ou seja, qualquer tipo de classe. Me encontro com os caras, os cara fazem, aquele ali é Kleber e eu fico até com medo sabe? Eu digo vou apanhar agora, mas eles me respeitam e eles sabem, que muitos viram quando eu falei que representava o Campinense. Eu dei uma força, uma ajuda. Então pra mim não existe isso de tá fazendo nenhum tipo de símbolo da facção, nem de Jovem, é tanto que ninguém do Treze nunca me viu fazer, nem cruzando “os punho” nem fazendo “T”, essas coisas, porque isso aí que eles acham que acham que o grande respeito é esse, mas que eu acho que se agora começasse a matar a partir da raiz, não é? Chegar na raiz assim e começar a eliminar, eu acho que dava um jeito nas torcida, ainda tinha um jeito né? Mas também se demorar muito, não vai ter mais jeito não.</p>
<b>FRANCISCO</b>	<p>Não, eu acho que não inibe não. Que o torcedor comum gosta de festa mesmo, ele gosta de festa no estádio, porque aquele que é um cara mais comprometido, mas tem um torcedor mesmo, ele já foi jovem também e sente um pouco naquele momento que ele está também, certo? Agora, eu não vejo por esse lado, agora tem muitos fatores que possa ser alguma, que possa reclamar dessa situação de torcida organizada, mas eu não vejo por esse lado não. Justamente essa parte, que o pessoal nessa questão de rivalidade, né? Pessoas que acha que pode sobrar pra ele, essa parte, e o torcedor comum, ele em toda parte de torcida organizada sempre pesa essa parte. O torcedor comum ele não se mexe, pode ir tranquilo, sem problema nenhum, não vejo por esse lado.</p>
<b>NETO</b>	<p>É[...]Até certo ponto ainda inibe, é como Kleber “tava” falando, os mais velhos respeitam ele, o grupo da Jovem. Mas os mais novos que vão entrando nas torcidas e não tem essa certa tolerância e não sabem o que aconteceu nas raízes da torcida, a amizade que eles tinham, ai a intolerância é grande ainda, até certo inibe ainda o torcedor comum.</p>
<b>KAIO</b>	<p>Eu acho que inibe, porque assim, Kleber já tá envolvido, já foi um dos presidente de uma das torcidas do Campinense, então ele tem mais conhecimento e mais tempo de futebol, a turma conhece mais ele. Só que nós jovens, é [...] quando vamos a campo ficamos com</p>

	receio justamente por isso, porque hoje em dia pelo fato das torcidas organizadas serem de maioria de jovens, eles acham que nós podemos ser integrantes daquelas torcidas também, ou seja, um rivais deles e interpretar dessa forma e gerar algum tipo de agressão, eu acho que hoje o número de torcedores no estádio diminuiu bastante por conta disso, por conta dessa meia dúzia de vândalos leva a fazer isso.
<b>ALEXSANDRO</b>	Acredito que sim, que a presença das torcidas e os fatos que acontecem, assim, inibe porque muitas pessoas como eu. Eu cheguei a deixar de ir principalmente quando é clássico. Quando é jogo de uma torcida só ainda dá pra ir, mas quando é clássico não dá, porque por ser jovem, os outros jovens da torcida não sabe que você é ou não é da torcida e não esteja com a camisa naquele momento. Embora eu acredite que os integrantes das torcidas eles conhecem e evitam se encontrar justamente por esse tipo de coisa. Mas tem que ver por outro viés também, a questão de famílias que deixaram de ir pros estádios. Eu a primeira vez que fui pra estádio fui com meu pai, hoje meu pai não vai mais pra estádio por conta disso, conheço várias outras famílias que deixaram de ir por conta dessas atitudes, eu acredito que sim.
<b>GUSTAVO</b>	Algumas vezes inibe sim, até porque como o pessoal falou né? Tem muito torcedor que ele não vai com a camisa, até por conta justamente dessas brigas de torcida que existe, mas eu acredito que inibe um pouco. Tem gente que não tem frescura como eu disse, em relação a isso. Mas eu acredito que inibe porque como a gente tá vendo essa violência nos estádios acabam, como ele próprio falou, acaba deixando de ir em clássico, tem gente que não vai mais e não vai mais pra jogo algum, mas, infelizmente inibe um pouco, mas por isso que tem essa discussão em acabar com torcidas organizadas. Não sei se isso seria ideal, porque a gente sabe que a briga ente torcida ela vai existir mesmo se você estiver com a camisa ou não. Agora eu acho que o ponto não tá em acabar a torcida organizada, mas nesse caso, acaba inibindo um pouco sim.
<b>3 - PARCERIAS ENTRE TORCIDAS ORGANIZADAS DE OUTROS ESTADOS E ATÉ MESMO DA PARAÍBA: OBSTÁCULOS E BENEFÍCIOS.</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Resposta</b>
<b>KLEBER</b>	Aliança, eu nunca enquanto presidente de torcida, eu vou usar até a linguagem, eu nunca dei moral sabe? Muitas as vezes os próprios integrantes achavam ruim porque vinham gente de outras torcidas de fora pra cá e na linguagem, eu nunca dei moral. Porque

	<p>nunca concordei com isso. Cada Estado tem seu time e se a gente tem a opção de escolher. Em Pernambuco tem vários times, eu escolho uma, isso aí é opção minha, mas pra tá com aliança, é [...] pra os caras que se dizem grandes como torcidas do Santa Cruz, como Inferno, com a Jovem, como a torcida do Náutico que ficam tentando recrutar até marginais aqui, certo? Porque fica incentivando aqui as brigas e depois fica acolhendo. Nunca tolerarei isso, nunca fui a favor disso, quando ia pra fora mesmo sendo aliado nunca procurei ninguém, ia pra o estádio, saía e quem quisesse manter né? Esse negócio de aliança que “mantesse”, mas comigo eu nunca tolerarei não. Não existe, nenhum, o que é que vão trazer de futuro, de bom pra torcida? A não ser incentivo à violência? É a única coisa que eles traz. A ideologia deles é essa. Porque nunca concordei e nem vou concordar, morro e nunca vou aceitar esse tipo de coisa, tá entendendo? Porque cada um torça para os seus clubes lá, e a opção fica certo? Deles vir aqui torcer pelo Campinense ou pelo Treze ou Sport Campina, mas pra tá com essa história de aliança pra tá fazendo apartamento de marginais, comigo isso nunca rolou não. Já chegou o caso de aliada querer me derrubar aqui como presidente, quando eu era da torcida, muitas vezes não dá espaço sabe? A gente às vezes nem tolera, pela pessoa que cada um da gente é. A importância que cada um da gente teve nas torcidas, eu nunca concordei e já chegou um ponto de torcidas de fora aliadas chegar a juntar integrantes pra pedir que me tirasse da presidência, mas só que no dia que eu saí foi por livre e espontânea vontade.</p>
<b>FRANCISCO</b>	<p>Realmente eu não vejo positividade nisso aí não pra eles, porque isso aí é feito, essa questão de aliança, questão de lado “A”, lado “B”, um lado socializa, o outro lado briga e por aí vai, mas eu não vejo nenhum benefício claro pra torcida. Como ele falou mesmo, na realidade os caras só tão importando o que não é bom, se fosse coisa benéfica o negócio “tava” lá em cima. Por falta de aliança não era, eu acho que a coisa tá indo por conta dessas coisas negativas que se foram colocando dentro da torcida, que não é função dela. A função dela pro estádio foi realmente desviada, tá entendendo? Desviada pra outro lado, a função da torcida é de apoiar, de realmente fazer com que motive o jogador a se doar mais e por aí vai, eu não vejo nenhum benefício. Tenho amizade com algumas pessoas, eu me comunico por exemplo, com algumas pessoas da TUF, mas era cara que tinha aquela ideologia na época que eu “tava”, tá entendendo? Não tinha nada a ver.</p>
<b>NETO</b>	<p>Positividade até hoje nada. Só rivalidade entre torcidas e influências mais ainda. Cada um tem o seu e o que vale é torcer pelo time de seu Estado. Como Kleber falou, eles vem influenciar coisas que aqui não existiam. A Facção, como Kleber falou, até</p>

	certo ponto era aliada com a Jovem. E com esses negócio de torcida organizada a rivalidade entre aspas começou ainda mais.
<b>KAIO</b>	Só negatividade, pelo fato delas que começou essa guerra. Cada um, acho que cada um do seu Estado deve torcer para seu clube do seu Estado e deixar a outra torcida para lá. Não adianta você fazer uma aliança da torcida do Treze com a do Santa Cruz, se “num” campeonato futuro o Treze vai tá jogando com o Santa Cruz. Então não vejo o porquê de você não apoiar o time do seu Estado. Mas aliança, até mesmo porque o Estado de Pernambuco ser mais desenvolvido, ter um futebol mais estruturado, é [...] mais avançado, vejo que esses outros Estados trouxeram a violência pra cá. Aí digamos que duelavam lado “A” contra lado “B”, não vejo nenhuma positividade.
<b>ALEXSANDRO</b>	Realmente eu não entendo como se dão essas alianças das torcidas, mas eu vejo que não traz nada de benefício porque, essas torcidas que se aliam com torcidas da Paraíba, que é um estado muito menor. Elas procuram um local, pra quando elas vieram jogar aqui elas terem o apoio da torcida local pra proporcionar a violência que elas trazem. Só vejo isso, não vejo nada de positivo, não entendo como se dá essas alianças.
<b>GUSTAVO</b>	Eu vou na opinião dos colegas aqui, também acho que não tem benefício nenhum não, e essa questão da aliança infelizmente eles estão se aliando pra excitar a violência. Se fosse pelo menos pra ajudar a torcer, mas se fosse pra ajudar a torcer ele tinha que torcer pro time dele. Então cada um tem seu time na sua cidade. Eu acho que não tem benefício nenhum.
<b>4-FALE SOBRE A INFLUÊNCIA DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NO ESPAÇO URBANO DE CAMPINA GRANDE.</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Resposta</b>
<b>KLEBER</b>	Eu vou começar logo como eu tinha dito, hoje a gente não tem torcida organizada, então hoje a gente tem pessoas com as mentes desviadas que usa o nome das duas torcidas, que se acabaram faz tempo, mas que isso mantém de pé só com pessoas desordeiras e que procuram o espaço público e a ocupação, não é? Em bares, pichações, brigas, é briga em escola, mortes, que já aconteceu e hoje ninguém tá dando uma resposta, ninguém. A sociedade encobre porque as torcidas organizadas hoje se tornou um celeiro, e muita gente acha que torcida organizada é um celeiro de marginal, mas não é, porque tem muita gente de bem ainda dentro das torcida organizada, que tentam, não é? Levar, incentivar pra que não vá e a gente vê ai, nos bairros é briga, briga dentro dos

bares, é pichações, é briga dentro de transporte público, é uma série de coisas que, como eu tinha dito, que induzem pra isso meia dúzia de “maloqueiros” que usam dos nomes da Jovem do Galo e da Facção Jovem só pra fazer o que não presta, porque ai tá livrando eles, porque quando a imprensa vai em cima, num diz assim: Foi Kleber, foi Francisco, foi Jefferson, Gustavo não, diz que foi Facção Jovem ou foi Jovem do Galo. O impacto é maior, agora só que o impacto vai pra quem não tem nada a ver, só quem “paga o pato” é o nome né? Porque já tá numa decadência tão grande, porque leva o nome e os cara hoje rouba, foi quem? Não foi Kleber, não foi Jefferson, não foi Gustavo, foi quem? Foi Facção Jovem e Jovem do Galo, matam ai foi quem? Nem foi Kleber, nem foi fulano, nem foi beltrano, foi Jovem do Galo, foi Facção Jovem ou Jovem do Galo. Vai pegar um revolver, vai pegar uma faca, facão e vai atirar em todo mundo? O nome que foi criado né? Eu acho que nem sei mais. Grêmio Recreativo Sócio-Cultural Torcida Organizada Facção Jovem, já tá dizendo, o nome já tá dizendo que é de cultura, de apoio, de incentivo. Ai será se esse nome que tem tudo isso vai sair de errado, eu digo que o ministério público bate errado, eu digo que todos tão batendo errado porque quando acontece as coisas é Facção e é Jovem do Galo, num diz que é fulano, não diz que é beltrano. Quem foi? Será que aquele “galozinho” que tem no emblema da Jovem, será se aquela raposinha que tem no emblema da Facção, será se é eles que “tão” saindo dos escudos e matando o povo? Dando facadas, batendo, será? A cidade hoje ela se comporta, a maioria, muita gente, é espanto, faz um espantalho em nome do clássico. Porque toda vez agora que tem clássico, briga dois “bebo”, vamos dizer, tá dois “bebo” brigando na feira da Prata, um tá com a camisa do Treze e outro tá com a camisa do Campinense, ai os dois “bebos” briga uma semana antes, ai começa o “tirinete”, ai “num” diz dois “bebo” brigou não, ai diz: briga de torcida organizada já começou esquentar clássico, ai aquilo ali amigo, pra quem vai pro clássico. O cara já tem medo hoje com a marginalidade no normal, independentemente de torcida, que já tá um caso tão sério, o cara já anda com medo, hoje em dia o cara tá com medo até do vento, aí começa a semana todinha na televisão e os dois “bebim” brigou, brigou por causa de uma “lapada” de “cana”, porque um “tava” com a camisa do Treze e o outro “tava” com a camisa do Campinense, ai começa o carnaval de briga de torcida que foi isso, que foi aquilo. Eu não digo que é uma crítica a imprensa não, porque a imprensa tá fazendo o trabalho dela, sabe? Eu vejo assim, que muita gente e até um pouquinho a imprensa também veicula, porque eu vejo assim, que quando a polícia vai, alguém vai e o cidadão vai, a gente mesmo se tiver passando e tiver dois galos tiver brigando aqui, um com símbolo do Campinense e outro com do Treze, dois galos tiverem brigando os caras vão dizer: oh! Briga de torcida, ai aqui eu já chego pra Gustavo que é da imprensa e digo: Mas Gustavo tinha dois galos brigando ali, um com escudo do Campinense e outro do Treze, era briga de torcida, aí às vezes a

	<p>gente mesmo faz um carnaval tão grande nas coisas que termina tomando uma proporção maior do que se espera, ai já pega uma maioria da imprensa que tenta, não é? Porque tem raivado Presidente do Treze, porque tem raiva do presidente do campinense, ai começa a se aproveitar disso, ai começa a se definir, aí o clássico, a tendência é só que aqui em Campina Grande, Treze e Campinense é um nome tão forte, tão forte que se tiver um tsunami ou se tiver uma guerra do Iraque, fica só os dois, morre “tudim” e fica só os dois.</p>
<b>FRANCISCO</b>	<p>Veja só, acredito que essa questão do clássico já começa as provocações nas mídias. Os caras hoje “tão” tudo na “lan house”, em casa, no celular, tá ali, conectado e tá ali provocando o outro. Agora se você vê os “brabo” de internet, uns “muleque” desse tamanho, que tem quatorze, quinze anos que ele é o terror, tá entendendo? Aí fica excitando isso aí, e isso vai instigando o outro lado também, tá entendendo? Quer dizer, fica essa provocação sim, agora que se respeitassem o direito do outro, rapaz, seria uma maravilha, porque eu acho muito bonito. Eu não queria nunca que acabasse a torcida, eu queria que tivesse a festa, agora a violência. Pra mim a torcida no estádio é uma festa, fora é uma lástima. Fora do estádio é um pouco tenso a realidade, não é pouco não, é tenso, principalmente pra quem vai caracterizado. Já vi muitos relatos desses de briga, confrontos. Isso aí é notório né? A gente sempre tem a notícia pelas mídias mesmo.</p>
<b>NETO</b>	<p>Campina Grande funciona em dia de clássico, principalmente nos bairros ao redor, muita gente sai de casa, esse negócio de arrastão, há briga entre torcidas que marcam em internet, essas coisas. Muita gente não quer vir pra integração pra pegar um ônibus pra não se encontrar, que às vezes tem briga e todo mundo já sabe, na mídia passa direto aí, briga em ruas próximas, na integração, em ônibus e quando é dia de clássico muita gente não quer nem passar perto desses cantos.</p>
<b>KAIO</b>	<p>O clima da cidade é muito tenso, há uns cinco anos atrás era um clima de festa, nós nos juntávamos à turma de amigos, trezeanos com raposeiros ia pra o campo e quando chega lá no campo, toma teu rumo, vai pra teu lado que eu vou pra o meu. Hoje em dia o clima tá muito tenso por causa da violência e a história da Torcida Jovem e a Facção se juntarem pra sair, como fala “arrastão”, todo mundo andando em direção até o campo e as pessoas evitam de se encontrar. Não “vamo” por aqui não porquê desse lado tá passando a turma do Treze. Realmente o clima fica muito tenso.</p>
<b>ALEXSANDRO</b>	<p>A cidade muda totalmente sua dinâmica, muda transporte, muda trajetos, as pessoas preferem evitar confronto, preferem evitar sair de casa próximo ao horário do jogo, principalmente as pessoas das imediações do estádio. A cidade muda bastante, e mudava</p>

	<p>mais, o clima interessante era dia de festa, só que hoje a gente não tem mais esse tipo de coisa, pelo menos eu percebo assim, a cidade muda, mas muda pra pior, fica um clima tenso.</p>
<b>GUSTAVO</b>	<p>É um dia diferenciado, eu já cheguei assim a cobrir vários “Treze e Campinense” e sai para fazer matéria de comportamento, que é justamente o comportamento da torcida antes, durante e depois do clássico. A gente já saiu pelas ruas, já pegou família com camisa do Treze, outra do Campinense, filmamos antes, tal e o clima era um clima digamos que alegre, isso bem longe do “Amigão”. Aquela expectativa de você tá com a família, tal e quando vai pro estádio cada um vai pra o seu lado, só que quando chega no estádio nas proximidades do “Amigão” aí já muda, aí quando você vê é cavalaria pra um canto, é sacudindo pedra, briga, então tem que tomar cuidado, é um clima alegre, mas depois pode ficar triste. É um clássico da gente, das nossas multidões, né? Mas é um dia assim, pesado, Treze e Campinense é, principalmente no pós-jogo, quando a gente já ta no estádio chegando até aqui próximo, vê briga, morte, aí é um dia difícil sabe? Agora com relação às torcidas organizadas que eles “tavam” falando. Por mais que a torcida faça festa bonita no estádio isso não marca quando tem uma briga ou confusão é o que fica, principalmente para imprensa. Então o que a gente vê no youtube de torcida, de bandeirão é uma coisa fantástica, incrível. Só que a notícia que vai pra mídia, principalmente se tiver uma briguinha é a confusão que o jogo causou, aí é quando se fala se a imprensa tá querendo fazer a espetacularização da notícia, mas é a realidade, infelizmente, bota um título diferente pra poder chamar, pra vender jornal, pra poder atrair o leitor, mas a informação que entra não pode ser mudada, então assim, a nossa realidade é um clima pesado, o clássico Treze e Campinense têm que tomar cuidado. Por isso que muita gente deixou de ir.</p>
<p><b>5-RELATE SOBRE FATOS QUE MARCARAM A PARTICIPAÇÃO DA TORCIDA ORGANIZADA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE.</b></p>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Resposta</b>
<b>KLEBER</b>	<p>Tiveram muitos fatos né? Na minha gestão pelo menos ponto negativo eu dou graças a Deus que foi muito pouco. Muito mesmo, não me recorde de nenhum na minha gestão enquanto presidente, mais pontos positivos a gente teve várias doações de sangue, de donativos a gente fez arrecadação, não era o esperado, mas sempre foi, porque às vezes até a gente tenta ajudar também, e a própria imprensa e a população diz: não! Tá fazendo isso porque tá querendo aprontar alguma, tá querendo aparecer. Muitas vezes, vai fazer 20 anos que estou dentro da torcida organizada né? E muita gente dizia, e faz até aposta às vezes, quando chega perto de ano eleitoral, muita gente faz e tá fazendo isso tudinho porque vai ser candidato. E nunca passou e já fiquei</p>



até em vários partidos de uma vez só e nunca passou pela cabeça isso, mas que às vezes a gente quer ajudar mas às vezes a gente é atrapalhado. Deus fez tudo pra mim na hora certa, só não me converti ainda por causa do futebol, eu acho que às vezes o que ta pesando mais é isso. Mas Deus fez pra mim tudo na hora certa, né? Tirou na hora certa da torcida organizada, certo? E foi quando começou essas “brincas”, esses acontecimentos, facada vai, facada vem, então eu “tava” a uns dois anos atrás, “tava” em casa, eu acho que eu passei uma noite todinha acordado e peguei um caderno do meu menino que “tava” dormindo, eu a noite todinha comecei, eu vou até procurar esse caderno pra ninguém pensar que é conversa, eu passei sabe? aí eu peguei uma folha aí fiz um risco no meio, aí coloquei de um lado “T” e um “O” de Torcida Organizada, do outro lado eu coloquei um “V” e um “F”, que você pode até tá se perguntando o que é o “V” e o “F”? aí eu botei Vida e Família, aí eu comecei a fazer de um lado, aí botei as coisas boas de torcida e as coisas boas de família, aí botava de um lado. Aí depois eu fiquei, quando eu fiz tudo isso numa noite toda assim que Deus clareou, assim aí fiz, passou a noite todinha, sem demagogia, aí fiquei, aí botava, aí comecei pensar desde o primeiro momento minha vida de torcida, o primeiro ponto foi uma pistola “nos peito”, não do adversário, mas do próprio torcedor do Campinense Clube, aí botei minha vida, aí nada, aí sempre “tava” dando algum problema em torcida e minha vida nada, torcida alguma coisa e minha vida nada. Aí eu olhava o que eu fiz de errado na minha vida pessoal, nada, estava até um verbo negativo, aí vinha aqui pra torcida tinha problema, inimizade, que a maioria de minha inimizade era dentro do próprio Campinense, de brigas dentro do Campinense, na minha vida pessoal nada, aí eu cheguei a um ponto de dizer: “peraí”. Aí nessa noite fiz um “X” aí depois tirei o VF e disse agora eu vou viver. Chegava um final de semana meus filhos cobrava minha permanência, nada. Em casa, nada. Porque eu envolvido com Campinense, aí era viagem, jogo dentro de casa, aí vinha briga, vinha isso, vinha aquilo, vinha aquilo...Aí quando chegou a um certo ponto aqui que eu somei, analisando como diz o meu menino na imaginário eu digo: Sabe de uma coisa? Não dá mais não! Aí “tava” pra sair mesmo, é tanto até ta perguntando: Kleber como tá sumido não é? É porque a gente vai chegando um ponto certo? Que é tanto problema, e a gente acha que é tanto problema na vida pessoal que a gente absorveu um problema sem nenhum futuro, que a pessoa faz, faz e nunca chega um pra dizer: Valeu! Quando chega é pra dizer: ladrão, “cabra safado”, tú tá fazendo isso, tá roubando. Agora a gente procura o roubo, não é? Procura vê e ninguém acha! Trocou de carro! E eu tô com um negócio que trocava de carro de dois em dois anos agora eu tô trocando de seis em seis e olhe, olhe! Aí chegou um ponto que eu “tava” acabando tudo meu, aí pra mim fazer uma festa bonita pra torcida eu usava meu dinheiro, meu salário, dinheiro da economia, saia usando tudo! Ninguém ajuda torcida organizada mais! Ajudava quando era Francisco, quando era Júnior “Oião”, que ainda teve uns “problema”, que era

	<p>Jucileto, que era os meninos que foi da fundação naquele tempo quando, aí depois até eu depois que eu passei, pra que a Facção, comecei a me desgastar, porque era problema, tinha uma briga, quem é o presidente? É Kleber. Tinha isso, tinha aquilo, era assim. Aí eu dei um “bosta”, aí tava chegando de um passado pra cá, conversei com o presidente e disse: Presidente vou dá um adeus a torcida, quero ficar só na arquibancada e “olhe olhe” porque eu tô querendo vê até se me afasto pra vê, aí ele disse a gente tá precisando muito de você. Esse ano eu tinha feito um trato comigo que era pra não me envolver mais com torcida, mas pela necessidade que o Campinense está pela precisão não fez com que eu me aposentasse agora. Que eu tenho dito que vou me aposentar de torcida, e vai ser igual eu fiz com a organizada é “PEI BUF”, porque a gente não pode tá só vivendo de torcida e deixando, porque eu tenho uma filha de dezoito anos e se você me perguntar o tanto desses dezoito anos dela que eu participei da vida dela, ela vai dizer que eu fui uma negação. Porque, por causa de Campinense. Se não fosse a violência eu queria chegar com cem anos e no lugar de balançar a bandeira balançar a bengala.</p>
<p><b>FRANCISCO</b></p>	<p>Positivo foi realmente o que eu tinha dito a festa que a torcida proporcionava e as amizades que foram feitas, até hoje a gente tem essa amizade, as pessoas que fazem parte, integrantes e as ações sociais que proporcionavam também, tipo dia das crianças, natal, sempre fazia alguma coisa, pra São Vicente de Paula, cesta básica, esse tipo de coisa, claro, essa era a coisa positiva.</p>
<p><b>NETO</b></p>	<p>Infelizmente não é? Sempre briga. A gente vê morte, morte até de colegas, amigos, pessoas que estudaram comigo, briga entre eles mesmos, assim e você não pode fazer nada. Vê perto de casa lá, vê muito isso, é briga de torcida, às vezes amigos de infância perde a amizade por conta de Torcida Organizada, negócio que não tem nada a ver. Só o que marca mesmo é mais isso. As ações sociais é bom, mas o que marca mais é briga, morte. Pontos positivos é isso, é ações sociais, mas é se você foi pegar hoje em dia no youtube é muito difícil ter uma filmagem de torcida distribuindo brinquedos, doando sangue, vai ver mais as torcidas brigando, até morte mesmo.</p>
<p><b>KAIO</b></p>	<p>Eu não acompanhei o ponto positivo das torcidas que teve e eles tão dizendo, que eu sei que era antigamente, não só eles como outras pessoas mais velhas falaram e a torcida era unicamente festa e não tinha nada de violência. Eu tô acompanhado o hoje, pelo fato da minha idade ser mais nova, tô acompanhando o ponto negativo. É tanto que eles viveram um ponto positivo e são</p>

	homens de bem, você vê que são homens de bem, tão dando a cara aqui, tão falando e tão debatendo o que eles viveram.
<b>ALEXSANDRO</b>	O que marca as festas que a torcida até hoje ainda faz no estádio, um espetáculo bonito e a questão da violência que é mais marcante do que as próprias festas.
<b>GUSTAVO</b>	Rapaz como eles falaram, a questão da violência infelizmente marca né? Qualquer período né? Claro que antigamente tinha violência também, mas em menor proporção e a questão de ponto positivo que eu me recordo é aquelas charanga no estádio, a própria torcida, quando de um lado a torcida do Treze começava a gritar e a outra torcida também e ficava lindo o estádio né? E sempre que falava em torcida organizada um ponto que chamou a atenção na cidade foi no ano de 2008 que a Campinense subiu pra série B do brasileiro que a torcida esperou o time chegando de João Pessoa e lotou aquela Avenida toda sabe? E tem muitas fotos, vídeos que registram isso e foi muito bonito. E naquele dia que o Treze foi viajar pra Goiânia, eu acompanhei, eu fiz a matéria, Avenida Brasília também lotada com o ônibus indo pra João Pessoa. Então assim, são as coisas que marcam, coisas bonitas que a gente quer que sempre fiquem, que aconteçam mais vezes infelizmente a violência acaba tirando o brilho e sendo o ponto negativo da história.
<b>6-COMENTE SOBRE AS MÚSICAS DAS TORCIDAS ORGANIZADAS E A VIOLÊNCIA: MITO OU FATO?</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Resposta</b>
<b>KLEBER</b>	Eu não gosto nem de comentar. Nem quando eu era presidente, porque eu “num” perdia meu tempo aliás não perdia nem às vezes meu tempo de estar perto pra ouvir nenhum tipo de música. Eu tô falando de músicas cantadas no estádio, músicas de torcida, e hoje se você pegar hoje faz até “nojo”. É um tipo de apologia. Então, mesmo como presidente, nunca concordei e cheguei até às vezes proibir que fossem cantadas, em arquibancadas. Porque o que o torcedor vai “pra li” uma tarde ou uma noite, o torcedor vai “pra li” pra se descontraír, depois de um dia de trabalho, um final de semana, aí chega, aí tem música, aí vem “fumar maconha, roubar, matar”, eu faço uma pergunta a você: Você quer escutar isso? Sou totalmente contra.

<b>FRANCISCO</b>	<p>Realmente não é uma música de boa qualidade. É uma música que só excita a violência, há coisas que realmente desviam totalmente da função de que é função da torcida organizada. É por aí. Em Natal, uma viagem que nós fomos pra lá em Natal e aqui no início da torcida, quando eu entrei no início da Torcida Jovem aqui, a própria polícia não tinha experiência de vivência com torcida organizada, porque era uma coisa nova. E a gente cantava aquela música: Ninguém me segura, nem a PM, aí falava na polícia, nem a civil nem a PM, ta entendendo? A gente cantava, cantava aqui e não tinha nenhuma reação da polícia militar. Aí nós fomos pra Natal e o pessoal já tinha experiência lá com torcida organizada e eu tava nesse ônibus que eu fui com a Torcida Jovem e era Treze e ABC e na hora lá começamos a cantar essa música, o choque tava com isolamento lá, cordão de isolamento e era a gente cantando no “vai vai” e “vem”, na hora do “vai” foi na hora que eu saí e os “cara” “vei” e deu em mim com aquele cassetete que eu caí, eu juro a você, passei uns dois anos dormindo só de um lado. Aí depois foi que a polícia foi pegando, foi tomando com a polícia de outros Estados e foi diferente.</p>
<b>NETO</b>	<p>Músicas de incentivo é pra ser cantada, agora o cara vai com uma criança pro estádio, Kleber leva o filho dele não vai querer que o filho escute negócio de droga, violência, matar “num sei quem”, não vai querer né? Quando chegar em casa vai querer bater no menino.</p>
<b>KAIO</b>	<p>Com certeza, existem os gritos de, as músicas de apoio, de incentivo ao time e as que incitam a violência. No clássico mesmo Treze e Campinense os caras só incitam a violência. Não assiste nem o jogo “fica” um olhando pro outro dando o dedo e gritando: ei vai tomar “água”. Só isso, não assiste nem o jogo. Então é importante que as pessoas se conscientizassem mais em ir pro estádio, ir gritar, apoiar o time, apoiar o clube, empurrar o clube para ele ser vitorioso, assim não dá.</p>
<b>ALEXSANDRO</b>	<p>Às vezes tem músicas que incitam a violência até mesmo dentro da própria torcida. E aconteceu um fato comigo, que tem uma hora que tem uma música que você tem que pular e gritar, se não fizer a mesma coisa que eles tão fazendo eles ameaçam bater em você, então ou você entra naquela coisa ou você termina apanhando.</p>
<b>GUSTAVO</b>	<p>Rapaz é como Neto falou. As músicas elas tem muito palavrão né? E você que vai com seu filho pro estádio não tem como tampar o ouvido dele e assim, infelizmente não tem como mudar. Eu “tava” até conversando com Kleber aqui hoje em dia uma música que o Botafogo canta ela é em parecida com a que o Treze</p>

	<p>tá cantando, e já vaio dos times do Rio, e assim não criatividade sabe? A mesmo coisa, não tem criatividade, eu não prestei muita atenção pra ver, muito palavrão sabe? Então assim, hoje em dia é muito palavrão sabe? Não tem criatividade. Eu gosto quando o time canta, chama o Galo e a Raposa, o hino às vezes, tal, mas a maioria não tem como a gente escutar, é só palavrão.</p>
<b>7- O IMPACTO DA TORCIDA ORGANIZADA E SUA INFLUÊNCIA NA MOBILIDADE URBANA DE CAMPINA GRANDE.</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Resposta</b>
<b>KLEBER</b>	<p>Hoje é um terror, porque se faz um arrastão hoje, aí vem um arrastão completo vem com quebra-quebra, com roubo, com que não presta, com morte, é um arrastão mesmo. Eles saem passando o rodo em quem tiver na frente. Só se tiver couro de jacaré, mas que o impacto hoje, ele hoje é tanto que antigamente a gente ainda acompanhou ele saia lá do Renatão colocava duzentas, trezentas, pessoas na torcida organizada. Uma vez fiz que até pra sair cantando no “gogó” era ruim, a gente teve que chamar as pressas um mini-trio, saia, atraia, fazia carreata, animava, hoje você. Hoje, torcida organizada hoje eu não digo nem torcida organizada, os integrantes das torcidas certo? É uma coisa tão maléfica no mundo que atrapalha em tudo. Antigamente a gente fazia uma carreata, não tinha problema passava por torcedor do Treze, era só aquela brincadeira e: “Tú vai perder, tu vai ganhar” [...] era só isso e pronto. Era uma carreta, você saia. Hoje em dia os carros de som não quer rodar e disser Campinense ou Treze os caras “cobre na pedra”. Então hoje tá um caso sério, agora como eu disse, só meia dúzia, quando pegar essa meia dúzia que dê um “arrocho bom”, quando pegar na raiz. É igual a um “pé de castanhola”, você pode verificar que ela tem “seis raiz arruando ela”, pronto se cortar ali, do mesmo jeito hoje é as torcidas organizadas, não passa de 6, de meia dúzia, que fica incentivando, que fica fazendo isso, que fica fazendo crime. Ninguém sabe nem o nome. Só sobra pras pobres das torcidas. Eu vou dá um conselho é melhor ir de helicóptero agora, você chega lá e desce escorregando pronto, fica lá e pra sair do mesmo jeito, que hoje pra ser sincero, se não tomar uma providência. Eu tô aqui hoje, eu já tô preocupado dois meses na frente. Porque hoje tá bom que a maioria dos jogos que tão acontecendo aqui em Campina é tudo sem torcida, é só de uma torcida só, por isso que tá a maior tranquilidade, mas no segundo turno quando vier Botafogo e quando vier Treze, sai da frente que é melhor que esse campeonato pare ou acabe, porque se não o “tirinete” vai ser grande. Só vai se lembrar quem escapar. Na facção até nota fiscal tinha, se você faz uma doação você recebe ali uma nota como doador, você vai tá isento de impostos de renda, e Francisco tocou</p>

	<p>a um ponto aqui que eu vou “escavar” para mim ver se tem alguém que está usando, certo? Porque tem que abrir um CNPJ, ter conta em banco, tinha tudo[...]Eles estão sempre no caminho errado, porque quem tá sendo cadastrado, tem gente que nem pro estádio vai, e realmente que era pra tá cadastrado não pode se cadastrar, não pode nem passar na porta da delegacia, os que não estão cadastrados estão cadastrando pessoas e tem muitos que não tem nada a ver, só pra tá legalizado, agora se pegarem mesmo, e disser assim: tu tá trazendo isso aqui, onde é que tá teu nome aqui? Aí o cara vai “gaguejar”, agora é como eu digo: A polícia, o ministério público e polícia civil tão indo no caminho errado.</p>
<b>FRANCISCO</b>	<p>Com certeza, realmente é um dia complicado, tenso. Agora o que acontece também é que a torcida organizada ela é uma empresa, só que hoje é uma empresa irregular. Se você pegar uma diretoria de uma torcida organizada hoje você chega lá na Torcida Jovem, na Facção, a Fúria do Botafogo, alguma coisa e você procure, são registradas, são empresas, agora você procure a diretoria se é registrada em cartório, porque no ano que eu fui, dois anos que eu fui diretor, foi a única diretoria registrada da Torcida Jovem que teve, eram 13 pessoas, todas registradas em cartório, então não existe uma responsabilidade por trás disso, o que não acontece com essas pessoas hoje, certo? O cara tá lá, não é porque é presidente, hoje Jefferson amanhã Jordânia e mudou é? É assim? Não tem estatuto, não tem nada. Na época não tinha isso, pra ser sócio o cara só era sócio contribuinte, só pra ter desconto em material da torcida. Agora hoje, o que é que acontecer no meu conhecimento, o ministério público exigiu que no mínimo cem pessoas fossem cadastradas certo? E eu tenho o conhecimento que o ministério público e a própria polícia tem, como se diz, tá com um vasto material desses “baderneiros” e infelizmente não age. O cara já tem “bronca” aí vai botas os dados dele “tudo”. Eu só acho uma coisa, que a autoridade chega aí faz, dá uma entrevista, a Torcida Jovem, tanto a Facção, existem homicidas, assaltantes, tá entendendo? Existe isso “tudo” e o cara não vai lá investiga? O que é que tá acontecendo? É uma omissão por parte deles. Porque não tira esse pessoal de lá?</p>
<b>NETO</b>	<p>É [...]o transporte público já não é essas coisas todas e você vê, as empresas diminui até a frota de ônibus porque fica com medo de quebrar o ônibus, essas coisas. Aí você vai pro estádio, é ônibus lotado, e você vai pra outro canto, pra sair do estádio demora, essas coisas todas, as ruas, vários arrastão, “num” tem controle dos órgãos pra desviar o trânsito, essas coisas. A mobilidade é quase zero. Pra quem vai de ônibus, há isso ainda, briga de torcida. Antes você ia de carro, botava a bandeira, ficava</p>

	<p>buzinando no meio da rua, você fica com medo, de você botar a bandeira passar “num canto” e levar uma pedrada no carro.</p>
<p><b>KAIO</b></p>	<p>Fica tensa, a gente sai de casa, o jogo é de quatro horas, sai de casa de uma da tarde pra chegar no campo. Vem pra integração entra uma turma da Torcida do Treze, vamos supor, a galera vai tudo gritando. Quando chega no meio do caminho, é galo, é galo, aí a turma de fora no meio da rua, do Campinense, aí começa jogar pedra, aquela arruaça toda. Aí às vezes ali tem uma pessoa que não vai nem pro campo e sofre as consequências. É complicado, é muito tenso. É praticamente um esquema que o torcedor, principalmente que vai de ônibus se ele for com a camisa ele vai com uma reserva pra esconder o time que ele torce, aí faz um esquema quando terminar o jogo a gente espera tal ônibus, porque a gente tem que prever se a galera vai tá lá na frente. [...] Se vai ter confronto.</p>
<p><b>ALEXSANDRO</b></p>	<p>Eu acho que muda um pouco a mobilidade da cidade. Como Neto falou o trânsito já não é lá essas coisas, diminui a quantidade de ônibus, os ônibus ficam cheios e prejudica a mobilidade da cidade. Sem contar que não há nenhuma fiscalização, não há nenhuma regularização do trânsito nas imediações do estádio. Nem quando tá chegando, nem quando tá saindo. Fica aquele aglomerado de carros e pessoas nas ruas, tanto pra quem vai a pé, pra quem vai de moto ou de carro de passeio.</p>
<p><b>GUSTAVO</b></p>	<p>Rapaz, é como Neto falou, às vezes muitas vezes as empresas diminuem as frotas de ônibus por conta justamente dessa quebradeira. Antes não, às vezes eles colocam ônibus à disposição, tal, mas principalmente após o jogo e doido é de quem entra ali, num ônibus daquele pra voltar pra casa. É o seguinte, principalmente quando tem Treze e Campinense o pessoal procura se reunir numa sexta-feira pra discutir como é que será o acesso de torcedores. Porque os torcedores eles gostam de ir ali andando, com cerca de 50 torcedores, então a polícia tem que tá atenta pra onde ele vai, determina pra onde o outro vai, a questão da mobilidade urbana, com a STTP, já organiza o trânsito, então é diferenciado de ônibus também só que, a questão do ônibus que a gente fala né? Muitos deles a gente afirma até quebra-quebra, até aqui na integração também, antes do jogo, depois do jogo, então assim é perigoso né? Essa questão da mobilidade infelizmente é ruim. Quem tiver carro, tem que ir mais ainda com risco né? Se você chegar lá, o carro ser arranhado, furar o pneu. Só se morar perto e se for com muita gente. Tem muita gente que mora ali perto do Amigão. Meu tio e é raposeiro, ele mora próximo e vai pra casa da mãe dele, aí de lá ele vai andando mas ele vai só. Mas assim, eu acho perigoso a pessoa ir só. Se juntar</p>

	uns cinco, dez amigos e assim, e principalmente ir sem camisa né? Sem camisa de torcida.
<b>8-A POLÍCIA, OS TORCEDORES, OS CLUBES E AS TORCIDAS: COMENTE SOBRE A RELAÇÃO DESSES SEGMENTOS IDENTIFICANDO EVENTOS QUE MARCARAM ESTA RELAÇÃO.</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Resposta</b>
<b>KLEBER</b>	<b>Não se pronunciou.</b>
<b>FRANCISCO</b>	Realmente né? O torcedor ele vive muito assim. O policial, ele olha para o benefício dele de só receber o dinheiro trabalhando. Porque durante a partida os serviços que são oferecidos pra ele são de péssima qualidade, a começar pelo transporte público, a polícia mal preparada, tá entendendo? Para lidar com os problemas dentro dos clássicos certo? Então, nível complicado, a questão do estádio, o sanitário. Você vai com sua namorada meu amigo, você vai passar vergonha, se for no sanitário, os caras urinando nas escadarias é total desrespeito, o cara vai porque realmente ele gosta do evento, mas realmente o serviço é de péssima qualidade.
<b>NETO</b>	Polícia não tem qualificação pra lidar com isso, eles tentam, mas banalizam tudo e o clube também. O clube quer que o torcedor vá a campo, mas não quer saber como eles estão. Até Federação, Ministério Público não tão nem aí. Quer saber de dinheiro que tá entrando pra eles a gente vê. Já tive em campo, já vi muita briga, polícia bater em quem não tem nada a ver, até porque tá com medo, mas não tem nada a ver, e quando chega lá, bota todo mundo num “comboio” só, como se fosse todo mundo da mesma “laia”. A gente sabe que muita gente tá ali pra ver o time, tem gente que fica de costas pro jogo e incentivando os outros e quando a polícia fala que tem isso dentro das torcidas, mas não faz nada pra coibir.
<b>KAIO</b>	A relação ente clube e torcida. Creio eu pelo “andar da carruagem” o presidente do clube não conhece o presidente da torcida organizada. Eu acho que ele deveria ter uma relação de haver reuniões, entrar em consenso pra que o clube não seja prejudicado, pra poder resolver essa situação e ter alguém responsável, alguma pessoa tem que chamar a responsabilidade pra tentar resolver, e se não fizer isso, lamento.
<b>ALEXSANDRO</b>	<b>Não se pronunciou.</b>



<b>GUSTAVO</b>	<b>Não se pronunciou.</b>
<b>9-TERRITÓRIOS E TORCIDAS: O DINAMISMO EM DIA DE CLÁSSICO DOS MAIOAIS.</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Resposta</b>
<b>KLEBER</b>	<b>Não se pronunciou.</b>
<b>FRANCISCO</b>	Na realidade, em dia de clássicos, cada um vem com sua, como chama os “bondes” das suas áreas, Zona Oeste, Zona Leste, Zona Sul e cada um tem seu grupo e eles se juntam e saem, ou vem pra sede, no caso, e sai de “arrastão”, o que realmente acontece e vai a escolta da polícia e vai pro outro setor já pra evitar confronto com o caso, como seria com a torcida do campinense. Mas é basicamente isso aí cada setor da cidade tem seu foco, tanto de um lado como do outro, não tem específicos, onde aqui tem mais ou aqui tem menos. Cada zona da cidade tem seu foco do campinense ou foco do Treze.
<b>NETO</b>	A gente vê mais assim, por zona. Hoje em dia cada zona tem seu grupo de torcida e se, se encontram é briga. São José e Liberdade, que eu já conheço bem. Ficam muitos torcedores do Treze “pela aquelas banda”, ai vem “Zé pinheiro”, torcedor do Campinense, o cara vê mais. Zona Leste.
<b>KAIO:</b>	Isso aí, as zonas se juntam em determinado local, no estádio, no campo do clube ou na sede da torcida, pra poder ir ao estádio.
<b>ALEXSANDRO</b>	<b>Não se pronunciou.</b>
<b>GUSTAVO</b>	<b>Não se pronunciou.</b>
<b>10-O PAPEL DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NA CONSOLIDAÇÃO DA IDENTIDADE DO TORCEDOR.</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Resposta</b>
<b>KLEBER</b>	<b>Não se pronunciou.</b>
<b>FRANCISCO</b>	Tem essa questão de você, a forma de você adquirir o respeito dos demais, de se destacar. Você é um cara que tem, como se diz, ideologia pra tá enfrentando aquilo e a todo custo. A ponto de você tatuar seu corpo todinho com as siglas da torcida, basicamente é isso aí, seguir essa linha do respeito dos demais e um contato maior com as torcidas de fora, no caso, as aliadas, que curtem muito essa ideologia.

<b>NETO</b>	Assim, você usa uma camisa do Campinense muitos pensam que você é da Facção e vice-versa. Muitos ainda, eu vi muita agressão só porque “tava” com a camisa do Treze ou da Camisa do Campinense, e identidade assim, de identificar torcedores não existe não, isso é conversa. Eu fora da Paraíba, eu vi fora de Campina, briga assim perto de mim mesmo só por causa de uma tatuagem, agredir o outro por conta disso. Alguns é fanatismo mesmo.
<b>KAIO</b>	Pra identificar que ele é da linguagem “Vida Loka” e identificar que ele tem coragem e mostrar pra todo mundo, pra seus rivais que ele possui aquela marca de torcida, levando “encarreadamente”. Eu que preciso o cara ter muita coragem pra chegar a esse ponto de identificação. Eu acho que determina muito a questão da idade, não é obrigado porque eu sou jovem, tenho 20 anos, não participo, não sair de torcida organizada, mas eu torço pelo meu clube, mas dá entender que se você ta perto você é um integrante, pela questão da faixa etária de idade.
<b>ALEXSANDRO</b>	<i>Não se pronunciou.</i>
<b>GUSTAVO</b>	<i>Não se pronunciou.</i>
<b>11-FALE UM POUCO SOBRE EVENTOS QUE SE DESTACARAM POR MARCAR A RIVALIDADE ENTRE AS TORCIDAS ORGANIZADAS.</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Resposta</b>
<b>KLEBER</b>	<i>Não se pronunciou.</i>
<b>FRANCISCO</b>	Essa parte de hoje em dia você tem a questão da violência que veio de uma forma pra cá, o pessoal não absorveu bem esse lado da torcida organizada, porque a capacidade de Campina Grande é uma cidade pequena de você viver essa realidade da forma como se implantou e no caso pode botar uma camisa da Torcida Jovem que o outro lado vai tomar, isso não existe porque as grandes cidades existe as rivalidades, mas em dia de clássico o cara não sai tomando camisa de ninguém, existe esse respeito, pode usar material, até porque as torcidas organizadas sobrevivem de venda de material e se o cara não consegue valorizar o material, como o cara vai sobreviver? Como você vai faturar? É complicado. Em Recife e nas grandes capitais as diretorias das torcidas organizadas elas conversam entre si, eles conversam existe esse diálogo, só que aqui em Campina vem de uma forma diferente, viram tudo inimigo, na diretoria é um querendo matar o outro e isso aí foi criando essa coisa tão negativa que ficou, diante do que vinha acontecendo, que chegou ao ponto que chegou, de quem quer extinguir e ninguém compra mais material, e o cara hoje faz 50 camisas, eu cheguei a fazer 400 camisas e vendia rápido, hoje o

	<p>cara faz lote de 50 camisa, pra vender é o maior trabalho, tá entendendo? Porque só quem compra são aquelas pessoas que realmente diz assim: Eu vou vestir e custe o que custar, vou pra guerra. Chegava muito na época que era torcida, chegava um casal de namorados, o cara comprava a blusa do esporão feminino, o cara comprava uma pra ele e sai os dois padronizados pro estádio, só pra ver a festa no estádio, não tinha nada a ver com negócio de violência, ele gostava daquela sigla, mas dentro do estádio. Se você pegar os vídeos que tem no youtube aí de 2005, 2006, 2007 é coisa linda cara! É de arrepiar qualquer um. Aí depois o negócio foi desviando o rumo, da função e infelizmente chegou ao ponto que chegou.</p>
<b>NETO</b>	<p>A rivalidade sempre vai ter, e ninguém é santo, mas quando marginalizou as torcidas, “vim” de fora, aí eles não toleram um ao outro e quando trouxe isso aqui pra dentro, a mesma e eles aqui passaram a não tolerar um da Jovem e um da Fação, mesmo sendo conhecido as torcidas se marginalizaram.</p>
<b>KAIO</b>	<p>Influi muito o lado do esporte né? O lado do esporte é saúde, lazer e aprendizado, tem que aprender, porque no esporte você tá na problemática do futebol, ali você disputa, ou ganha ou perde, então o aprendizado é o que? Você saber a brincar, é aprender a perder, então algumas pessoas confundem não interpreta de que, eu sou amigo de Neto, não vou ser amigo dele porque ele torce pro Campinense. Existem pessoas que pensam assim. Porque ele é trezeano eu não vou ser amigo dele. Tem pessoas que não tem nada na cabeça e pensa assim.</p>
<b>ALEXSANDRO</b>	<b>Não se pronunciou.</b>
<b>GUSTAVO</b>	<b>Não se pronunciou.</b>
<b>12-QUAL SERIA A SOLUÇÃO PARA OS EVENTOS TRÁGICOS ENVOLVENDO TORCIDAS ORGANIZADAS?</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Resposta</b>
<b>KLEBER</b>	<b>Não se pronunciou.</b>
<b>FRANCISCO</b>	<p>Eu acho que, como eu tava falando, é a questão da empresa, acho que toda empresa ela tem que ter responsabilidade dos seus sócios e seus diretores, tudo registrado certo? Cartório, ficha de antecedentes criminais, aí cada um com suas funções certo? E cadastro dos membros, dos associados, quem não se associar não compra material e nem participa da torcida, porque só assim tem o controle de tudo que pode acontecer. Porque se o cara chega e compra uma camisa e eu sou da Jovem do Galo e chega lá, compra uma camisa, aí vai você, fez um trabalho de dez anos da torcida</p>

	<p>pra moralizar, pra crescer a torcida aí o cara vai fazer uma merda, aí ele não tem cadastro nem nada, aí não! Ele é Torcida Jovem, mas quem é ele? Não tem cadastro de nada, não sei quem é essa pessoa. Ele chega comprou a camisa com o dinheiro dele e foi embora e disse que era da Jovem, não sei se ele era assaltante, se ele era qualquer coisa, qual era a intenção dele? E se ele é realmente torcedor do Treze, porque vai vim um cara de outro time pra prejudicar sua torcida e é muito simples você ser sócio de uma torcida organizada, você chega lá com dinheiro e compra. Comprou você pode ser torcedor do Sport Campina, ou do Sport Recife, eu sou da Jovem do Galo. E tem uma política também de torcida organizada eu acho muito errada, que é o cara que ele torce pelo Campinense e depois ele vai pra Torcida Jovem do Galo, e é aceito às vezes vice-versa, isso acontece muito com organizadas por aí! É tanto que no caso que aconteceu em Fortaleza, que foi Treze e Ceará, o cara que arremessou a bomba na torcida do Treze ele já esteve em Campina Grande na sede da Torcida Jovem, ele era da TUF, então ele era um turista da torcida organizada, ele já tinha passado na TUF aí expulsaram ele, aí ele foi pra MOF, que uma torcida do Ceará, é uma coisa que eu não consigo entender! Eu só torço pelo time que é o Treze, como é que eu sou Treze e depois vou torcer pelo Campinense? Na minha cabeça não entra.</p>
<b>NETO</b>	<p>Identificação de torcedores. Porque muitos não vão tá no cadastro de torcedores porque já são “fichado” na polícia. O cara vai dar endereço, tá lá no ministério público. O cara vai buscar em casa. Então se houver mais fiscalização entre clube e torcida mesmo, aí vai melhora bastante.</p>
<b>KAIO</b>	<p>Eu acho assim, que tem que se reunir da mesma forma que estamos fazendo aqui hoje, pra tentar amenizar a situação. Ministério público, Polícia Militar, Polícia Civil e principalmente a Federação Paraibana de Futebol pra tomar alguma providência, porque o futebol da Paraíba, o campeonato paraibano está caindo “das pernas” e se ninguém tomar uma providência a violência só vai afundar mais ainda o nosso futebol. Enquanto alguma autoridade não tomar providência, fizer uma reunião igual nós estamos fazendo aqui, isso não vai durar muito.</p>
<b>ALEXSANDRO</b>	<b>Não se pronunciou.</b>
<b>GUSTAVO</b>	<b>Não se pronunciou.</b>
<b>13 -COMENTE SOBRE O FUTURO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS EM CAMPINA GRANDE.</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Resposta</b>
<b>KLEBER</b>	<p>O futuro, eu não digo nem acabar sabe? O futuro é triste. Porque como eu já disse várias vezes, o futuro das torcidas organizadas</p>

se não tirarem essas pessoas que estão dirigindo e movimentando elas erradas a tendência é só piorar, prejudicar os clubes, né? Porque as torcidas organizadas hoje já não tem nenhuma relevância dentro do clube. Se você pegar aqui umas imagens e dizer: presidente, me diga aqui, essa torcida aqui ajuda em que? Ele vai dizer: eu quero que ela se acabe! Porque isso que marca. Você chegou pra um torcedor e disser o que é que o senhor acha de uma torcida organizada? Ele vai dizer: Eu quero distância. Eu tiro agora tanto por mim e até o próprio Chico, a gente conversou um bom tempo, né? E “tava” dizendo que a Torcida do Treze é do Campinense vai passar 200 anos e vai lembrar da gente, porque eu ainda ganha pra Chico, porque Chico por conta de torcida ainda foi preso porque quebrou o troféu, e eu por causa de torcida organizada nunca fui preso. Fui na porta de uma delegacia pra soltar os outros. Então eu acho isso agora se você chegar pra um torcedor do Treze e dizer Francisco Chico da Tocha? O cara vai dizer: Eu ajudo. Porque faz. Às vezes, pronto, ontem mesmo o presidente da Facção chegou pra mim e disse; Kleber a gente tá precisando da sua ajuda. Eu sei que a pessoa que veio merece a credibilidade, eu disse: Tá certo, vamos ajudar, eles rodaram dentro do Renatão todinho e não conseguiram. Eu abri a boca lá e um torcedor ajudou. Quer dizer, isso prova que a credibilidade é de quem dirige as torcidas organizadas, entendeu? Porque eu acho que hoje se as torcidas organizadas de Campina Grande, tanto de Treze como de Campinense chegasse assim a fazer uma mudança radical e dizer: a gente vamos ajudar ao clube, pode ter certeza que ela hoje faturavam mais do que os clubes. Eu digo porque em Recife, hoje é melhor você ser presidente de uma torcida do que ser um funcionário público Federal aqui. Você ganha mais. Eu digo por que conheci Marinho, ex- presidente da Jovem, Marinho quando presidente certo? Comprou uma loja no shopping lá com o dinheiro da torcida, na faixa de quase duzentos mil reais em duas semanas pela campanha que fez. Marinho andava de Hilux e a torcida bancava. Mas aqui em Campina Grande se você for vestir uma camisa da própria torcida, se você for andar de bicicleta, você não trabalhando não o adianta de nada. Porque acha que a torcida ela fez por onde chegar a esse ponto. Francisco já disse bem, chegou um ponto que a torcida Jovem vendia mais que o Treze. Chegou um ponto que a Torcida do Campinense, a Facção vendia mais do que a do Campinense, mais quando tinha pessoas que sabiam trabalhar, e hoje aqui em Campina Grande a tendência é só esses “maloquerim”, “seis de um lado e seis do outro” ficar incentivando essa brigas, um matar os outros, tem que morrer, porque “cicrano” tem que morrer pra ver quem é maior quem é menor. E usando o nome da Torcida, porque eu já disse que não tão usando o nome deles, quando a polícia vai nunca diz que foi Kleber, foi Francisco, foi a Facção, foi a Jovem.

<b>FRANCISCO</b>	Realmente é um futuro bem remoto mesmo. Porque como a coisa tomou um rumo negativo, isso aí tendência é só o ministério público, que já vem acompanhando isso a muito tempo, pedir a extinção né? Agora cabe a quem tá no comando que inverta essa situação, fazer com que a coisa flua para o lado positivo e não pro lado negativo.
<b>NETO</b>	A extinção delas. Porque os órgãos já tentando se mobilizar porque não tá fazendo por onde. É [...]Extinguir, mas os clubes tem que fazer por onde as torcidas, até no futuro elas tão participando ainda com clubes, porque os clubes deviam ter mais responsabilidade com seus torcedores e não deixar eles ficarem nessa marginalidade e acaba prejudicando o clube.
<b>KAIO</b>	O caminho que vai é a extinção. Porque se não tiver ninguém pra tentar corrigir, administrar, algum órgão responsável, os integrantes vão terminar como já vem acontecendo, um matando o outro e vindo a falência e não vá mais ter torcida organizada.
<b>ALEXSANDRO</b>	Não se pronunciou.
<b>GUSTAVO</b>	Não se pronunciou.